

Silvio Romero de Barros Marques

A black and white portrait of Romero Marques, a middle-aged man with short, dark hair, wearing a dark suit jacket, a white shirt, and a dark tie. He is looking slightly to the right of the camera with a neutral expression. The background is a plain, light-colored wall.

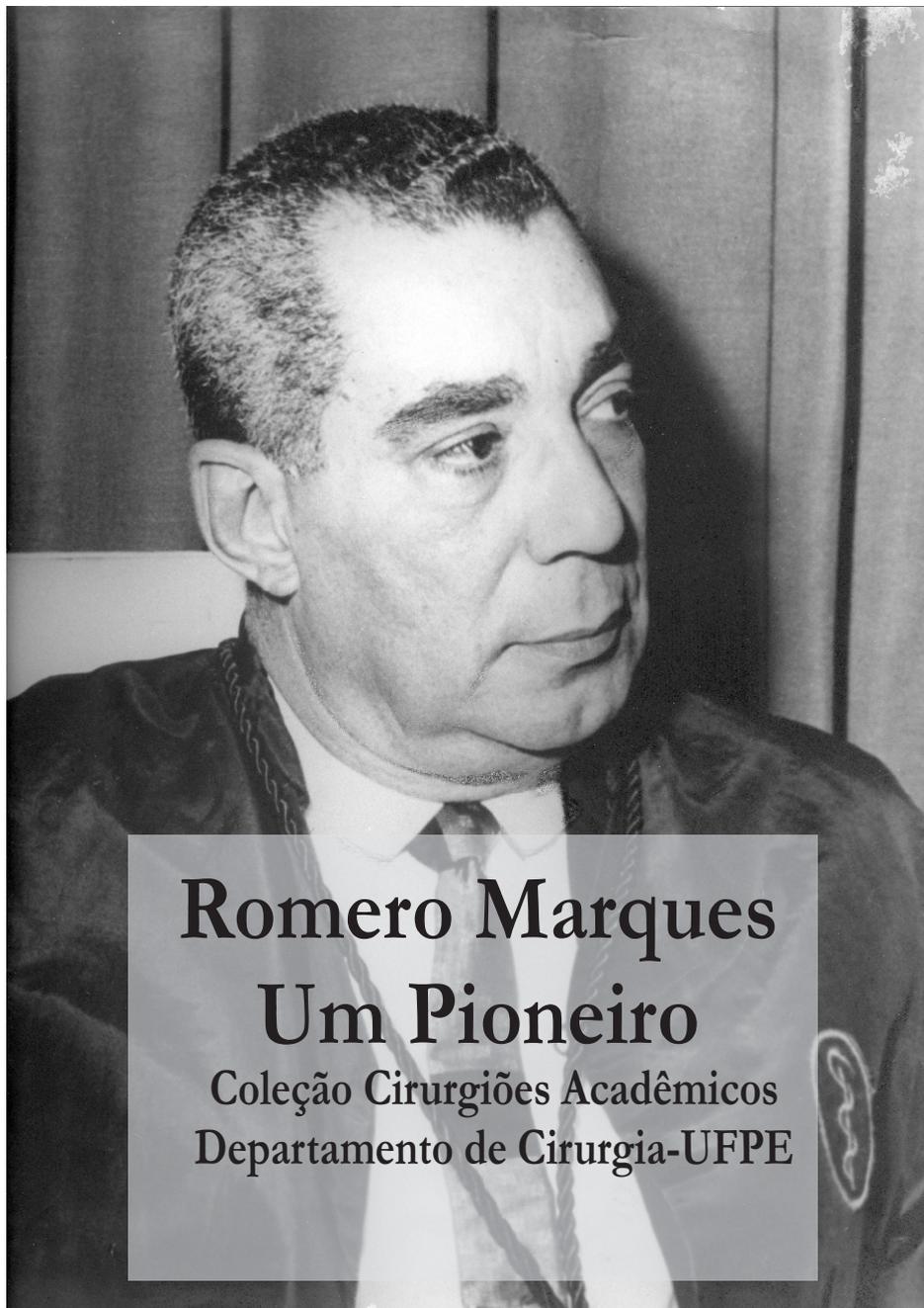
Romero Marques Um Pioneiro

Coleção Cirurgiões Acadêmicos
Departamento de Cirurgia-UFPE

Recife, 2017



Silvio Romero de Barros Marques



Romero Marques
Um Pioneiro

Coleção Cirurgiões Acadêmicos
Departamento de Cirurgia-UFPE

Recife, 2017

Catálogo na fonte:
Bibliotecária Kalina Lígia França da Silva, CRB4-1408

M357r Marques, Silvio Romero de Barros.
Romero Marques : um pioneiro [recurso eletrônico] / Silvio Romero de Barros Marques. – Recife : Ed. UFPE, 2017.
(Coleção Cirurgiões Acadêmicos Departamento de Cirurgia - UFPE)

ISBN 978-85-415-0880-3

1. Marques, Romero ,1903-1997. 2. Cirurgiões – Pernambuco – Biografia. 3. Cirurgiões – Brasil – Biografia. I. Título. II. Título da coleção.

926.1 CDD (23.ed.)

UFPE (BC2017-026)

Apresentação

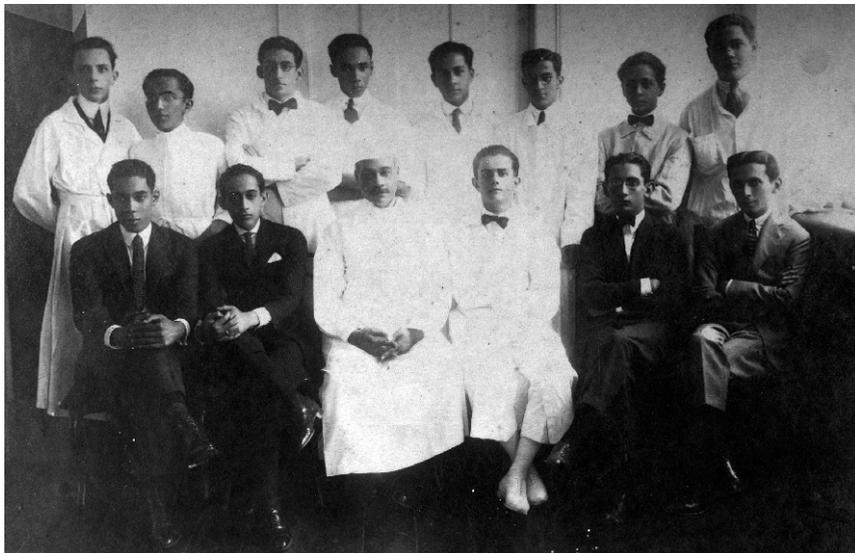
As páginas que seguem, apesar do seu conteúdo, não pretendem construir um perfil biográfico do Homem e do Mestre da Cirurgia Pernambucana Romero da Gama Marques. Vinte anos após a sua morte e com a recuperação de acervos fotográficos familiares, documentos de sua biblioteca com cerca de cinco mil volumes e outras contribuições institucionais, a alternativa não poderia ser outra senão condensar em uma única publicação os registros mais marcantes de sua extensa atividade profissional.

De início, não seria possível uma justa interpretação da personalidade do Professor Romero Marques, sem uma visão ainda que resumida, da influência recebida do seu pai, o também professor, Arnóbio Marques. Vários biógrafos e historiadores médicos como Clóvis Sarinho e Leduar de Assis Rocha, concordam ao admitir que: “ Alfredo Arnóbio Marques representa para a Medicina Pernambucana um marco definitivo entre a medicina empírica e artesanal e a Medicina moderna de Pasteur, Lister e Virchow”.

Alfredo Arnóbio Marques filho de Maria Francisca Ferreira e João Paulino Marques nasceu em Recife, no dia 20 de fevereiro de 1866. Fez seus estudos iniciais em escolas particulares recebendo formação básica através da educadora Maria Fortunata, latinista de reconhecido valor entre os intelectuais de então . Recife no final do século XIX, era uma vila próspera em pleno período desenvolvimentista da cana de açúcar. Os engenhos banguês davam lugar às usinas. Os efeitos sociais benéficos da energia elétrica, do telefone, e do automóvel apenas começavam a ser conhecidos. Alguns produtos como o relógio de pulso, a caneta tinteiro e a fotografia não iam além da imaginação fértil dos seus inventores. Arnóbio, filho mais velho de uma família de cinco irmãos, decidiu-se pela medicina influenciando o seu irmão mais jovem João e ambos, em momentos distintos, seguiram o curso de medicina na atual Faculdade de Medicina da

Universidade Federal da Bahia, a mais antiga do Brasil. A escolha pela medicina poderia ser considerada como um desejo de ascensão social, não fosse o fato do seu pai Sr. João Paulino Marques ,agente alfandegário, ter lhes proporcionado uma esmerada educação científica e humanística.

Arnóbio Marques concluiu o Curso Médico na Bahia em dezembro de 1899, em plena efervescência do movimento Republicano e Abolicionista. Originário de uma família de ascendência africana com seus traços fisionômicos e sua tez de mulato, beneficiado pelas leis antiescravagistas, seguiria o destino de brasileiros ilustres como Machado de Assis, Cruz e Sousa, José do Patrocínio, Tobias Barreto e muitos. Em seu retorno ao Recife em 1900 início do século XX, nomes de importância apresentavam-se como pilares da medicina em Pernambuco : Joaquim Loureiro, Octavio de Freitas, Augusto Chacon e Vicente Gomes, com os quais participou como vice-Presidente da organização do 1º Congresso Médico de Pernambuco realizado em 1909 no Recife no Liceu de Artes e Ofícios. Em 11 de maio de 1903, fundou a Escola de Farmácia da qual foi o seu 1º diretor. Em 1911, foi eleito presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Finalmente, em 1915, participou da primeira congregação e inauguração da Faculdade de Medicina. Arnóbio Marques e João Paulino Marques Júnior participaram da formação dos órgãos representativos dos médicos em Pernambuco. Foram fundadores da Faculdade de Medicina fazendo parte de sua primeira congregação. Presidiram em épocas distintas a Sociedade de Medicina de Pernambuco, hoje Associação Médica de Pernambuco, e João Marques foi um dos criadores do Sindicato dos Médicos e seu primeiro presidente. Desenvolveram nas suas especialidades escolas de grande prestígio, Arnóbio na Cirurgia e João na Clínica Médica e Cardiologia. Arnóbio teve como mestre e orientador o notável e prestigiado cirurgião Malaquias Gonçalves. Juntos formaram destacado núcleo de formação de cirurgiões, mais tarde continuado por Romero Marques.



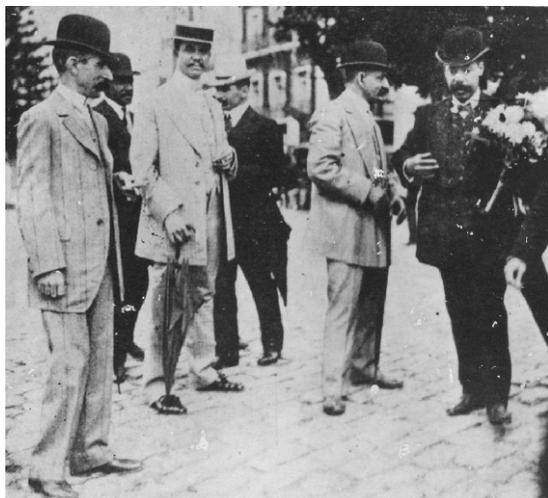
Reunião Clínica no Hospital Pedro II- Serviço do Prof. João Marques. Sentados à esquerda Romero Marques e Gil Garcia de Campos, ao centro o Prof. João Marques e Sylvio Caldas, de pé ao centro Sylvio Marques.

II

Arnóbio e Maria do Carmo tiveram seis filhos, Ruth, Sylvio, Romero, Lavínia, Eunice e Rachel. Sylvio e Romero instados pelo exemplo do pai tornaram-se médicos. Escolheram a cirurgia como ofício, na época já apresentando os vestígios das diferentes especialidades. O século XX que se iniciava com o primeiro conflito mundial determina extraordinário avanço tecnológico e manifestações artísticas e culturais inovadoras.

O Professor Arnóbio, fluente em francês e italiano, realizou em 1900 e 1910 duas viagens à Europa, visitando os mais importantes centros médico-cirúrgicos da época. Direccionou então a educação dos seu filhos para o ensino de idiomas e da teoria musical. A dominação cultural francesa

fez com que todos os filhos tivessem lições particulares de inglês, francês, alemão e piano. Para os filhos Sylvio e Romero, escolheu o Colégio Americano do Recife, bem avaliado na época pela modernidade pedagógica, e o Ginásio Pernambucano pelo seu excelente quadro de professores, entre estes o Prof. Alfredo Freyre. Sylvio e Romero ao término do ensino médio transferiram-se, o segundo um ano após o outro, para Salvador na Bahia sendo admitidos na seleção para a Faculdade de Medicina.



Instantâneo tirado na Lingueta do Porto do Recife na ocasião em que embarcou para Europa o ilustrado cirurgião Prof. Arnóbio Marques. (o primeiro da direita para esquerda) (1900)

Romero da Gama e Marques filho de Maria do Carmo Gama e Alfredo Arnóbio Marques, como veremos em detalhes nos próximos capítulos, concluiu o curso de Medicina em Salvador na mesma faculdade que seu pai se formara, e obteve o título de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas em 1924. Na ocasião, apresentou sob a orientação do Professor Fernando Luz trabalho de Tese intitulado: *Das Ressecções nas Anciloses do Cotovelo*. A permanência em Salvador por 5 anos proporcionou aos irmãos Sylvio e Romero um período rico em experiências

e aprendido. Momento aqui lembrado no discurso de agradecimento pela conquista da cátedra no Clube Português, quando se dirige ao colega de turma e amigo dileto *Gil Garcia de Campos*. Sylvio, o irmão mais velho, seria durante toda a vida o «alter ego» de Romero. Consultor, conselheiro, e confidente foi o sócio perfeito, o auxiliar ideal, a sombra protetora de Romero. Sobre Sylvio escrevemos o artigo «o cirurgião do amor» reproduzido no último capítulo.

De volta ao Recife Sylvio inicia sua formação junto ao Professor Luís Inácio de Barros Lima e Romero, um ano mais tarde, filia-se ao serviço do Professor Frederico Curió. Logo despontam as suas qualidades cirúrgicas, ele mesmo se definindo pelos três agás : “Head, Hand and Heart” quando cita Dartigues nas comemorações dos 30 anos da Faculdade de Medicina do Recife. Três anos após o seu Doutorado, já influenciado pelas ideias de René Leriche sobre a vasomotricidade, apresenta-se para concurso de Docência Livre da Faculdade de Medicina do Recife, confirmando o seu pioneirismo na cirurgia vascular no Brasil (Sidney Arruda). Defendendo a Tese: Da Simpatectomia Peri-Femoral, em concurso público de provas e títulos, ingressa na Faculdade de Medicina do Recife como Professor Livre Docente da Cátedra de Clínica Propedêutica Cirúrgica do Professor Arnóbio Marques, tornando-se o primeiro Docente Livre da Faculdade de Medicina do Recife.

Aos 27 anos, portanto enfrentando a resistência dos mais velhos, acompanhava a progressiva perda de visão do Dr. Arnóbio vítima de glaucoma , contudo sem ficar privado da clareza dos seus saberes. Em 1934, casa – se com Sonia Escobar de Barros e têm sete filhos: Marcio Severo, Martha Maria, Helena Maria, Alfredo Arnóbio, Silvio Romero, Mauro Henrique e Sonia Maria. Romero Marques seria chefe de serviço de fato aos 29 anos e iniciaria uma carreira fulgurante até tornar-se Professor Catedrático de Clínica Propedêutica Cirúrgica em 1937, sendo neste propósito fortemente apoiado pelo Doutor Eustachio de Carvalho que ocupava interinamente a Chefia do Serviço do Professor Arnóbio no Hospital Pedro II.



Sônia e Romero Marques - 1949

A abertura de vaga para o concurso foi revestida de grande expectativa. Em parte pela anunciada aposentadoria do Professor Arnóbio e por outro lado pelos concorrentes que se previam. Findado o prazo para as inscrições, apresentaram-se João Alfredo Gonçalves da Costa Lima e Romero da Gama Marques. Uma contenda cheia de contrastes. A tradição familiar de João Alfredo contrastava com a curta história de Romero que remontava em três gerações às miscigenadas raízes étnico-sociais recém emancipadas. Eram ingredientes suficientes para aumentar o interesse da disputa na província do Recife, ainda sofrendo repercussões do movimento político de 1930.

O Diretor da Faculdade de Medicina do Recife, professor Ageu Magalhães, confirmou para a banca examinadora cirurgiões professores de maior prestígio no país. De São Paulo, da USP, vieram Alípio Correia Neto e Edmundo Vasconcelos, da Faculdade de Medicina do Recife Luís Inácio de Barros Lima e Frederico Curio e da Faculdade de Medicina da Bahia o Professor Fernando Luz. Além de um gesto de coragem, a decisão de concorrer à Cátedra traduzia um compromisso assumido de autonomia e liderança que seria definitivo. Os que viveram este momento acadêmico sentiram-se a partir de então alforriados intelectualmente, confortados e estimulados pela vitória do Mestre no concurso. Esta sensação nos revela o discípulo Ângelo de Abreu e Lima em seu discurso de saudação ao amigo Romero na passagem dos seus 50 anos, reproduzido na íntegra neste volume.

Conhecendo a limitação que impediria ao professor Arnóbio a leitura de sua tese para o concurso “Exploração Arteriográfica dos Membros” assim expressou seu amor filial o Dr. Romero Marques na dedicatória do seu trabalho, que aqui reproduzimos com o mesmo sentimento.

:

A meu pai

Prof. Arnóbio Marques

Do teu convívio amigo, de mestre inigualável, cheio de saber e experiência, nasceu em mim, a vontade firme de cultivar a ciência em que pontificavas. Guiaste-me os primeiros passos, na arte nobre e bela em que pela inteligência, cultura e virtudes incedíveis, eras dos primeiros. Disseste-me das suas fadigas, das suas angústias, das suas emoções, e também das suas maravilhas, das suas alegrias, dos seus confortadores triunfos. Em tuas lições, no trabalho cotidiano de minorar o sofrimento humano, ensinaste-me a ser bom para com os fracos e infelizes. Foi a ti que recorri nas dúvidas e aflições que se me antepuseram no início da clínica, encontrando sempre um juízo acertado para remover as dificuldades e uma palavra boa para suavizar os meus dissabores. Depois que mal impiedoso ensombrou tristemente os teus dias, não se deixou abater o teu ânimo forte, encorajado nas renúncias sublimes da tua profissão, é na tua magnífica energia moral que tenho buscado forças para lutar e vencer. Tens sido sempre, para mim, o modelo dos homens. Em toda a minha vida tenho procurado seguir os teus exemplos e ensinamentos. Este trabalho escrevi-o sob tua inspiração. É teu,

Ah! si pudesses lê-lo...

Romero

III

O sucesso alcançado com a obtenção da cátedra por concurso foi seguido de grande repercussão no meio acadêmico universitário do Recife. O Professor Romero introduziu modificações no ensino da clínica cirúrgica desenvolvendo forte cooperação internacional. Fato marcante nesta época foi a visita que o Professor René Leriche, homenageado em várias páginas deste volume, realizou ao Hospital Pedro II em 1948. Sendo surpreendido por uma estrutura semelhante a dos serviços dos grandes hospitais franceses manifestou o seu entusiasmo de estar trabalhando com profissionais médicos que se expressavam com fluência em francês.

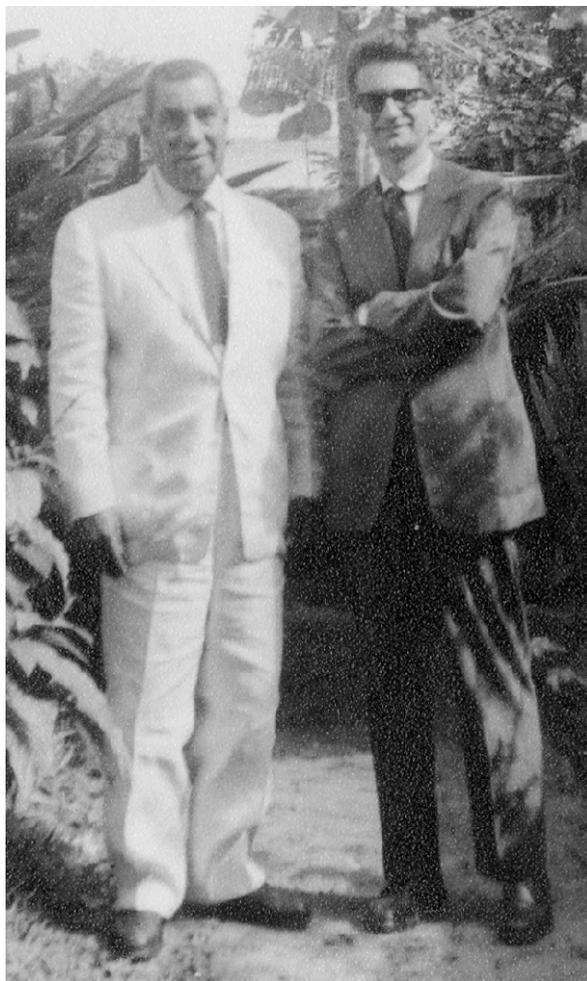
No ano seguinte em 1949, aceitando o gentil convite do Professor Leriche, o Professor Romero Marques desliga-se da sociedade que mantinha na Casa de Saúde Santa Inês, no Recife, e empreende uma longa

viagem à Paris estagiando por quatro meses no Serviço do Professor Leriche no Hospital Americano de Neuilly. Cinco anos após com a aposentadoria de Leriche, e mais uma vez orientado por este, volta à França, e em Strasbourg permanece por seis meses. Inicia-se entre René Fontaine, Professor Chefe de Serviço, e Romero Marques uma amizade fraterna, intensa, cheia de afinidades e de veneração pelo Mestre René Leriche. A partir deste momento uma pródiga relação acadêmica entre a Universidade Federal de Pernambuco e a Universidade de Strasbourg levaria dezenas de médicos e outros profissionais da área de saúde a realizar estudos de pós-graduação na França. Romero Marques e René Fontaine realizaram várias pesquisas juntos aproximando Recife e Strasbourg como cidades irmãs. Um dos marcos desta cooperação foi a permanência entre nós por três anos do Professor Jean-Pierre Gauthier-Lafaye. Jovem professor, recém concursado, atendendo convite do Professor Romero Marques, organizou no Hospital Pedro II um centro de formação e treinamento de Anestesiologia e Reanimação. Sobre este assunto se expressará no último capítulo do livro o Dr. Benedito de Abreu e Lima Neto ex Presidente da Sociedade de Anestesiologia de Pernambuco. De 1937 a 1972 o Recife seria lugar de Reuniões Científicas e Congressos Internacionais sob a inspiração do Prof. Romero Marques. Estas ocasiões são aqui retratadas com elegância literária por duas personalidades da medicina brasileira: O Prof. Eduardo Wanderley Filho da UfPE e o Prof. Sidney Arruda da UFRJ, ambos professores titulares e chefes de Serviço.

Por sugestão do Professor Leriche, com a criação do Instituto de Angiologia do Recife em 1959, o Professor Romero Marques desenvolveria uma linha de pesquisa sobre o sistema linfático. Anatomistas, fisiologistas, angioradiologistas, cirurgiões, clínicos e patologistas foram convidados a participar de trabalhos que contribuíram consideravelmente para a compreensão dos mecanismos fisiopatológicos de diversas doenças, como certas forma de câncer e as manifestações clínicas da filariose linfática. No Capítulo III, reunimos resumo dos artigos mais citados sobre este tema.

René Fontaine recebeu o Título de Professor Honoris Causa em 1963 da Universidade Federal de Pernambuco e Romero Marques tornaria-se Doutor Honoris Causa da Universidade Louis Pasteur de Strasbourg em 1974, onze anos depois.

Romero Marques foi longo e profícuo, teve 7 filhos, 15 netos e conviveu com os primeiros bisnetos. Seu trabalho foi reconhecido e louvado, principalmente na França cujo governo lhe concedeu o título de «Officier de l'Ordre National du Mérite».



Prof. Romero Marques e Jean Pierre Gauthier - Lafaye -
Recife residência do Prof. Romero Marques, Graças 1962.

Prefácio

Quando em tempos pretéritos (2000-2002), coordenávamos, juntamente com o Professor Silvio Romero de Barros Marques, o Departamento de Cirurgia da Universidade Federal de Pernambuco, nos inquietava entre outras questões, a necessidade de preservar, sobretudo para os cirurgiões mais jovens, a memória e os legados de diversos mestres da cirurgia na UFPE, cujas histórias de vida e de profissão estavam ligadas ao progresso da especialidade não apenas no nosso meio. Estes “precursores do futuro”, à semelhança de João Batista aplainaram os caminhos e limpavam as veredas do saber, permitindo o aprofundamento do conhecimento científico e os avanços da prática cirúrgica, induzindo com seus desbravamentos e antecipações a qualificação de seus assistentes e, por consequência, da assistência médica.

Assim, impulsionados por estas evidências, fomos desafiados a registrar em livro a vida e as contribuições destes professores procurando resgatar suas heranças e influências, de maneira que também se tornassem exemplos para as futuras gerações de cirurgiões.

A intenção, então, de criar uma coleção intitulada de início “Perfis de Cirurgiões Acadêmicos”, prestando tributo a cirurgiões do nosso Departamento, foi se consolidando, alguns esboços foram feitos, mas, infelizmente, dificuldades operacionais e escassez de recursos, aliados, como sempre, à inclemência do tempo, não nos permitiram no nosso mandato dar início a este projeto acalentado com inaudito entusiasmo.

Agora, cerca de 16 anos após é com grande alegria que vemos o Professor Silvio ressuscitar a ideia e torná-la realidade, concretizando um sonho, sonhado por poucos, mas com certeza de serventia de muitos.

Nada mais justo e procedente que o primeiro volume da referida coleção seja dedicado ao Professor Romero Marques, não apenas por ter

sido o primeiro chefe do Departamento de Cirurgia, mas por seus méritos, seus pioneirismos em cirurgia, principalmente na angiologia e cirurgia vascular, por sua vanguarda nos estudos do sistema linfático e suas antecipações no estabelecimento de intercâmbios técnicos e científicos “extra-muros”, notadamente com a França, onde teve reconhecimento internacional pelo conjunto de seus estudos e contribuições à cirurgia vascular, recebendo insígnias e condecorações de diversas universidades daquele país. A tudo isto se associou, também, sua cultura ímpar, seu humanismo marcante e sua fidalguia exemplar. Procede então a citação de Charles Mayo (1865 – 1939), fundador da Mayo Clinic: “No estudo de alguns problemas aparentemente novos, nós frequentemente fazemos progressos lendo os trabalhos dos grandes homens do passado”.

Esta coleção que hora se inicia atende às preocupações do respeitado escritor americano John Galbraith Simmons, que se dedicou à história das ciências médicas, quando ressalta que a “compreensão errada do passado é a melhor forma de se ter uma percepção equivocada do futuro”. Nesta mesma linha, já na década de 1960, o historiador Henry Sigerist, brilhante erudito e autor de livros famosos como o “Great Doctors”, afirmava que “a tarefa da história da medicina não é celebrar, mas ressuscitar o que já foi e trazer de volta à vida, de modo que o passado possa se tornar uma experiência do presente e de forma que possamos nos conscientizar de onde viemos, onde estamos hoje e em que direção estamos indo”.

Esta concepção representa o fulcro desta coleção, que não pretende ter um caráter apenas memorialista, nem tampouco saudosista, pelo contrário, este volume inicial homenageando o Prof. Romero relata, como já referido, seus esforços, suas conquistas e suas contribuições à cirurgia, instigando o leitor a estabelecer uma associação entre o que foi feito no passado e o momento atual da cirurgia vascular, procurando estimular o espírito crítico e a valorizar as ações pretéritas, muitas vezes desenvolvidas em condições modestas de trabalho onde prevaleciam a criatividade, a

busca de soluções para problemas clínicos, o prazer de contribuir para a formação de cirurgiões e até mesmo a coragem de ousar com responsabilidade. Era assim, no ambiente universitário, que se forjava o cirurgião dito acadêmico, que teve no Prof. Romero Marques um dos seus expoentes mais admirados.

Mas afinal, o que vem ser o “Cirurgião Acadêmico? Como conceituá-lo e reconhecê-lo no presente? Para tal torna-se imperativo – sem nos afastarmos do espírito deste Prefácio – situar, primeiramente este profissional dentro do contexto da Universidade, instituição plural e locus do saber influenciada nas suas origens pela Academia de Platão (de caráter especulativo), pelo Liceu de Aristóteles (de traço empirista), pelos núcleos de estudos sediados nos mosteiros católicos e, por justiça, pelos pensamentos e escritos do célebre filósofo francês Pedro Abelardo, através de sua mais famosa obra “A Dialectica”. Alguns o consideram o mais ilustre teólogo e filósofo do século XII e o primeiro professor universitário.

Assim, a Universidade – nome advindo da expressão “Universitas”, do Papa Inocêncio III ao se referir a centro de estudos – passou a ser reconhecida no Ocidente (Século XI) como instituição garantidora do conhecimento que buscava também autonomia surgindo daí seus compromissos basilares e essenciais com a docência, a pesquisa e a extensão.

No Brasil, o respeitado pedagogo Professor Anísio Teixeira destaca que Universidade, além de ser o local de “definição de conhecimentos”, de “conservação de experiências do ser humano” e de “preparação de profissionais”, é somente ela o sítio específico e sagrado da investigação, produção e distribuição de conhecimentos, pressupondo para tal liberdade e autonomia para pensar e agir. Portanto, a priori, por definição, o Cirurgião-Acadêmico ou Universitário tem que estar profundamente ligado a esta Instituição, buscando contribuir para o progresso científico, que segundo Max Weber, é o fragmento mais importante do processo de intelectualização.

Entretanto, como o tempo é mutável, os conceitos e as interpretações sobre o Cirurgião-Acadêmico também o são, sem no entanto perderem sua essencialidade e sua matriz geradora. Assim, além das relações com a universidade, o profissional em apreciação deve apresentar também qualidades e atribuições que o torna especial, com predicados de elevada capacidade de criticar e analisar procedimentos, não apenas reproduzindo o ato operatório, inovar com consciência, possuir um preparo técnico diferenciado que o permita liderar uma equipe coesa, respeitada e eficiente, onde não hajam espaços para conflitos e nem desrespeito à meritocracia. Ter conhecimentos sedimentados em ciências básicas e participar de pesquisas e treinamentos em laboratórios de experimentação e em ambientes de simulações realísticas, torna-se fundamental para possibilitar a translação do conhecimento obtido na bancada para ulterior aplicação na prática clínica (“bench to bed”), atividade esta central do Cirurgião-Acadêmico pois traz consigo a multidisciplinaridade e a transversalidade só encontrada na Universidade, evitando o indesejável abismo (“Vale da Morte”- Butler, USA) entre cientistas da área básica e cientistas-cirurgiões da área clínica.

Além disto, a preocupação de formar novos cirurgiões qualificados obriga o líder a incluí-los em suas linhas de pesquisa, manter-se atualizado e disponível, consciente da grande responsabilidade de oferecer-lhes formação integral de médico e cidadão, ressaltando que a cirurgia é muito mais que um artesanato qualificado. Hutchinson afirmava com procedência: “Aprender para operar e não operar para aprender”. Preocupações com os financiamentos de pesquisas e atribuições burocráticas, embora pertinentes, não devem afastar o Cirurgião-Acadêmico do seu objetivo axial, para não comprometer suas atenções para enfrentar os desafios futuros da cirurgia como os procedimentos minimamente invasivos, os avanços dos transplantes, a robótica, a nanotecnologia cirúrgica, os progressos da vídeo-cirurgia e a terapia genética.

Nesta caminhada obstáculos e dificuldades certamente surgirão e poderão ameaçar o entusiasmo do Cirurgião-Acadêmico. As demandas

exageradas da assistência clínica e da pesquisa, as exigências típicas da vida universitária como a eterna e incansável disponibilidade de orientar, demonstrar conhecimentos e preparo técnico e cirúrgico exemplares são alguns desses problemas.

Surgem também as preocupações com a própria saúde e o medo do “burn-out”, cansaço e estresse físico e mental, que tem levado a taxas inquietantes de doenças cardiovasculares, de uso de drogas, além de abuso do álcool e principalmente de suicídio, evento muito mais elevado entre médicos, cinco vezes maior que na população geral. A convivência com a morte e o morrer, as exigências para demonstrações externas de sucesso financeiro e as frustrações com os baixos e injustos salários, obrigam à multiplicidade de empregos, agravando os problemas, fatores que no seu conjunto são responsáveis pelo afastamento de cirurgiões da Academia. Como se não bastasse, o Cirurgião-Acadêmico, à semelhança de todo ser humano, angustiado pela sua fragilidade ontológica, deve também se preparar para o declínio progressivo do prestígio com o passar do tempo, com a convivência indesejável com a finitude e com a compreensão de que chegará o dia em que deverá se aposentar do trabalho (mas não da vida!).

Fica, portanto, o Cirurgião-Acadêmico, embora principal protagonista, à mercê de duas variáveis: uma dependente dos avanços e da força inovadora da Universidade e da sua capacidade de promover melhorias que cheguem até a ponta do sistema, com o reconhecimento e valorização do trabalho do seu corpo docente. Outra variável está intimamente relacionada com a própria Cirurgia, pois com o esgotamento do sistema departamental, deve buscar outros mecanismos de gerenciamento e com isto propiciar condições para as mudanças e adaptações de suas propostas pedagógicas para o ensino da especialidade na graduação e, sobretudo, na Residência Médica em Cirurgia, procurando novos e mais eficientes caminhos.

Todas estas questões aqui levantadas devem ser cuidadosamente apreciadas para não enquadrar o Cirurgião-Acadêmico na categoria dos semi-deuses ou habitantes do Olimpo ou mesmo entre os homens ditos

heróis, que carregam dentro de si as labaredas de Prometeu. Não! São profissionais especiais vocacionados para o magistério, ligados à Universidade e a seus eixos essenciais, com as qualidades já referidas, mas com problemas e desafios a enfrentar, todos eles entretanto motivados pela imensa alegria de gerar conhecimentos, pelo grande prazer de participar da formação e treinamento de futuros cirurgiões e pela inusitada felicidade de contribuir para a melhoria e progresso da cirurgia, tornando-a um procedimento seguro e globalizador de benefícios.

Robert Sutton, Professor-Acadêmico do Royal Liverpool University Hospital, sintetiza estas colocações salientando que o “Cirurgião-Acadêmico precisa ser versátil, com excelente habilidade de comunicação escrita e verbal e deve ser um reservatório cheio de perseverança, zelo, paciência e resiliência para poder arcar com as responsabilidades e as dificuldades do ensino, das publicações, dos fundos de pesquisa, além de ser habilidoso para se mover com equilíbrio e sucesso entre a clínica e a pesquisa”.

O perfil do Prof. Romero , sua história, sua vida e legados, muito bem explicitados nos diversos capítulos que compõem o presente livro, permitem com facilidade chegar-se à compreensão e à evidência de que ele foi um autêntico Cirurgião-Acadêmico, um homem adiante do seu tempo, comprometido com sua profissão, preocupado com seus semelhantes e amante da vida, utilizando para satisfazer tais compromissos sua mente, suas mãos e seu coração.

Renato Dornelas Câmara Neto
Professor de Cirurgia da UFPE (Aposentado)
Membro Efetivo da Academia Pernambucana de Ciências
Acadêmico Titular da Academia Pernambucana de Medicina
Sócio Titular do Instituto Pernambucano da História da Medicina

orelha
Anísio Brasileiro - Reitor da UFPE

Sou grato por ter a oportunidade de escrever essas linhas sobre o professor Romero Marques que, como bem define Dr Renato Dornelas em seu excelente prefácio ocupa a primeira linha na lista dos «Cirurgiões Acadêmicos» da Universidade. Eu acredito que Romero Marques expressou ao longo de sua carreira universitária o que chamaria os valores ou os sentidos da universidade pública brasileira na sua jovem história: valorização do conhecimento, avaliação pelo mérito, respeito às diferenças e à diversidade de opiniões e luta incessante por democracia e direitos sociais e coletivos.

Ao concluir a leitura do livro, convencido que o Professor Romero exemplifica valores universitários, me dei conta o quanto a sua trajetória se alinha e se integra com a do seu pai Arnóbio Marques e a do seu filho Silvio Romero também professores da UFPE inscritos no perfil de «Cirurgiões Acadêmicos»”.

Cada um em seu tempo, a seu modo, respondendo aos desafios de cada momento vivido pela sociedade os três afirmam e vivem a experiência da internacionalização solidária do conhecimento. Seja nos anos 1900 e 1910 em missões científicas à Europa realizadas pelo Prof. Arnóbio Marques ou em 1948 quando o Prof. Romero Marques recebe o Prof. René Leriche para o nosso Pedro II, decorrendo daí a Criação do Instituto de Angiologia do Recife e seu título de Doutor Honores Causa pela Universidade Louis Pasteur de Estrasburgo em 1974. É nessa trajetória de internacionalismo acadêmico que vamos encontrar nosso Silvio Romero Vice-Reitor da UFPE (2011-2015) realizando sua formação acadêmica em Paris e Montpellier nos anos 70 e assim conseguindo a retomada da cooperação científica entre nosso Hospital das Clínicas e o Centro Universitário de Toulouse nos anos recentes.

Concluo essas breves linhas saudando o espírito democrático do avô, pai e filho, expresso pelo Prof. Romero Marques em 1945, no contexto do pós-guerra, quando em memorável discurso de abertura do Curso Médico da Faculdade de Medicina do Recife afirma: “toda história do mundo em qualquer aspecto que se encare é história do esforço do homem para alcançar a sua liberdade. Liberdade que há de conquistar, que há de existir. Liberdade necessária para que a chispa surpreendente da inteligência e da sensibilidade vá brilhando inesperada e irregularmente a fim de que sempre se formem novos horizontes do progresso”.

Capítulo I

Discurso de Posse na Cátedra de Clínica Propedêutica Cirúrgica (1937)

Exmo Sr.Diretor
Srs. Representantes Oficiais
Senhores professores
Minhas senhoras
Meus estudantes
Meus senhores



Posse de Professor
Catedrático na Faculdade
de Medicina. Discurso de
Saudação do
Prof. Frederico Curio

Discurso de Posse do
Prof. Romero Marques.



Depois da afirmação legal – o compromisso- a frase preceituada – o discurso. Na alocução de posse, segundo as normas habituais, refere-se em minúcias ao feito que culminou pelo galardão.

Não me parece justo, em plenário tão festivo, insistir em lembranças; porque seria demasiado longo, tudo analisar.

Todo trabalho considerado pronto vale menos do que encarado no seu lento desenvolvimento. Um concurso remata nas provas públicas, porém encerra muito mais. Não é tarefa de um só e sim ação de muitos, porque não é uma realização de dias ou meses, mas trabalho de longo tempo em que se vai lentamente alicerçando o espírito de seguros conhecimentos; requer além do mérito próprio a alheia contribuição dos que analisam, aconselham, orientam e ensinam. Há mais ainda: a ação dos que julgam, às vezes apaixonadamente, outras com serenidade, sem contar com os apreciadores intransigentes ou calmos até os chamados indiferentes. Tudo isso comentado talvez fosse desprimor ou mesmo perigoso; o perigo das susceptibilidades. Há homens de reações vasomotoras tão apressadas.

Lecene, o genial Lecene, via no homem sob dois aspectos: o de ser *faber* e de ser *loquens*; o *faber*, junto ao concreto, imagina aparelhos e cria técnicas; o *loquens* é capaz de falar, nomeando o existente e o inexistente. Se o *homo faber* com seu saber empírico é incapaz de transmitir; o *loquens* perde-se no verbalismo. Unidos tornam-se *sapiens* ou *socialis*, o homem apto a criar e transmitir um *überwelt* – um supra mundo- evitando o puro *gegenwelt* – um mundo material: a técnica unida às artes, poética e metafísica.

Artur Gonçalves era bem o homem social. Não se deixou arrastar pelo utilitarismo da época, nem via na sua profissão, meio exclusivo para proventos materiais. Como professor, homem de sociedade, político, teve uma compreensão elevada dos seus deveres, visando sempre o bem coletivo. Formado em 1908 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, exerceu os cargos de auxiliar acadêmico no serviço de profilaxia da febre amarela e interno da clínica otorino-laringológica, serviço do Prof. Carneiro da Cunha, onde se inspirou para tese do doutorado – aprovada

com distinção: Das Pio Labirintites. Exerceu, durante algum tempo, com proficiência, a chefia do gabinete de identificação deste Estado e de médico da higiene Municipal. Professor de Terapêutica da antiga Escola de Odontologia, passou a idênticas funções com a criação da Faculdade de Medicina e depois para Cátedra de Terapêutica Clínica do Curso Médico. Com a criação da cadeira de Propedêutica Cirúrgica, transferiu-se para essa disciplina. Artur Gonçalves foi a personificação da probidade, da correção, da bondade serena, da simplicidade. No silêncio, lá no seu serviço do Hospital Santo Amaro, realizava, sem alaridos ou pompas, uma obra cirúrgica de marcado valor, acolhendo com simpatia e orientando superiormente os jovens que o procuravam e que ele tão bem os sabia compreender. A morte não permitiu uma ação mais longa do mestre trabalhador e capaz e ele desapareceu como tinha vivido: na calma dos que passaram pela terra para espalhar o bem, dar o exemplo do amor, do devotamento ao trabalho e da prática da soberana bondade.

Senhores professores, escreveu o sábio filósofo Bertrand Russel: “Perhaps the oldest thing about science is its return do Pythagoreanism”. A física geral nos conduz a novas concepções sobre matéria, espaço e tempo. Einstein assimila o tempo a uma quarta dimensão do espaço. Outras pesquisas mostram uma tendência para um futuro rico em síntese, em substituição a um passado cheio de análise. Há nos caracteres sintéticos das teorias físicas atuais uma rede de harmonia, inclinação para unidade. Como diz Delore: “a física confirma a analogia fundamental: o átomo e a célula são um mundo; o microcosmo é análogo ao macrocosmo. A física celular junta-se à física cósmica”. A metafísica se impõe, sustentada pelas teorias científicas modernas e pela matemática; “ a crença numa ordem transcendente à física é a única razão de ser da teoria física”. Sábios admitem que a matéria é número, físicos afirmam que o tempo tem um caráter especial. Tudo nos conduz ao Pitagorismo. “O número de Pitágoras, as ideias de Platão, a matemática universal de Descartes, a característica de Leibnitz são belas antecipações metafísicas que a nova filosofia natural, fundada sobre os trabalhos de Einstein, Broglie, d’Heisenberg, a matemática moderna criada por Galois, Lie, Cartan, Weyl confirmam e

precisam (Juvet). Não há separação entre material e imaterial, ponderável e imponderável, domínio de razão pura e espírito. Seguro nessa idéias que aí resumimos, Delore procurou estabelecer o rumo que tomará a medicina, criticando de início o espírito de análise que é quase a base da medicina de hoje. Procedendo quase unicamente por dissociação, ela procurou a verdade na multiplicidade, no particular, isto é, uma só face da verdade a outra sendo representada pela unidade em geral. Disso, resulta um acúmulo enorme de fatos e noções que não podem ser apreciados no seu valor exato e ficam insulados.

Como lembra Delore, encontramos exemplos precisos desses fatos, no tocante à tuberculose e câncer cheios de fatos bacteriológicos, anátomo-patológicos, físico, clínico, terapêutico, mas sem ponto de contatos entre si.

De que resulta tudo isso? A princípio, o rápido e magnífico desenvolvimento das ciências analíticas anátomo patologia, histologia, química, bacteriologia e utilização de aparelhagem técnica, instrumental de investigação e medida. Depois o espírito de laboratório que absorveu o espírito clínico – verdadeiro espírito de síntese. É preciso incriminar o princípio da tabula rasa. É em nome desse princípio e nunca sob a experimentação, que se tem rejeitado em bloco todas as noções tradicionais e empíricas e tudo quanto escapa ao sentido e à medida. Limitou-se, assim, o campo dos nossos conhecimentos e das nossas observações. A medicina ganhou em rigor, mas perdeu em inspiração. É preciso voltarmos ao espírito de síntese, de vista, de conjunto. A mentalidade sintética é tomada por muitos como anticientífica.(Delore).

Para Piessenger: o temor da síntese tornou-se no médico sinônimo do espírito científico... Mas, espírito científico consiste, antes de tudo em estabelecer relações entre as verificações do real. Um fato não está insulado, está ligado a outros fatos e esses prolongamentos que se procurou apanhar só o espírito de síntese os desvenda. Porque se tem fragmentado o estudo do homem, talvez, os grandes problemas básicos de patologia e biologia tenham perdido o seu caráter de unidade. Essa ciência que se afasta para a periferia teve de ser compensada por outras que procurem atingir o centro.

Essa fase de análise terá, certamente, para um equilíbrio harmonioso, de ser substituída por uma fase de síntese. Pois, como refere Bo-Yin-ka “sem descanso, vos esforçais por tudo decompor, tudo dividir, tudo analisar... Mas, todo produto de uma decomposição se decompõe ao infinito e vós descobrireis sempre que o que credes ser o último elemento de uma análise é na realidade, apenas uma síntese nova.

Senhores estudantes:

Creio, se exagerar o chamado conflito entre velhos e moços. Há “neófilos e neófobos.” Os que acreditam em tudo quanto é novo só pelo fato de novo e os que temem sempre o novo, preferindo o velho. Eu que vou entrando na maturidade - a idade melhor – não escondo as minhas simpatias, nem nego os meus aplausos aos jovens. Fala-se de males da juventude. Existem sim, mas exagera-se um tanto.

“Krankheit der Jugend” e “Die Verbrecher” de Ferdinand Bruckner (pseudônimo de Theodor Tagger) obras dramáticas ditas de tanto sucesso na Alemanha procuram mostrar o ambiente devasso a que tende a nova geração. Existem os males, repito, mas reflexo de defeituosa direção dos mais velhos que querem impor um complexo de fórmulas, conceitos e costumes nos quais não mais acreditam e procuram iludir, por métodos hipócritas, daí a “rebelião da moderna juventude” de que nos falam Lindsay e Evans.

Um ponto interessa saber, é o sentido em que devemos tomar o termo juventude. Os homens moços não valem pelo que têm de jovem. Não é pela sua recente certidão de batismo que dele nos fazemos apologistas. Aqui, bem se ajustam as palavras de J.Asna, proferidas em 1930. “A juventude é um fato biológico, infelizmente transitório. Seria romper a continuidade histórica, se os moços desta hora julgassem que a sua importância reside nos poucos anos. Para serem congruentes com esse asserto, que no instante os envaidece, deveriam preparar-se dentro de um decênio para deixar os seus postos combativos aos que este ano estão

destroçando brinquedos e, em 1940, serão os que eles são hoje.”

A decantada indisciplina dos moços e, as mais das vezes, anseios de aprimoramento de espírito, desejo de emancipação intelectual, desejo de viver sob as suas convicções: sinceridade enfim. Aos jovens assim, eu admiro. E seria melhor orientar que censurar.

Sr. Prof. Frederico Curio:

Eu quero agradecer as palavras que a vossa generosidade julgou merecer o discípulo...amigo de longos anos. Sou sinceramente reconhecido ao muito que vos devo. Quando estudante, recebestes-me na clínica cirúrgica sob a vossa sábia direção, com a afetuosidade do velho amigo de família, orientando-me na arte em que sois mestre e eu procurava, então, me iniciar. Os anos passaram, fazendo com que mais se estreitasse a nossa amizade e ficasse eu vos devendo mais admiração. Honrastes-me, escolhendo-me para vosso assistente e na freqüência do serviço de cirurgia sob vossa direção disciplinadora, muito vi, muito aprendi. Por tudo isso, eu vos sou verdadeiramente grato.

Chego neste instante ao posto máximo que poderia aspirar como médico. Sinto-me feliz e dignificado, alcançando a vossa companhia. Foi longo e acidentado o caminho até vós e por isso mesmo mais cheia de alegria a minha chegada a seu termo. Se há motivos para louvores e cantos de vitória, eu os quero, não para mim, mas para aquele a quem tudo devo: meu pai.

Senhores:

Eu procurarei seguir a atividade honesta e proveitosa do Prof. Arnóbio Marques nesta casa. Eu vos prometo honrar o seu nome.

Discurso de Agradecimento do Prof. Romero Marques - 1937

Almoço oferecido, no Clube Português,
por motivo de sua entrada para o corpo docente da
Faculdade de Medicina do Recife
Publicado no Diário de Pernambuco –
Sexta-feira, 16 de julho de 1937

Meus amigos:

Se sentisse de fato o orgulho de que me julgais possuído, ou envaidecido pelo êxito alcançado, responsáveis seríeis vós pelo muito que fizestes, encorajando-me com os vossos incitamentos na luta que empreendi, honrando-me com esta festa de transbordante simpatia.

A minha vida simples não aspirou nunca os cimos ruidosos da celebridade. Não posso, no entanto, dominar a minha emoção, tendo de responder à prodigalidade com que quisestes patentear a vossa alegria pela minha investidura na cátedra de Propedêutica Cirúrgica da Faculdade de Medicina do Recife.

Embora preso daquilo que todos vós sentis: júbilo, confesso a minha dificuldade para dizer tudo que me empolga, me enleva e me alenta nesse instante sob a impressão da vossa bondade ilimitada.

Durante muito tempo, médicos e cirurgiões desentendiam-se sempre. Isso lá pelo princípio do século passado. Hoje médico e cirurgião caminham de braço dado, num verdadeiro trabalho de colaboração para melhor atenderem ao humano sofrimento. O cirurgião moderno é como dizem os americanos: o homem dos três H – head, hand and heart.

Já se passou o tempo em que só valia o cirurgião pelo que pudesse dar de habilidade manual. Esse virtuosismo, verdadeiro malabarismo operatório que muitos apresentam, insulado pouco vale. Ao lado da sólida cultura – head, - necessita a destreza manual – hand, - tudo utilizado debaixo do mais honesto critério – heart.

Dartigues vai mais longe, leva a educação do cirurgião até o físico. Mediante exercícios apropriados, os grupos musculares adquirirão segurança e agilidade, que devem nascer espontaneamente, sem nenhuma preocupação. É preciso ser um desportista, ser rápido, equilibrado. Um atleta enfim. Terá ao lado da instrução científica, uma educação psicofisiológica que o conduzirá ao homem verdadeiramente superior no que toca ao pensamento e à ação. Com este trabalho de constante paciência conseguirá a sua máxima qualidade: sangue frio. Não sendo senhor de si mesmo, perderá a ação de domínio; assim pois, não tem o direito de empunhar o bisturi.

“Nem exaltado, nem excitado.” O cirurgião trabalhará com inteligência, método e segurança, no silêncio das suas salas de operações que deveriam ficar isentas dessas cenas de excessivo autoritarismo, próprias de verdadeiro regime de força, como comumente acontece. Infelizmente, se há uma cirurgia, há cirurgiões.

Gil:

É sempre perigoso tocar no passado. Dizem que o tempo que passou é sempre o melhor... Para que lembrar a nossa vida de estudante? Tempo do PARTHENON ACADÊMICO onde os debates travavam-se nas sessões sob o calor científico para finalizarem, muitas vezes, em azedas razões atléticas, tempo de descuido, de nenhuma preocupação, tempo, enfim, de uma vida de pura e sã alegria.

Passaram-se os anos e você pouco mudou, ou antes, continua o mesmo homem de fina sensibilidade, romântico, sentimental... como antigamente em que gostava de dizer coisas e coisas bonitas sobre a felicidade, quando o sol ia morrendo ou tornar-se triste contemplando o azul lá no infinito...

Há homens assim. Criam para si um mundo de belezas e assim vivem eternamente.

Meus amigos:

O vosso intérprete, incorrigível romântico, homem que age menos pela razão que pelo coração, na sua fantasia perde elogios para mim. Eu vos prometo tudo fazer por merecê-los.

Os anos passarão. Searas hão de amadurecer, arvoredos hão de murchar. Ao sentir próximo o término da jornada da Vida, com a consciência de haver feito “neste mundo, mais bem do que mal, e que nesta terra de alegrias e misérias minhas mãos ensangüentadas aliviaram mais sofrimento do que causaram dores”, eu recordarei com saudade a alegria dessa festa, a sinceridade do vosso entusiasmo.

Muito obrigado!



Clube Português (1937)



Discurso de Abertura. Curso de Medicina. Faculdade de Medicina do Recife - 1945

Há vinte anos passados, em uma solenidade como esta, o Prof. Prado Valadares, espírito ilustre da Faculdade de Medicina da Bahia, pronunciou uma memorável oração onde desestimava essa instituição “discurso de abertura” ao seu ver vácuo e prejudicial. Criticava o mestre insigne, a predileção exagerada que temos por falar, perdendo sempre a oportunidade de agir. Levando ao extremo as suas arguições, ponderava que o mal da oratória poderia ser comparado a “locomotiva que não marcha porque consome as vantagens motrizes da pressão de seu vapor, na inanidade atordoante de um apitar sem promessas de acabamento. E concluía excusando-se da vulgaridade da comparação, esses discursos valem bem um simples apito!...!!

A tendência à loquacidade não é característica exclusiva nossa. O homem nos seus três aspectos primordiais dificilmente se equilibra. Há sempre predominância de um deles. Fazer, Dizer e Sonhar raramente se ajustam. Ora o homem faz, realiza, produz é o técnico, ora sonha foge ao mundo material, mergulha na metafísica, vive o seu mundo de poesias. Enfim diz o que fez, observou ou experimentou e é puramente loquens. É preciso dizer com oportunidade, dizer orientando para enfim conseguir realizar e não se perder como de costume num verbalismo improdutivo. Era de se estimar que procurássemos restringir os excessos oratórios, ou antes, só o produzíssemos para completá-los com ações. Eis porque relutei ante o convite, insistentemente amável do Prof. Oscar Coutinho Diretor da Faculdade e não tomei com bastante simpatia o desempenho desta incumbência. Enfim custa mais ouvir do que falar. A inquietação que avassalou o mundo, desde a guerra de 39, que penetrou todos os setores da atividade humana, ainda não se dissipou. Pode dizer-se que persiste e de maneira muito mais acentuada. Hoje os fatos que não podiam naquele tempo ser comentados, nem analisados, por tornarem suspeitos quem os considerava, surgem numa evidência penetrante.

Não está, positivamente, claro o que há de surgir depois de passada a tormenta, mas já está nitidamente esboçado o que tem de desaparecer.

No seu excelente livro “Diagnóstico de nosso tempo”, diz Mannheim: “nenhuma dúvida existe que a nossa sociedade está visivelmente doente. Qual o diagnóstico? Como curá-la?” E a resposta ele a resume nas seguintes palavras: “Estamos vivendo numa época de transição de *laissez-faire* a uma sociedade planificada”. Está claro o diagnóstico... nítida a terapêutica. Mas o prognóstico, bom ou duvidoso? Claro! Sombrio! A expressão planificada, de pronto assusta, pois faz lembrar a idéia de força. Sugere a sociedade dirigida em todos os seus setores. Pode insinuar que alguém ou um pequeno grupo organize um governo, estabeleça um plano de ação e para executá-lo comece com a expressão total da liberdade.

É preciso advertir desde já, que uma sociedade planificada não quer dizer uma minoria constituída em ditadura, mas pode muito bem ver um novo tipo de governo regulado de maneira democrática não obstante o aumento do seu poder. Não se poderá esconder que esta política do “*laissez faire*” conduziu as democracias a uma situação extremamente grave. Para sobrevivência das democracias têm elas de afastar do seu caminho o princípio do “*laissez faire*”.

É preciso enfrentar conscientemente o futuro e a sociedade necessita de um apurado conhecimento. Precisamos nos capacitar que a vida não é um espetáculo que devemos assisti-lo comodamente, mas um problema para o qual todos devem contribuir a fim de que a solução, se bem que não seja totalmente certa pelo menos apresente uma aproximação de erro menor possível. Quando Mannheim nos fala de sua democracia militante, baseada na sociedade danificada, nos explica que é preciso estabelecer a diferença entre planificação como instrumento de liberdade e variedade. Tudo depende, afirma, do espírito que coordena. Este poderá estar animado do espírito de monotonia ou do espírito de variedade. Na verdade, planifica-se um programa universitário e, no entanto foi a do horário estabelecido, estão livres, inteiramente livres, mestres e alunos. O funcionamento do sistema econômico, como da justiça social, os problemas de saúde e educação têm de ser feitos debaixo de uma

planificação geral. Não serão tais problemas convenientemente apreciados no âmbito do “laissez faire” e então explodirão como explodiram os desajustes, os conflitos, as lutas.

Apesar de estranho a sociedade planificada é compatível com o espírito democrático.

É preciso atentar no que afirma Karl Mannheim: ”planificação não quer dizer coordenação a passo de ganso, espírito burocrático e militarista do Estado totalitário. Planificar é dar a sociedade uma organização tal que a nova democracia possa estabelecer-se em bases tão sólidas que os fascistas e filo-fascistas não a possam abalar. No seu magnífico livro “O Triunfo final da democracia”, Thomas Mann mostra a necessidade que tem a democracia de mobilizar todos os recursos próprios, todas as suas energias vitais para poder enfrentar e combater o nazi-fascismo sob qualquer aspecto que se lhe apresente. Com grande coragem e muito acerto, Thomas Mann declara que é preciso uma reforma da liberdade para que dela se faça algo diferente do que foi no tempo do chamado liberalismo burguês, alguma coisa diversa do “laissez faire”, “laissez passer” com o que a democracia não poderá subsistir. A reforma a que eu me refiro, insiste Mann, deve ser de índole social: só assim a democracia poderá anular as falsas vantagens do fascismo e refrear a ditadura. A reforma social de Mann deve atingir a liberdade espiritual e econômica. Pondera: é preciso um humanismo da vontade; a liberdade deve descobrir sua virilidade, deve aprender a levar armadura e defender-se contra seus inimigos mortais. No que toca a renovação econômica diz: é preciso repetir o que já é por demais sabido; é que a economia atual falha e tem desvantagens morais porque está dominada pela plutocracia e as classes endinheiradas que ocupam no regime fascista: senão o lugar da nobreza pelo menos os privilégios e desigualdades feudais. Não nos iludamos e convenhamos com Mann, se a democracia quiser estabelecer a sua iniludível e histórica superioridade moral com eficiência e opor-se fortemente ao falso socialismo fascista tem que assimilar em moral e economia tanto quanto seja necessário e indispensável do regime socialista. Compreende-se bem, que para lograr tal intento é preciso completar e disciplinar a liberdade, prosseguir a revolução burguesa, leva-la

do político ao econômico reconhecer que a justiça é a idéia predominante da época, mas não temos de nos arrear, dentro deste aspecto há de subsistir a liberdade. O homem não perderá o direito à análise.

Não será supresso o direito de crítica. Nem medrará o terror como doutrina pedagógica.

Na formação dos regimes totalitários o terror teve um papel de grande preponderância. Tal foi a sua importância que psicólogos procuraram estudar os fatos em feição minuciosa. Nas suas fases iniciais o fenômeno é de difícil apreciação, Emílio Mira pesquisou com cuidado em bases objetivas os fenômenos psicológicos desenvolvidos nas diversas fases progressivas do que convencionou chamar o ciclo emocional do medo. Seis fases compõem o ciclo: o estado de prudência, de concentração, de alarma, de angústia, pânico e terror. Considera Mira, ao desenvolverem-se estas seis fases a desintegração intelectual é progressiva. No começo há uma limitação de atitude, verdadeira fuga profilática temporal; seguem-se os efeitos da inibição cortical, então paralisa-se o fluxo do curso do pensamento. Ao chegar a última fase, a sexta fase, o indivíduo é um boneco... e um boneco de molas quebradas. Foi com processos desta ordem que surgiram os estados totalitários. Ou antes, foram processos tais que impuseram os estados totalitários.

Há quem afirme que um dos mecanismos da desintegração intelectual estaria representado pela moderna introdução do medo ou do terror como elemento importante de educação coletiva. Nunca chegou a um grau tão elevado nem tão difuso como na atualidade a utilização do medo ou do terror organizado, às vezes legislativamente, às vezes subterraneamente, agindo sobre a conduta pessoal e estabelecendo coação ideológica. Mas... já dizia Spinoza, os corações não se vencem por meio de armas e sim com amor e generosidade. Assim é o espírito democrático.

Senhores:

O espírito democrático é alguma coisa mais que um frágil sistema, pendente de uma experiência política. É, segundo afirmam, uma disciplina do pensamento e da ação; é a harmonia entre o pensamento e a ação; a subordinação das atividades secundárias às primárias; a lei da adaptação humana, a convivência social em sua concepção mais ampla.

Por conta da democracia muito se tem feito sem nenhum critério democrático. Não se pode tomar como falência da democracia as imperfeições e insucessos de legislações elaboradas dentro de regimes mais ou menos democráticos.

Democracia é alguma coisa mais que uma teoria política, ela vem a ser a concepção científica das atividades sociais. Já se tem dito e vai tomando forma de “slogan” que a democracia é o caminho da demagogia. A demagogia, bem como a iconoclastia nada têm que ver com o verdadeiro sentido democrático. Demagogia e iconoclastia são fases de agitação em busca de equilíbrio. Quando surge um processo de flutuação de forças sociais promovido pelos estados de desequilíbrios existentes. A democracia conduz ignorantes ao poder! Indivíduos nulos, sem nenhuma personalidade galgam posições. Mas não é culpa do sistema, nem o sufrágio pode ser incriminado. O poderoso, o nulo ou o ignorante tem o seu tempo de ação limitado com a democracia, temos uma forma de selecionar homens ou elevá-lo em uma organização coletiva. O seu critério, o seu verdadeiro sentido é selecionar os valores, aproveitando o que melhor existir no intelectual e moral. É também uma maneira de garantir a confiança que o governante deve inspirar ao governado. Mas, esta confiança pode perder-se ou desaparecer. Há neste particular um episódio bem característico, que vamos encontrar na História da Argentina. É o caso de Juan Manuel Rosas. Rosas foi um tirano, mas coisa singular, chegou ao governo apoiado pelo povo. Ao que se conta, antes de receber o poder e a lei que outorgava faculdades extraordinárias, levou doze dias em reflexão e exigiu um plebiscito. E se fez o plebiscito. Naquele tempo todos estavam com Rosas e o resultado foi o seguinte: 9.330 votos a favor e 4 contra. D.R. Amadeo comenta com alguma ironia, como seria interessante

conhecer a autópsia deste 4 homens que tiveram razão!

As personalidades são colocadas em plano de equidistância na democracia, coisa que não acontece nos regimes totalitários, onde tudo sobra aos que governam e nada existe para os governados. Aqueles mandam e estes estão sempre obrigados a obedecer. A capacidade de conceber e realizar atos são sempre em um só sentido. Todos os seus atos têm o caráter irreversível. Esse fenômeno de irreversibilidade psico-afetiva, tão marcante, dos totalitários é qualificado por Cuatrecasos com muita propriedade e um certo humor de “mentalidade valvular” e nos dá em exemplo de uma quadra andaluza que caricatura em terreno amoroso esta postura afetiva irreversível:

Si quieres que yo te quiera
Há de ser con condición
Que lo mio sea mio
Y lo tuyo de los dos.

Nada autoriza a que se perca tempo em estabelecer paralelo ou fazer comparações entre democracia e totalitarismo. Cuatrecasos considera um erro torná-las como doutrinas opostas. As discussões que disso resultam são estéreis e terminam, geralmente, em razões atléticas ou dialética de boxeadores. Como afirma Cuatrecasos, trata-se de 2 tipos distantes de desenvolvimento psico-afetivo: um míope, egocêntrico, infantil; outro mais maduro, elástico e ágil. Seriam dois sentidos ou conceitos de vida social em dois planos históricos afastados. Seria o mesmo que curandeirismo e ciência médica.

A democracia tem um sentido elevado. Na evolução democrática que temos de realizar, procuramos o esforço que busca o equilíbrio e a harmonia entre o indivíduo e a coletividade, entre o cidadão e a organização política do estado.

Senhores:

A história tal como a compreendi no meu tempo de estudo, nada mais era que uma luta do homem contra o homem ou contra barreiras geográficas. Era a conquista da terra pela eliminação dos seus donos. Assim, vamos encontrar todos os problemas da humanidade, através das pesquisas dos exploradores, da bravura dos guerreiros, da inteligência dos políticos, da sagacidade dos economistas, da humildade dos sacerdotes e, também, do refugiado e do escravo. Nada, porém, se diz do médico que vem, séculos após séculos, sustentando esta luta intensa e contínua em defender o homem contra a doença. Todos se capacitam que a saúde é o melhor bem que podemos possuir, mas todos fazem por não entender que ela representa sacrifício dos médicos. Toda vida do médico consiste em defender o homem contra as doenças e contra a morte. A medicina como arte e como ciência, é um esforço contínuo para combater os males que flagelam as nossas vidas. Lutam-se horas, dias, meses e anos para se tardar um ponto final de uma vida ou para restituir inteiramente são o indivíduo à sociedade. Isso debaixo de esforços supremos e preocupações emotivas. Mas, apesar de tudo, o conceito do médico vai baixando cada vez mais. Os motivos são complexos e não cabe enfrenta-los, aqui, nesta ocasião. Contanto, vale acentuar o que nos diz Howard Haygard da Universidade de Yale: Estamos presenciando o princípio da nova era da Medicina. O médico está reconquistando a hierarquia social que perdeu há 2.800 anos, quando a medicina se separou da religião; a medicina está perdendo seu caráter privado, limitado, como se achava a cabeceira do doente, para transformar-se na influência que orienta a vida de cada dia. Hoje em dia, isto será mais patente no futuro, é necessário a bem da saúde que o homem da rua saiba e interprete corretamente tudo quanto se refere à Medicina. Houve um tempo em que este aspecto da Medicina chamou-se Higiene; porém a Higiene, como nos ensinaram nas escolas, é um fracasso. Nestes anos de decadência, é charlatanismo em que se explora a saúde para fins comerciais, prefiro que meus filhos especulem sobre uma base lógica, acerca dos problemas de medicina, a que recitem, mecanicamente, as leis higiênicas de hoje que serão absurdas amanhã. Por outro lado, a história do conflito entre

a saúde e a doença é o “quid” da lógica da medicina moderna. Vê-se por esta afirmação de Howard, o quanto se deve esperar da medicina na reconstrução do mundo, em geral, e do Brasil, em particular. Aqui entre nós, todos os problemas são, essencialmente, médicos. Não precisamos buscara detalhes sobre as endemias que nos desmoralizam e infelicitam para tomarmos como verdadeira a asserção anterior. Os problemas da alimentação, da habitação e mortalidade e tantos outros estão a exigir trabalho dos médicos. A educação, problema básico nosso, problema fundamental, no dizer de Miguel Couto, é um problema, essencialmente, médico. Educar é dar uma vida condigna, e só poderá haver vida condigna com saúde do corpo e do espírito. Numerosas são as maravilhas da natureza, mas de todas a maior é o homem, diz Sófocles. Mas homem sem dor, sem enfermidades, livre dos flagelos, das doenças, o homem enobrecido e engrandecido pela ajuda superior da medicina. Afrânio Peixoto nos mostra o dever que tem a política de ouvir a medicina. Se ela o fizer, a doença, o maior fator da decadência humana, será evitada e incalculável será no planeta a evolução feliz do homem. Os exemplos que nos dá Afrânio são inúmeros, citaremos os seguintes: “no mesmo Mediterrâneo, na mesma terra da Grécia, o mesmo povo grego é diferente hoje do tempo em que vivia Péricles. Por quê? Não sabem? Uma investigação da Sociedade das Nações verificou que os gregos de hoje têm 50% gametas no sangue. Como paludias a tremerem de sezões podem ser Sócrates ou Píndaro? Aristóteles ou Demóstenes?” A Bolívia, até outro dia, até a recente guerra do Chaco, não sabia que os seus soldados habituados ao Altiplano, tinham uma fisiologia que rapidamente não podiam vencer e eram mortos na baixada tanto ou mais pelas desordens respiratórias e metabólicas do que pelos inimigos Paraguaiois. A medicina esclarece problemas de tal envergadura e de tão largas repercussões, mas só ao fim, quando os homens já estão desesperados, quando as situações parecerem insolúveis é que se procura ouvir a medicina que quase sempre já se havia pronunciado, mas que quase nunca fora convenientemente considerada. A Rainha Ranavalo de Madagascar, quando da primeira invasão dos franceses disse: deixe estar... mandarei contra eles o meu general Takô (impaludismo

em linguagem nativa) matou 15.000 dos invasores. A França recuou, aprendeu a vencer o takô e quando conseguiu isto conquistou Madagascar. A Questão Social é a sorte de maior número de homens que tanto se fala e se exalta que seria, se não fosse a medicina abrindo este longo e bellissimo capítulo da medicina do trabalho, dando aos legisladores margem para se formarem e estabelecerem, legalmente, o amparo dos trabalhadores.

Roquete Pinto, no prefácio do livro de Ivan Lins sobre Descartes, cita numa das proposições do filósofo: “Se existe um meio de fazer os homens bons e inteligentes é na medicina que havemos de encontrar” e termina com o seguinte comentário: Diga-se biologia em vez de medicina e brota luminosa a verdade na frase do filósofo. Porque não há pessoa, medianamente, culta que desconheça as surpresas da biologia moderna, dando juízo aos loucos, mediante alguns miligramas de insulina; inteligência aos tardos por alguns traços de tireoidina, preparando a humanidade melhor, que há de viver na terra transformada pela eugenia, que vai sendo realidade e pela genética que já permite criar, artificialmente, plantas gigantes ou anãs, à vontade, fornecendo tipos que se mantêm e desenvolvem-se prenunciando maravilhas para o aperfeiçoamento voluntário, determinista da Espécie.

Senhores:

Toda a história do mundo em qualquer aspecto que se encare é a história do esforço do homem para alcançar a sua liberdade. Liberdade que há de conquistar, liberdade que há de existir. Liberdade necessária para que a chispa surpreendente da inteligência e da sensibilidade vá brilhando inesperada e irregularmente a fim de que sempre se formem novos horizontes do progresso.



Discurso de Saudação à Criação da Escola Medalha Milagrosa (Escola de Enfermagem Nossa Senhora das Graças-UPE) 1945

Como os franceses, acredito que no Hospital se cristaliza toda a vida médica.

Nos hospitais organizados onde, num sadio trabalho de colaboração, chefe, assistentes, internos e enfermeiros, juntos ao leito dos doentes, nos laboratórios diversos até a verificação anatômica possam levar a efeito um trabalho seguro em documentação e pesquisa.

Infelizmente, estamos, aqui, longe de uma boa organização e o trabalho dos cirurgiões e médicos que mourejaram e mourejam nesta casa é representado pelo esforço pessoal como bem se pode divisar na obra fragmentada e imperfeita que aqui existe, mas no entanto, de todo louvável pelo muito de proveitoso que tem realizado. Não há aqui nem censuras nem advertências, porquanto sabemos quanto difíceis são os trabalhos desta natureza, nem me parece oportuno traçar normas neste particular, nem orientar ou ensinar... diz Shaw “aquele que sabe, faz o que não sabe, ensina.”

Ivanissevich, catedrático de clínica cirúrgica da Faculdade de Buenos Aires, no seu discurso de posse à presidência da Academia de Cirurgia, depois de uma áspera crítica às organizações hospitalares lá existentes fazia esta pergunta dramática e quase inacreditável. Será possível – interrogava ele – continuar aceitando em silêncio que os hospitais e serviços se fechem durante o verão e se decretem férias em massa para fazer economia?

As nossas economias são diferentes? Por certo alguma coisa já se conseguiu e muito mais se terá de conseguir ainda. Mas, para que haja eficiência, tudo terá de ser feito dentro de uma planificação geral . Levará algum tempo e custará muito dinheiro.

As idéias progressistas da comunidade S.Vicente de Paula já definidas

com a criação de Escolas para enfermeiras em várias cidades do Brasil – S.Luiz, Porto Alegre, Fortaleza e Goiânia – têm agora a sua repercussão aqui, com o aparecimento da Escola Medalha Milagrosa.

Em julho de 1937, o congresso internacional dos enfermeiros, reunido em Londres, abordou quase todas as questões atinentes à classe, da administração à organização, da formação à educação.

É dos problemas mais importantes o que concerne à formação dos enfermeiros e sua educação profissional. Até 1938, dois sistemas presidiam o assunto: o sistema adotado na França e o utilizado na Inglaterra.

Na França, a jovem com pretensões à enfermeira vai à Escola reconhecida pelo Estado e permanece durante 2 ou 3 anos. Todas as despesas são por sua conta. Acresce que, em geral, as Escolas não possuem hospitais e vai ser nos hospitais privados ou nos estabelecimentos da Assistência Pública onde os futuros enfermeiros tiram seu aprendizado prático. Após tempo regulamentar, fazem o exame necessário e se bem sucedidas recebem o diploma que permite exercer livremente a profissão.

No sistema inglês é bem acentuada a diferença. O gasto é menor, a jovem “prebotionner” – a noviça é admitida em um Hospital. Durante 3 anos prepara-se para dois exames: um do próprio estabelecimento em que trabalha e outro do Estado. Por todo esse tempo não terá nenhuma despesa. Ao contrário recebe um pequeno salário pelos serviços que possa prestar. Estes pontos de vista têm sido largamente discutidos em assembléias, congressos, sem que um acordo se faça.

Os franceses têm procurado modificações. Os ingleses mantêm-se, porém, fiéis ao seu modo de “training”.

Se de um lado há vantagens econômicas no sistema inglês, permitindo um acesso fácil às meninas pobres, mas capazes e dignas, de outra parte os serviços nos Hospitais Ingleses (segundo dados que podemos colher) são quase todos feitos pelas noviças sob fiscalização da enfermeira, de maneira que pouco tempo lhes sobra para estudo. E porque ficam restritas a um trabalho de rotina, poder-se-ia afirmar que uma formação é mais um aprendizado que realmente uma educação profissional.

As estudantes aprendem como executar certos atos, mas ignoram porque os deve realizar.

Na Escola de Salpêtrière, concordam os franceses na gratuidade do estudo, mas sem exigir um excesso de trabalho da principiante que se obriga a uma permanência de 5 anos nos seus Hospitais.

Mrs. Florence Emory, da Escola de Toronto, estabelece o inconveniente do Hospital-Escola e preconiza as Escolas superiores de enfermeiras ligadas a uma universidade, só aceitando alunas com instrução ginásial.

A nossa via rege-se, creio eu, tomando por paradigma a Ana Nery.

Vale lembrar que no Congresso das Enfermeiras Católicas, realizado em Roma em 1935, Monsenhor Pizzardo em discurso magistral fixou os três fins essenciais que o Congresso devia atingir.

1. Necessidade para Enfermeira de uma formação cristã profunda e adaptada a sua profissão, a fim de que ela não perca nunca de vista que no corpo humano por ela tratado há uma alma imortal redimida pelo sangue muito precioso do Filho de Deus. Necessidade, pois, para enfermeiras de associações católicas de as esclarecer, sustentar, fortificar em sua formação profissional cristã.
2. Este fim tão sobrenatural não deve fazer perder de vista que a profissão de enfermeira da saúde do corpo não se pode exercer, eficazmente, contentando-se de um espírito de caridade e devotamento mesmo muito ardente. A enfermeira deve se preparar para aquisição dos conhecimentos técnicos adequados e aproveitar as maravilhosas descobertas científicas dos últimos anos donde a necessidade de uma formação técnica tão perfeita quanto possível acompanha-se de um curso de ontologia médica.
3. Realizar uma união fraternal, uma cooperação mútua entre as enfermeiras leigas e as religiosas.

É essencial que essa idéia que aparece em formação não se detenha. Não arrefeça o movimento para esta Escola, não tenha o destino da outra que aqui existiu. Porque é bem possível que tal acontecimento seja o início de uma série de melhoramentos de que tanto carecemos.

A enfermeira habilitada, o bom técnico necessita de uma perfeita organização, boas condições materiais para trabalho, não as instalações luxuosas de certos centros privilegiados, mas a situação de conforto apanágio de todos os centros que progridem. Ou então, vamos preparar as boas enfermeiras para que elas possam enfrentar o regime irritante que então persiste, o abominável regime do falta tudo?

Com uma energia serena; um espírito dinâmico construtivo com as marcas bem características do eterno espírito realizador francês, a superiora irmã Chabas conseguiu a realização deste cometimento que ora comemoramos festivamente.

Ideias, projetos, planos de ação, tudo foi obra de sua força criadora.

Nunca arrefeceu. Um a um os mais variados obstáculos foram transpostos e venceu afinal.

Bem merece os nossos agradecimentos e é parra ela que eu peço aos presentes, neste instante, os aplausos mais calorosos.

Saudação ao Prof. René Leriche

Visita da Enfermaria São Francisco Hospital Pedro II - 1948

No século passado, um homem no Colégio de França dava à Medicina novas diretrizes, orientando-a segundo o critério da experimentação. As idéias rompiam com a rotina, pareciam revolucionárias e por isso surgiram os opositores e as coisas continuaram e o gênio do homem triunfou. Esse homem foi Claude Bernard.

Hoje, no mesmo Colégio de França, na mesma cadeira de Claude Bernard, pontifica um espírito maravilhoso que impulsiona com novas tendências o caminho da cirurgia em particular e da Medicina em geral. Esse homem que de Lyon passou a Strasbourg e afinal atingiu Paris para o Colégio de França é nosso visitante desta noite: o Prof. René Leriche.

A sua personalidade é marcante na cirurgia contemporânea. Com uma produção abundante e original, vós mestre, tendes proporcionado visões não sonhadas sobretudo no setor da cirurgia vascular.

E como tendes rompido com muito do que está, classicamente, estabelecido, porque tendes uma inteligência aguda, e vastíssima cultura, tendes atingido limites que outros não podem alcançar. E por isso sois discutido e muita vez incompreendido. Aqueles que fazem da crítica, apenas, tendências de simpatias ou tendências de repulsão são simples demais para penetrarem na vossa imensa produção.

Eu lembrarei, neste instante as vossas idéias a propósito da pesquisa em medicina: idéias que, certamente, são as únicas que podem conduzir ao caminho da verdade.

Vou dîtes:

“Recherche pure ne veut pas dire recherche hors de la Médecine et hors de l’homme. On commet souvent, dans certains milieux de la medecine, l’erreur de croire qu’il n’y a travail de haute terme que là où tout

se passe loin de l'homme et de ses nécessités. Je me suis déjà expliqué à ce sujet. J'appelle recherche pure celle qui n'est pas le fruit du hasard clinique, mais le résultat ordonné d'une méditation intellectuelle sur un problème de portée générale sous visée pratique immédiate. Elle peut se faire aussi bien avec l'homme qu'avec des animaux car dans la recherche, c'est l'esprit seul qui fait la valeur du travail, et pour celui que nous avons à entreprendre, c'est l'homme qui est le point de départ et la fin. L'animal n'est qu'un moyen. C'est donc à ce type de recherche que nous devons aller."

Eis uma de vossas grandes lições e não há outra maneira de colocar o problema. Nossa compreensão é estabelecer as tendências cirúrgicas a modo de poder aproveitá-las além da cirurgia, isto quer dizer que o cirurgião não se limita ao regalo físico da intervenção, mas que possa ir mais além, interpretando os fatos e concluindo sobre o mecanismo das doenças. É isso o que é preciso fazer. É isso que nos falta realizar. Mas, se seguirmos o caminho por vós traçado, com certeza chegaremos a meta desejada e senão todos, pelo menos grande número de problemas estarão em caminho de sua solução. Assim, viveremos uma época mais digna para a medicina em que não se para mais como agora que por falta de visão filosófica das coisas, chega-se a confundir resolução de casos clínicos com solução de problemas médicos.

A cirurgia há de reconhecer o quanto vós tendes dado a ela. A cirurgia sim e também os cirurgiões. Mas, a cirurgia, sobretudo, porque essa permanecerá intangível com os seus eleitos e os seus benfeitores. Então, poderemos dizer, mestre, que assim como houve períodos antes e depois da anestesia, antes e depois da assepsia, haverá, estou certo, duas épocas: antes de Leriche e depois de Leriche, mais uma representação da centelha brilhante do espírito francês iluminando o mundo.

Sede bem-vindo mestre!

Agosto 1948

Discurso de Saudação ao Prof. Benedito Montenegro

Se os médicos não fossem, na realidade situados em plano tão alto, por certo não seriam julgados com tanta severidade. E o espírito público em geral não os perdoa.

De Molière a Shaw a zombaria persiste. Em “Le Médecin malgré lui” estala o escárnio que atinge ao ridículo, no “To good to be true”, já é uma tradução e vamos suportando. O cirurgião é hoje uma grande vitrine.

Um romance recente, que não sei se fez ou não sucesso, referia o cirurgião como um homem que se diferencia dos demais por ser um pouco bruto, suar muito e falar em gíria.

Diz Robim que foram os olhos das mulheres que criaram o tipo do cirurgião. Certamente olhos vivos, brilhantes, desses que inquietam, prometem e não consentem e que mentem com uma generosidade incrível: “corpulento – ombros largos, olhar enérgico, um atleta perfeito. Figura dos tempos modernos, mas de linhas clássicas. Poder-se-ia dizer: esbeltez grega e nobreza romana. Perfeição técnica, perfeição moral. A alma difusa aguçase nas extremidades dos dedos.”

Diante deste quadro Robim afirma que a Atenas do VI século teria feito do moderno cirurgião o primeiro homem da república.

Sr. Prof. Montenegro:

Esta homenagem é bem merecida àquele que dignifica a cirurgia do Brasil.

Sois um homem que pelas qualidades técnicas aprimoradas sabeis fazer pelas virtudes intelectuais, sabeis transmitir conhecimentos com segurança e com propriedade, mas que além de fazer e de dizer, sabeis meditar. Não se trata de um operador que se extingue com a própria técnica e que além da técnica nada constrói.

Trata-se de um cirurgião que vai além da cirurgia.

Moderno, não se deixa perder dentro dessa mística perigosa do “moderno”, mística que é uma transição de outra do século passado a do “progresso” e por isto mantém-se em equilíbrio científico, triunfando; mas considera a medicina um quadro rígido de equações imutáveis.

Discurso de Saudação ao Prof. Oscar Ivanissevich

Não há excesso em dizer que poucas vezes, como hoje, esta casa se reúne com tanto entusiasmo e singular alegria. Todos quanto vivem no ideal do estudo não vacilaram em procurar os que chegaram e agradecer aos que de longe nos vieram trazer por forma tão significativa as demonstrações de uma fraternidade espiritual que sobremodo nos honra.

A Faculdade de Medicina do Recife foi regozijada com a vossa presença, apresenta por meu intermédio – o que muito me desvanece – os votos de boas vindas, agradecendo-vos a visita cortês.

Com a vossa estada, destes-nos uma demonstração de cultura invulgar, ilustrando com conferências magníficas, mercidamente aplaudidas, o prestígio da intelectualidade Argentina.

Todos vós, senhores visitantes, sois sobejamente conhecidos entre nós. Não seria preciso retratar personalidades. Oscar Ivanissevich, Carlos Rivas, Oterim Aguirre e Carlos são grandezas que se impõem pelo brilhante laboratório científico e por tal forma que seria nula ou de pouca valia traçar o perfil intelectual de qualquer deles.

Vivemos uma hora de inquietações. Supunha-se que a tendência a subversões houvesse passado, o ódio não mais devia imperar entre os povos; a imagem da força, nos seus mais variados aspectos, não mais iria ser cultuada.

As reações violentas, porém, não abandonaram os homens que as preferem, deixando fenecer as aspirações serenas do progresso e da paz. Procura-se em vão melhores entendimentos. E os homens se desentendem cada vez mais. Será pelos homens de ciência em geral, pelos médicos em particular que chegaremos a alcançar esse trabalho de imensurável grandeza? Compreendendo o lado superior da existência, amando a humanidade, mitigando o sofrimento, preservando e prolongando a vida é

o médico o fator primordial para tal cometimento? Disse Renan: “o doente é o homem imparcial, ele só aspira ser curado, nunca se dirige a uma medicina regional – se ela existisse – deseja um medicina sem nome, uma boa medicina.”

Mais longe, vai o conceito de Virchow: “a ciência é puramente humana na sua essência, nacional somente na sua forma; saiba-se fazer a diferença entre política, exclusivamente, nacional e a ciência, universalmente, humana. A política separa as nações, a ciência une-as. Mal daqueles que cortam esse laço.”

Não será a má compreensão da Medicina que entrava esse maravilhoso trabalho de confraternização.

A medicina, disse Bies, é filosofia antes de ser arte ou técnica. Infelizmente, para uns é só filosofia, para outros técnica sem arte e sem filosofia e em outros arte sem técnica e sem filosofia, afirma Bannelles. E já houve quem acrescentasse, a medicina não é filosofia, não é arte não é técnica, ela é uma coisa muito difícil.

As queixas contra a aversão dos médicos modernos pela filosofia, se não são justificáveis, são talvez explicáveis sem uma reação contra o excesso de filosofia balofa que atingiu, impiedosa e excessivamente, os médicos do princípio do século passado e dos séculos anteriores. Ademais pode-se ligar o fenômeno a uma concepção científico-naturalista dos problemas médicos que alguns consideram como uma forma moderníssima do materialismo histórico e que outros encaram como um novo misticismo: o misticismo das forças naturais. Uma coisa está clara, porém. A falta de humanismo que se traduz cotidianamente, a imperfeição de todas as manifestações da atividade física e mental. A afeição desabusada à técnica, o desprezo pelo espírito filosófico e ao espírito de síntese, a lógica da adição e multiplicação, números e máquinas, trazendo uma mecanização que tolhe a liberdade do homem à estandarização que substitui a aventura cotidiana e o sistema que mata a originalidade.

Vossa ordem de idéias, Sr.Prof. Oscar Ivanissevich, quero citar para exaltar a lição inaugural do curso de clínica cirúrgica que pronunciastes, em 1942, ao substituir o Prof. Arce. Um verdadeiro ensaio de cirurgia

moderna? Muito mais. Da primeira a última frase, tudo é admirável. Não há uma linha perdida. Não sei o que mais encanta: se o requinte da forma literária, o sentido filosófico que encerra ou a lição de humanismo que alcança. Da idéia da imortalidade às questões técnicas mais avançadas, souberdes, com espírito de clareza, que só a latinidade possui ver certos problemas que nos afligem. Em certos trechos, tem-se a impressão de se estar lendo um verdadeiro ensaio de teoria do conhecimento humano. Os homens da vossa escola e sob vossa influência não poderão ser cirurgiões impacientes, indignos da escola de Rivero, de Argerich, de Rivera, de Garcia, de Fonseca, de Alvarez. De los Montes, de Osa, de Perovano, de Gandolfo, de Posador, de Arce! Porque neste ofício humilde, porém glorioso, temos de ser antes humanos, depois médico e depois cirurgião.

Com homens desta formação cultural, homens do vosso saber e da vossa grandeza moral, eu acredito na confraternização dos médicos e a de todos os povos um dia.

Unamo-nos, pois, com o propósito deliberado de fortificar a vinculação intelectual entre o Brasil e Argentina.

Uma solidariedade de todos os homens, no mais belo sentido que se lhe possa emprestar: a solidariedade da cultura. Esta não será atingida pela instabilidade dos governos, nem pelo abalo das nações. Procuremos no aperfeiçoamento científico a expressão única da nossa força.

Que as leves esperanças da promessa de hoje se concretizem no esplendor de uma realidade futura para felicidade do nosso abençoado e livre continente, evidenciando que a chama do espírito latino haverá de iluminar o mundo.



Discurso em Homenagem à Memória de René Leriche - 1955

Foi em Passy, no quinto mês de 1954, o meu último encontro com René Leriche. Na sua magnífica Clínica privada, na rua Eugène Manuel, vi o mestre realizar uma das suas intervenções preferidas a gangliectomia lombar. Notei-o abatido, o rosto cansado, o olhar vivo, no entanto. Lembrei-me então daquele tipo betoviano que já lhe assinalara Duhamel: “nez bref, bouche excellente, poils rebelle, beau front bombé”. No seu gabinete de trabalho, após a redação dos protocolos operatórios- Leriche sempre considerou a intervenção cirúrgica como um ato experimental e dizia “meus documentos clínicos são como protocolos de experiências”. Falou da minha ida a Strasbourg. Falou-me de Fontaine e de Strasbourg como um grande centro de cultura. Perguntou-me o que pretendia e logo adiantou-me o que devia fazer. Claro e preciso na voz, tal como o vira aqui em 1948 e 1949 por longo tempo no Hospital Americano de Neuilly. Paciente e compreensivo. Este grande homem incisivo nas suas argumentações traçou um programa de trabalho para mim, por seis meses ao lado de Fontaine, em Strasbourg. Não o vi na volta, não estava em Paris. Depois correspondência, cartas, telegramas. Prêmio do Governo Argentino, Grande Condecoração do Governo Francês. Depois aquele dia fatal – 28 de dezembro de 1955 – onde a morte o surpreendeu na sua casa azul de Cassis. Cassis onde o mestre se recolhia todos os invernos. Em Cassis “onde se tornara uma espécie Monsieur Vicent dos Pescadores”.

Todos confiavam e apelavam para o professor. Naquela casa azul de Cassis havia um médico sábio disposto a aliviar o sofrimento dos que o procuravam.

À noite, em pleno trabalho, ao lado da sua esposa, companheira de sempre, que conhecera como estudante de medicina em Lyon para quem apelou, desaparecia o grande mestre tocado por um edema pulmonar.

Alguém que de perto tomou conhecimento dos fatos referidos “Ele seguro do que se passava tomou a mão da esposa e disse: *Jamais deux. Celui-ci ne pardonnera pás. C’est fini*”. Madame ensaiou uma sangria e os Drs. Agostini e Laurent, seus amigos chegaram tarde.

Assim morrera o mestre “senhor de si e do seu diagnóstico”. Com o desaparecimento de René Leriche abre-se um vazio no mundo da cirurgia clínica e experimental difícil de ser preenchido.

René Henri Marie Leriche nasceu em Roanne em 1879. Ambicionava a carreira militar. Almejava “ser oficial e explorar terras desconhecidas da África”. A matemática não conseguiu a sua entrada em Saint-Cyr. Mas havia por parte da família de Leriche influências médicas. Seu avô paterno fora cirurgião em Lyon. Do lado da sua avó materna havia três médicos. O próprio Leriche nos relata o seguinte sobre um tio, discípulo de Louis e Dupuytren: “Um dia de 1904, fui vê-lo no seu nonagésimo terceiro aniversário, achei-o com um grande dicionário e uma gramática. Eu já soube um pouco de italiano, disse-me ele e não queria morrer sem ler Dante no original. E ele conseguiu. Muitos anos antes, quando eu tinha cinco ou seis anos, meu tio com os dedos explorou-me as bossas frontais, que eu já tinha um pouco salientes e declarou a minha mãe que eu seria um cirurgião. Ele tinha razão. Quando me decidi, não tinha a menor idéia das grandezas e misérias da profissão; eu penso pois, concluiu Leriche, que foi a herança que me conduziu para o meu destino.”

A vida médica de René Leriche foi excessivamente movimentada rapidamente atingiu todos os postos universitários. Interno dos hospitais de Lyon, 1902; Prosector, 1905; Chefe de Clínica Cirúrgica 1906; “Agregé” de Cirurgia 1910; Cirurgião dos Hospitais 1919; encarregado de “Curso de Cirurgia Experimental 1920; professor de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina de Strasbourg 1925; Professor da Faculdade de Medicina de Lyon 1933; Professor no Colégio de França 1938; membro da Academia de Ciências 1946.

Podemos considera-lo filho espiritual de Poucet a quem vemos ligado através de inúmeros trabalhos sobre tuberculose osteo-articular. Mas não só Poucet, outros como Jaboulay, Regaud, Berard tiveram influência marcante na formação cirúrgica de Leriche. Isto do lado da escola lionesa,

pois do lado da escola parisiense devemos destacar Terrier, Hartmann e Tuffier.

Como acentua Joachim-Beer, três normas devem ser citadas como de influência marcante na formação espiritual do mestre.

Aléxis Carrel – o sentido da experimentação, Policard com quem criara a simbiose fisiológica cirúrgica e William Steward Halsted que lhe apareceu como o herdeiro cirúrgico de Claude Bernard. Essas as influências atingindo Leriche “o primeiro cérebro cirúrgico do meio século”, segundo opinião de Henri Mondor.

Alguém escreveu: Certains chirurgiens sont de parfaits ouvriers. Chez Leriche on voit à l'oeuvre toutes les vertus de l'artiste. René Leriche foi um homem singular. Um encanto na palavra. A todos procurava ensinar sem afetação. Demonstrava a veracidade das suas hipóteses, com calor, apaixonadamente, sem imprimir tom solene evitando a atitude grave. O cuidado com que proclamava os seus resultados era impressionante. Esperava e criticava. Exprimia as suas dúvidas. E esperava... para uma certeza ou para recomeçar. Como cirurgião a sua “probidade inspira-se apenas das exigências de um diagnóstico rigorosamente motivado. Seus atos cirúrgicos recusavam todos os efeitos de virtuosismo, eles se justificam porque têm finalidade terapêutica. Não ambicionam mais do que curar e aliviar”.

Estava longe de aquilatar a grandeza da obra que iria construir. Ele proferia nos conta como “há quarenta anos, enamorado da técnica, cortava nervos, raízes, retirava gânglios sem sombra de idéia fisiológica. Pouco, peculiar o pressentimento do reino que o esperava se persistisse nesta via esportiva. Percebeu o vício fundamental de sua maneira de fazer e compreendeu que seria preciso adaptar a terapêutica à patologia.

No começo foi Leriche cirurgião abdominal escrevendo tese sobre Resseções do Estômago por Câncer – 1906. Fascinado pela patologia do estômago, completa tais estudos em Strasbourg – 1925 – 1935, pesquisando pacientemente o problema da úlcera gastro duodenal do que nos dá conta num magnífico relatório do Congresso Francês de Cirurgia de 1935.

Em 1913, surge com a sua simpatectomia peri-arterial tão discutida e tão criticada, mas oportuna e eficiente em casos indicados. Com a sua simpatectomia plexica tomou incremento o estudo das múltiplas afecções vasculares e sobretudo o seu aspecto doloroso. Já aí começa a se constituir o futuro cirurgião da dor. Da simples simpatectomia plexica à arteriectomia as ramificações à estelectomia, toda uma gama preciosa de tentativas sobre o simpático em função da dor. Assim trabalhou o mestre de 1913 a 1924.

Em 1915, organiza um serviço de neuro-cirurgia. Assim procurou estudar a fisiologia patológica das lesões cerebrais. Isola a síndrome da hipotensão craniana. Investe e esmiúça a ainda fechada cirurgia medular e dos nervos periféricos. “A dor porém, fica o leit-motiv da sua vida de homem e de cientista do Hospital de Bouleuse, nos arredores de Reims faz um centro notável de ensinamento. Leriche tinha lampejos de gênio não lhe era difícil abordar os problemas gerais à margem da filosofia. Assim o vemos quase sempre numa penetração para o geral. Achados de significação prática de pouca valia mas de tantos e tantos cirurgiões tomavam vulto e significado de grande alcance: na cirurgia óssea, cirurgia do simpático, cirurgia dos vasos, cirurgia da dor, cirurgia das glândulas endócrinas etc, etc.

A sólida cultura, o seu alto poder de reflexão faziam de René Leriche um homem diferente de inconcebível poder de penetração nos fatos da vida – “Speransky, Ricker, René Leriche! Pathologie des relations et pathologie Tissulaire. Un physiologiste, un anatomo-pathologiste, un chirurgien. Trois hommes qui nous ont fait comprendre que l’organisme représente autre chose qu’un assemblage de pièces détachées, mais que nous formons un tout dont nerfs, vaisseaux et sang lient les différents éléments. Et je pense qu’un jour viendra où l’histoire de la Chirurgie retiendra parmi les éminents mérites de notre maître disparu, comme l’un de ses plus grands, celui d’avoir su orienter la chirurgie vers la pathologie tissulaire.

Leriche fez mudar os rumos da Cirurgia. Enobreceu a nossa arte. Nem mais um amontoado de técnicas nem tão pouco um artesanato. Nas mãos de Leriche tomou a cirurgia um sentido nobre”de disciplina do conhecimento. “Assim surge a era em que “os métodos superam as questões da técnica e o espírito dominará o bisturi” e a cirurgia seguiu o seu caminho de pleno triunfo intelectualizado como sonhou e viveu o grande mestre de Strasbourg.

Recife, 1955



Cassis - França: René Leriche e esposa na varanda de sua casa em 21 de novembro de 1954



Discurso de Saudação ao Professor René Fontaine pela outorga do título de Professor Honoris Causa pela Universidade Federal de Pernambuco - 1963

Experimento uma infinita alegria e sinto-me imensamente honrado nessa posição simpática qual a de saudar o Professor René Fontaine, e não exagero ao afirmar-vos que este momento representa um dos mais felizes da minha vida universitária. O Prof. René Fontaine tem uma presença marcante entre os vultos mais brilhantes e representativos da cirurgia mundial. A sua obra é vasta e tocada de originalidade, sobretudo no que tange a cirurgia vascular onde a sua ação pessoal se faz presente na renovação de conceitos, modificações de técnicas e ordenações de problemas.

Nascido em 1899 começou os seus estudos em Strasbourg em 1917. Rápida foi a sua carreira universitária; monitor de anatomia, em seguida interno; dos hospitais, logo preparador de cirurgias. Segue-se a chefia de clínica, professor agregado, professor de terapêutica cirúrgica e por fim professor de clínica cirúrgica. Membro de várias associações médicas francesas e estrangeiras, possui o Professor Fontaine toda uma série de condecorações as quais testemunham o seu valor de homem e cirurgião.

Podemos dividir a obra científica do Professor Fontaine em dois períodos: O primeiro que compreende o espaço de 1922 a 1939. Após alguns trabalhos sobre a fisiopatologia do choque em cirurgia abdominal, feitos sob a inspiração do seu primeiro mestre o Professor Sencert, tornou-se o Prof. Fontaine colaborador do Professor Leriche, com quem inicia o estudo clínico e experimental referente a cirurgia do simpático. Suas pesquisas levam a uma nova concepção da vasomotricidade onde se estabelece a importância da inervação intramural. O método das infiltrações anestésicas em cirurgia osteoarticular baseia-se nos seus estudos sobre a sensibilidade articular. Surge a seguir uma nova ordem de

pesquisas atinentes: a ligadura experimental das coronárias; o infarto do miocárdio; a sensibilidade dos envoltórios do coração. "A cirurgia dos nervos do coração"; título de um relatório que com Leriche apresentou ao Congresso Francês de Cirurgia em 1952. Repositório preciso de longa série de trabalhos experimentais com alcance de ordem clínica sempre no caminho da experimentação encontramos pesquisa sobre a enervação pulmonar, fisiologia do gânglio estrelado, sensibilidade do simpático. Ao lado desses trabalhos experimentais lança-se as investigações clínicas e com Leriche determina as bases técnicas e anatômicas da estelectomia, da simpatectomia lombar e esplanicectomia infra-diafragmática. Por este tempo aparecem as infiltrações estelares e lombar. Nenhum só capítulo da cirurgia do simpático foi esquecido; todos foram em minúcias, abordados: angina do peito, asma, Raynaud, osteoporose pós-traumática, as arterites etc..

O segundo período se desenvolve entre 1939 e 1945. É um momento crucial para a França, a doce França, berço da democracia mas ocupada, dominada e amesquinhada, pós desastroso armistício. Já agora Professor de Terapêutica Cirúrgica não mais em Strasbourg porém retirado para Clairvivre sous Dordogne. Privado de tudo, livros e qualquer possibilidade de pesquisa não se deixou abater o seu ânimo forte e o Professor Fontaine consagra esses quase cinco anos em uma desmedida atividade profissional junto aos refugiados e aos "Maquis" da região do Limousine. E dentro desse ambiente de terror, perseguições e traições, esse homem cheio de coragem e decisão acha tempo para escrever uma memória sobre a bioquímica da oclusão intestinal.

Em 1945 volta o Professor Fontaine a Strasbourg. Refazem-se os arquivos da clínica, destruídos pela ocupação. As possibilidades de pesquisas renascem. Reinstala-se o laboratório de cirurgia experimental e criam-se os laboratórios de pesquisas histológicas, bioquímicas e fisiológicas. As pesquisas sobre embolia pulmonar são retomadas. A cirurgia das glândulas endócrinas constitui-se tema para o Congresso Francês de Cirurgia de 1946. Com Mendel cria o novo método do balanço cálcico a «minima». E continuam os trabalhos e as pesquisas se repetem

com atenção principal atualmente para as trombozes venosas e arteriais e arteriosclerose experimental.

Cher Professeur Fontaine, permettez-moi tout d'abord d'évoquer en ce lieu et devant cette illustre assemblée un nom, non seulement pour la grande figure qu'il représente dans La Médecine, mais surtout pour les liens qui nous unissent à lui tous les deux: celui du Professeur René Leriche. En effet c'est grâce à l'invitation du Professeur Leriche qu'en 1954 j'ai eu l'avantage de passer six mois à La Clinique Chirurgicale A de la Faculté de Médecine de Strasbourg et la joie, après avoir travaillé avec Monsieur Leriche à Paris en 1949, de retrouver à Strasbourg comme Professeur de Clinique Chirurgicale un disciple du Professeur Leriche. La vénération commune que nous portons à ce Maître fût le premier chemin d'une amitié et d'une collaboration qui depuis lors n'ont fait que s'intensifier. Dans cette Clinique que vous dirigez toujours, cher Professeur Fontaine, avec le même dévouement, le même zèle, la même passion pour la recherche, j'ai particulièrement apprécié l'atmosphère de travail et d'enthousiasme que vous savez inculquer à tous vos collaborateurs, fidèle à la pensée et à la méthode de Leriche, expérimentation et clinique toujours étroitement liés et se contrôlant l'un l'autre. Ce fut pour moi une expérience extrêmement enrichissante et ce m'est une grande joie de vous exprimer ici toute ma gratitude.

Il serait trop long d'énumérer la série de travaux qui vous ont mérité, bien au-delà des frontières de votre patrie, un renom exceptionnel. Il suffira de signaler tout ce que vous avez fait dans le domaine de la chirurgie sympathique, sur les thrombozes veineuse et artérielles, sur la greffe artérielle, et vos remarquables recherches sur l'arteriosclerose, pour une petite idée de l'ampleur et de l'importance de votre rôle scientifique, tout au plan de la recherche qu'à celui de l'application clinique.

C'est pourquoi l'Université Fédérale de Pernambuco se sent aujourd'hui très heureuse de vous accueillir et très honoré de vous décerner Le Titre de Professeur "Honoris Causa" qui resserrera encore plus les liens créés depuis votre premier séjour à Recife en 1955, et ceux qui dans tous les domaines de la science et de la culture unissent le Brésil et la France.



Homenagem ao Servidor Teóphilo de Barros Coelho - Secretário da Faculdade de Medicina (1965)

Meu caro Theophilo

Recebi com agrado a missão de lhe dizer o sentido desta homenagem. Fique tranqüilo e sem inquietações. Sei bem da sua sensibilidade exaltada e melhor conheço de sua emotividade. Mas, fique tranqüilo... tudo será simples. Simples como o gesto elegante dos seus amigos aqui presentes; simples como a generosa refeição do momento que só em parte representa um banquete, pois se feita em honra a alguém – você Theophilo – falta-lhe o traço “do solene” que o caracteriza, e esta solenidade não poderia existir: pelo seu feito e pela nossa maneira de ser.

Atente, porém, meu amigo, que por trás de toda essa singeleza há uma grandiosidade de festa de afeto e reconhecimento dos amigos do ex-secretário da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. E você, meu caro Theophilo, bem a merece.

Numa seqüência de anos que não posso precisamente enumerar, foi Theophilo de Barros Coelho o nosso grande secretário!

Homem equilibrado no desempenho das suas funções, revelou sempre um atendimento correto e a todos a consideração justa: professores, alunos, funcionários. Nunca tomado de empáfia, mas sempre escudado na firmeza de propósitos levava a bom termo algumas atrevidas querelas.

Foi um burocrata que fugiu ao significado do termo. Nunca foi escravo do birô nem do birô fez a sua força. Atenuava o trabalho da burocracia, facilitando os trâmites das petições, ofícios e memoriais em benefício das partes e da Instituição. Sem extrapolar encaminhava tarefas alheias e orientava problemas gerais.

Durante os três anos que o tive como secretário, posso testemunhar

quanto de si dava Theophilo a nossa Escola: trabalhando duramente sem nenhum outro interesse a não ser o bem e a grandeza da Faculdade de Medicina. A isso, meus amigos, chama-se elevação de caráter, nobreza de coração.

Mas, o “meu secretário” (vejam com que alegria mental emprego esta expressão): o meu secretário ao lado desse dinamismo administrativo mostrava-se, às vezes, místico e sonhador.

Nos momentos de lazer e ao entardecer em fim de expediente, nas horas de saída, entabulávamos conversa sobre livros e problemas humanos, levando o nosso homenageado ao entusiasmo, deixando a descoberto o seu espírito vivo, atilado e por vezes mordaz.

Quantas e quantas vezes analisamos em minúcia o problema de educação médica! Quantas outras, a questão, a difícil – questão de redigir!

Mas, há ainda uma outra face do nosso homenageado muito interessante aliás, mas dessa direi apenas, perdoem-me a expressão de gíria “deixe isso pra lá”.

Meu caro Theophilo, diziam os antigos romanos “Homines frugi omnia recte faciunt”. Nessa frase está contida o motivo da nossa estima e também a razão de ser do nosso aplauso a você.

Não será excessivo dizer-vos que poucas vezes nos temos reunido com tamanha veemência e particular júbilo, como agora. Não só os mestres mas também os alunos, todos quanto mourejam no ideal do estudo médico, vieram ao vosso encontro e abriram os braços aos que de longe chegaram, para de maneira precisa e convincente trazerem as manifestações de uma identidade de espírito que nos dignifica e nos honra. E aqui quero expressar-vos em nome da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife as merecidas graças pelo gesto elegantemente cortês da vossa visita.

Existe um sentimento de crescente descontentamento no que diz respeito a falta de adequação dos sistemas de educação médica, no mundo inteiro. Uma das , maiores dificuldades diz Prywes, está no fato de que o professor de hoje deve educar a jovem geração para o amanhã e comenta em seguida: isto é particularmente certo no que concerne à medicina, pois já se disse que a metade do que ensinamos aos nossos alunos agora, poderá

carecer de sentido dentro de dez anos. A dificuldade consiste em saber a qual das metades tal afirmação poderá ser aplicada. Os mesmos métodos de educação que produziram agitação em certo período, perpetuados, poderão resultar rígidos e estáticos, conduzindo a esterilidade e confusão em uma época posterior.

A medicina é na sua essência dinâmica e a educação médica uma experiência dinâmica. Manter uma associação estreita com a vida médica da região, promover idéias novas e progressistas na prática médica, velar cuidadosamente pelo bem estar do enfermo e fomentar a saúde constituíram e continuarão a constituir as nossas aspirações maiores.

No Brasil, as experiências de reformas se vêm sucedendo continuamente. É que a repercussão do exaustivo relatório sobre a Educação Médica na Europa, apresentado em 1912 ao Instituto Carnegie para o adiantamento do ensino, relatório elaborado por FLEXNER se fez marcadamente sentir entre nós. Modificaram-se estruturas de seriação. Transformaram-se maneiras de apurar o aproveitamento dos alunos. Novas disciplinas foram criadas. Em 1918, o Parlamento fez dos assistentes da clínica funcionários vitalícios contra o protesto das Faculdades. Houve até uma reforma que dava ao aluno o privilégio de não freqüentar: a liberdade da infreqüência, a liberdade da deserção, a liberdade da inferença no ensino profissional dizia Ruy Barbosa. Em 1924, agitava-se a questão do ensino médico na Faculdade de Medicina da Bahia. Havia uma grita geral. Os slogans explodiam: o ensino decai! Uma reforma se faz necessária! Urge um plano de salvação! Apele-se por auxílio ao governo central!

E o ilustre mestre Prado Valadares, analisando os males que então nos afligia, em discurso memorável, profligou os responsáveis pelo que acontecia e sacudiu então a sua fórmula, simples e salvadora, que desencadeou tanta ingresia ao entorno de mestres e alunos, com a qual a redenção do ensino baiano seria um fato: não pagar ao professor que não trabalha, não aprovar o aluno que não sabe. Noção básica do ensino: ao professor ensinar; ao aluno estudar.

CHESTERTON escreveu certa vez um ensaio sobre a busca do prazer; nele procurava demonstrar que a música dificulta a conversa durante

as refeições. Pretendia reviver o hábito cristão de discutir sobre a razão e a verdade alheando-se dos alimentos e suas funções. Sabeis o que aconteceu? Os pragmáticos dos nossos dias logo procuraram tirar conseqüências práticas no que julgaram premissa científica e rapidamente deduziram que a música prejudicava a digestão. Convertiam assim um postulado normativo o que pretendia ser simples especulação dialética. Sabedor do acontecido Chesterton advertiu: falsificar os conceitos representa toda vileza, prosaísmo e vulgaridade que constitui grande parte da filosofia prática desta época ilustrada.

Em outra ordem hierárquica Fuentes Chaves que nos contou esta deliciosa história pondera: Que grave erro de conceito! Realizar os atos médicos com profusão de conhecimentos teóricos e práticos não é saber ensinar medicina e muito menos ser professor da Universidade. Se a Universidade expressa um sentido de universalidade, exige em qualquer de suas fontes, um ensino ecumênico, que reflita o sistema de idéias vivas que cada tempo possui.

Não há dúvida que vivemos um desses períodos históricos em que todas as ciências tem que se renovar porque a vida, a fonte perene da inspiração sofreu um grande abalo

Não se compreende, em face dos enormes progressos das últimas décadas que se continue a ensinar e exercer a medicina com um conceito do mundo e da vida semelhante a 1850.

Mas... como diz Maranon, não há normas fixas sobre o que é perfeito no ensino. O melhor é o eficaz. Mas o eficaz não depende de normas abstratas e sim do modo de aplica-las. Um plano de ensino impecável nada vale nas mãos de um professor incapaz. No ensino o que é primordial é o coeficiente subjetivo. Nenhum valor parece uma sólida formação técnica se não existe no mestre uma forte vocação: amor, exclusividade no objeto amado e desinteresse absoluto em servi-lo. Para exercer influência sobre os alunos, diz Fuentes, única coisa capaz de conseguir um ensino efetivo precisa-se de uma cultura que não é ciência nem erudição, é uma sensibilidade especial para tudo aquilo que no mundo tem substância humana. Nem se adquire nos livros nem revistas nem na clínica ou sala de

operações quando nelas se entra com a mente fria do cientificismo ou o positivismo de técnico. Precisamos fazer no ensino médico o que propõe Manheim para estabilizar a democracia uma reforma do homem, uma modificação da conduta humana, sem o que 'Caveant Consules!'

Meus senhores

Ao terminar quero agradecer-vos a convivência feliz que nos proporcionastes em dias de júbilo e glória para nossa Faculdade em que foram empenhados novos votos e renovadas gratas esperanças. Ao voltardes aos vossos lares podeis guardar a esperança da nossa estima e gratidão pelo muito que aqui fizestes com a luz do vosso saber e a grandeza dos vossos corações.



Prof. Romero Marques e o Dr. Theophilo de Barros Coêlho secretário geral da Faculdade de Medicina de Recife



Saudação em Homenagem ao Cinquentenário da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife (1965)

A boa fala chegará. Virá dentro em pouco, por outras vozes, em estilo aprimorado e forma apurada, para dizer-vos da grandiosidade da data que hoje, jubilosamente, comemoramos : o cinquentenário da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco.

Quando a conheci e a ela me fixei, a Faculdade de Medicina do Recife havia deixado o velho casarão da rua Barão de S.Borja e instalara-se no Derbi, em prédio próprio. Edifício de construção recente, sem pretensões nas suas linhas gerais a um neo-colonial, situava-se num recanto da Graça ou Largo do Derbi onde uma curva remansada do Capibaribe dava-lhe um aspecto pitoresco. Ao lado direito, passava o bondinho do qual se aproveitava por vezes a estudantada para brincadeiras marotas. Depois afearam a paisagem. Construíram à esquerda uma espécie de « cubo habitável » quebrando a graça harmônica do prédio e do rio. Na parte posterior, surgia o Instituto de Anatomia Patológica. E vieram mais anexos : o bloco de técnica operatória e cirurgia experimental e fisiologia. A Faculdade crescia em ânsia pelo aprimoramento do ensino. A instrução clínica seguia com escasso material, aproveitando-se de um bom número de enfermarias no Hospital Pedro II. Não houve um paralelismo entre as melhoras do chamado ciclo básico e o ciclo clínico. E isso foi mau. Pois se o ensino dogmático podia ser útil, naquela época, ao primeiro grupo, ao segundo pouco proveito produziria. Os professores sentiam o problema e tentaram com bons propósitos novas realizações mas quase nada se conseguia. Depois, o grande salto : Universidade e logo a federalização ; um sonho de quase todos, descontentamento de uns poucos. Enfim, a nova faculdade, majestosamente construída e onde foram, imponentemente,

instaladas as cadeiras básicas. Mais uma vez a instrução profissional tinha de esperar.

Acompanhei de perto o plano da Cidade Universitária. Senti o entusiasmo contagiante de muitos, como apreciei a indiferença de alguns. A grandiosidade do projeto deixava-me atônito e aturdido, em face da maravilha de planos, plantas, desenhos diagramas e exposição autorizada de técnicos e dirigentes, recordava com vaga tristeza a estória da fundação Rashid.

Nela construímos vinte e quatro caravanas que chegam a tocar o céu, 1500 lojas que ultrapassam a pirâmides em firmeza e 50.000 fascinantes casas. Foram construídas saudáveis casas de banho, agradáveis jardins, armazéns, moinhos, fábricas de tecidos e papel... Gente de todas as cidades e redondezas foi removida para a referida Fundação. Entre elas há 200 recitadoras do Alcorão... Demos moradia a 400 outros letrados, teólogos, juristas e tradicionalistas (Hadith, eruditos) na rua denominada « Rua dos Eruditos » ; todos eles recebem pagamentos diariamente, pensões, e uma verba anual para roupas, sabonetes e confeitos. Acomodamos 1.000 outros estudantes... e demos ordens para se atender ao pagamento diário e à pensão deles... a fim de que possam ocupar-se confortável e tranquilamente com a aquisição de conhecimentos, com que o povo muito se beneficiará. Determinamos também quais e quantos estudantes devem estudar e quais os professores ; depois de sabermos com exatidão as aptidões de cada um que procurar ilustrar-se e sua capacidade de aprender determinado ramo de ciências... ordenamos-lhe que aprenda essa ciência.

Cinquenta hábeis médicos vieram das cidades de Hindustão, China, Misr (Egito) e Shn´m (Síria) ; todos eles receberam nossa particular atenção, tendo sido favorecidos de todas as maneiras ; ordenamos que frequentem nossa “Casa de Cura” (hospital) todos os dias e que cada um tome a seus cuidados dez estudantes, que possam aprender medicina, e os prepare para o exercício dessa nobre arte. A cada um dos oculistas, cirurgiões e ortopedistas que trabalham... em nosso hospital... ordenamos que cinco dos filhos de nossos seridores lhes sejam confiados a fim de serem instruídos na oculística, na cirurgia e na ortopedia. Para todos esses

homens... formamos um quarteirão atrás do hospital... A rua deles chama-se “Rua dos que curam. Outros artífices e industriários que vieram de vários países foram também acomodados, cada grupo em uma rua particular. Eis tudo que nos conta o historiador, da célebre Rab’-i-Rashidi, no subúrbio oriental de Tabriz numa exaltação do gênio do Islã. (W.Durant – História da Civilização – Parte VI T.III).

É lícito ao homem sonhar, mas reconheço o perigo dos devaneios. Houve fantasias entre os islâmicos como existia muita imaginação entre nós. Diante os progressos técnico-científicos dos últimos decênios mudou-se o conceito da vida e outra é a imagem do mundo e o ensino médico terá de ser formulado em novas equações. Isso não quer dizer que nos percamos em minúcias de reformas existentes e não operantes. Cada dia uma modificação, cada hora uma alteração, cada minuto uma restrição, se continua o ensino irá cair naquela “boutade” de Bernard Shaw sobre o especialista que para Shaw é um homem que sabe muito sobre um determinado setor e cada vez procura diminuir o setor para saber mais e afinal acaba por saber tudo do nada!...

Como diz Marañon, e tenho repetido, não há normas fixas sobre o que é perfeito no ensino. O melhor é o eficaz. Mas o eficaz não depende de normas abstratas e sim do modo de aplicá-las. Um plano de ensino impecável, nada vale nas mãos de um professor incapaz. No ensino o que é primordial é o coeficiente subjetivo. Nenhum valor oferece uma sólida formação técnica se não existe uma forte vocação: amor, exclusividade no objeto amado e desinteresse absoluto em servi-lo. Para exercer influência sobre os alunos diz Fuentes, única forma de conseguir um ensino eficaz, precisa-se de uma cultura que não é ciência, nem erudição. É uma sensibilidade especial para tudo aquilo que no mundo tem substância humana. Nem se adquire nos livros ou revistas, nem na clínica ousala de operações quando neles se entra com a mente fria do cientificismo ou positivismo de técnico!(Fuentes)

Meus senhores:

Só de uma maneira podemos consagrar gratidão aos fundadores desta casa, e esta reside num trabalho redobrado para que o ensino não decaia.

Não nos deixemos tomar pela desesperança, nem tão pouco mergulhemos no pessimismo, que nada constroi e se não faltarem os estímulos necessários saberemos manter à altura mereida a “Casa de Otávio de Freitas”. Reverenciemos pois a memória do Otávio de Freitas e dos seus companheiros que num trabalho abnegado souberam elevar o nome da Medicina, em Pernambuco. Homenageemos os jubilados pedindo-lhes que nos tragam o vigor dos seus conhecimentos para esteio das nossas atividades. Porque nós, professores atuais, temos a posição devida que se resume neste único propósito : TRABALHAR.



Missa em Ação de Graças pelo cinquentenário da Faculdade de Medicina do Recife, celebrada pelo Acebispo Dom Helder Câmara - Primeira fila prof. Romero Marques e Prof. António Zappala



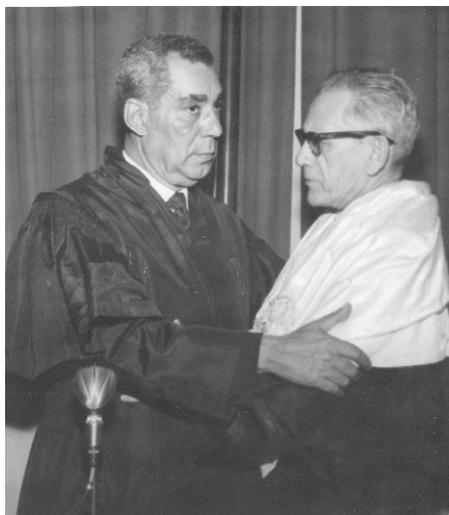
Congregação da Faculdade de Medicina em primeiro plano Paulo Borba, Romero Marques, Fernando Figueira, Manoel Caetano, Salomão Kelner, Nelson Chaves e Arthur Coutinho.

Saudação pela passagem do cinquentenário da Faculdade de Medicina prof. Romero Marques





Outorga da Cruz Nacional do Mérito Médico - Em primeiro plano Romero Marques e Miriam Kelner



Cerimônia de Posse na Diretoria da Faculdade de Medicina - Romero Marques e o então Reitor João Alfredo



Discurso de saudação do Prof. Eduardo Wanderley na Cerimônia de Posse do Prof. Romero Marques na Diretoria da Faculdade de Medicina do Recife (Auditório Jorge Lobo)

Croix de l'Ordre Nationale du Mérite pelo Governo Francês: Discurso de Agradecimento (1973)

Chers amis

Je suis confus et ému et je ne sais comment vous exprimer ma gratitude pour l'honneur de recevoir la médaille d'Officier dans l'Ordre National du Mérite et pour constater que vous m'en jugez digne.

Au Brésil, presque tous ceux de ma génération, nés dans la première décennie du XXème siècle, ont subi l'influence d'une formation culturelle française. Par les auteurs français, nous avons étudié les humanités et les disciplines de nos écoles supérieures.

Dans ma jeunesse, mon Patron, mon père, le Prof. Arnobio Marques, qui avait déjà fait deux séjours en France, en 1900 et en 1910, m'avait fait connaître et admirer les maîtres de la médecine française.

En 1948, j'ai eu le privilège et la joie de recevoir à Recife, le Grand Patron René Leriche, avec qui je me correspondais à partir de 1936. Depuis sa mort, en respectueux hommage, mon service à l'Hôpital Pedro II s'appelle René Leriche.

Pendant la deuxième Grande Guerre, malgré tout le défaitisme de faux francophiles, j'ai réussi à soutenir dans mon équipe d'assistants la confiance dans la victoire. Dès ce temps là, j'ai essayé d'élèver et de divulguer la culture française et de faire dans la mesure du possible de l'échange culturel avec les médecins et professeurs français.

En 1949, à l'invitation du Prof. Leriche, je suis venu à Paris où j'ai eu le plaisir de l'aider à l'Hôpital Américain.

Après cela, j'ai fait de fréquents séjours en France pour me mettre à jour avec les nouvelles acquisitions et techniques et d'accompagner sur place les dernières conquêtes de la médecine française pour les transmettre à mes élèves.

En 1948, j'ai envoyé mon assistant, De Barros, aujourd'hui professeur titulaire de neuro-chirurgie à l'École de Médecine de l'Université Fédérale de Pernambuco, pour faire un stage à Paris auprès des professeurs Guillaume et Le Beau. Ensuite, j'ai envoyé une vingtaine à Strasbourg auprès des M.M. Fontaine, Kieny et Lafaye ; à Nancy auprès des M.M. Chardot et Chalnot ; à Lyon au Service des professeurs Mallet-Guy, Marion et Descotes; à Paris chez M.M.Olivier, Vourch et Kunlin.

Je vous assure que tous mes élèves, surtout mes trois fils chirurgiens, ont suivi avec profit tous les enseignements reçus et qu'ils restent fidèles à l'École Française, malgré la grande diffusion des méthodes américaines parmi nos jeunes médecins.

Je profite de l'occasion pour vous remercier en public, chers professeurs, vous qu'avez si amicalement reçu mes élèves dans vos services.

Qu'il me soit permis de manifester en particulier à mon maître et ami Prof.René Fontaine, l'assurance de la bien vive gratitude qui je garde pour tout ce qu'il a fait pour moi et mes assistants.

Je souhaite que le bon DIEU m'accorde encore quelques années de vie, en bonne santé, pour continuer à affermir les liens d'amitié franco-brésilienne, pour démontrer ma reconnaissance à votre pays et votre gouvernement et pour jouir de votre précieuse amitié.

Cette cérémonie restera à jamais gravée dans mon souvenir.

Je suis très honoré de cette hommage.

Je garderai dans mon coeur le souvenir inoubliable de vous tous ici présents et de tous ces bons amis français qui à Recife ont demandé pour moi cette distinction.

Merci.



Professor Romero Marques recebe do Professor René Fontaine a Cruz de Oficial do Mérito Nacional da França - Strasburg 1973





**Discurso de Agradecimento outorga
do título de Doutor Honoris Causa da
Universidade Louis Pasteur – Strasbourg - 1974**

Monsieur le Président de l'Université Louis Pasteur,
Mês chers collègues,
Mesdames, mesdemoiselles, messieurs,

Monsieur le Président,

Est-ce le privilège de l'âge, est-ce le privilège du médecin? Je pencherais plutôt em faveur du premier. Je suis chargé du redoutable honneur de vous adresser au nom de mes collègues ces quelques mots.

Quand l'année dernière vous m'avez fait l'honneur d'assister à la cérémonie au cours de laquelle la croix d'Officier du Mérite National me fut remise, je me pouvais pas imaginer qu'aujourd'hui je serais admis dans votre Université comme un des vôtres. Cette investiture est d'une grande joie pour moi-même comme elle l'est pour mes collègues, laissez moi vous em remercier.

J'aimerais dans une allocution, pleine de coeur et de sentiment, dire tout ela gratitude qui nous anime mes collègues et moi-même em cette occasion qui restera inoubliable pour nous; avons pu apprécier pendant nos séjours parmi vous dans les diverses branches médicale, scientifique et littéraire.

Votre Université qui pourrait se bercer au souvenir d'un passé chargé de gloire et d'histoire est cependant tournée vers l'avenir: elle est



pour nous une admirable école de perfectionnement. La Faculté de Médecine de Strasbourg joue un rôle très important dans le monde entier. Tout particulièrement dans notre Université du Nord Est Brésilien, à Recife. Elle est continuellement présente par le passage de ses illustres membres.

Du temps s'est déjà écoulé depuis que jeune professeur nous avons séjourné parmi vous. La fuite du temps est inexorable... Toutefois nous ne pouvons oublier votre esprit de méthode et de discipline qui rendait entre tous les membres du service. Votre exemple nous incite à multiplier nos efforts pour savoir mieux, savoir davantage, de manière à pouvoir concrétiser demain, chez nous, des projets qui, aujourd'hui, nous paraissent inaccessibles.

Recevoir le titre de "Docteur Honoris Causa" que votre bienveillante amitié nous confère, est un grand moment de notre vie professionnelle.

Être un des vôtres, appartenir à votre remarquable Université est un honneur et un privilège que nous ressentons comme tels.

Nous sommes les uns et les autres admirateurs de la Culture Française et aujourd'hui ce titre que vous nous conférez vient renforcer les liens qui unissent nos pays au vôtre.

Soyez certain que les uns et les autres, nous voulons être les catalyseurs permettant l'intensification des échanges culturels entre nos facultés afin de ne pas perdre l'essentiel de la Culture qui est universellement humaine.

Ce ne sont pas des phrases conventionnelles d'avouer que nous sommes très honorés de recevoir cette distinction, de dire que notre satisfaction est aussi grande que notre émotion. Nos paroles sont pleines de sincérité et de reconnaissance.

Dans ce monde bouleversé, plein d'incompréhension et de controverses, où la politique par son attitude divise toujours les hommes, la Science, la Médecine et la Littérature les unissent car elles parlent la même voix, partout, puisqu'elles sont universelles.

Renan a dit: "la médecine est une seule et toujours la même. Le malade – le plus impartial des hommes, car il ne veut qu'une chose, être guéri – ne s'adresserait jamais à une médecine régionale, s'il y en avait une, il sera toujours pour la médecine sans épithète: pour la bonne".

La médecin doit être avant tout un humaniste. Quand il ne peut plus guérir le corps de son malade, il essaie, par sa présence, d'adoucir son esprit. La pauvre Marguerite Gauthier, la Dame aux Camélias, quando arrive le terme de son drame et de sa maladie, dit à son médecin qui vient de lui promettre la guérison: Quand Dieu a dit que le mensonge est un péché, il a fait une exception pour la médecine".

Les temps et les doctrines changent, mais la nature et la médecine dans leur essence, restent toujours les mêmes. Hippocrate, lui, demeure le Grand Patron de toutes les époques et ce serment que vous faites préter au médecin qui vient de soutenir sa thèse a une valeur d'Universalité.

Quelles que soient nos disciplines, quelles que soient nos origines, quelles que soient nos philosophies, nous devons être fidèles à nos maîtres et garder pour votre Université la défférente amitié de celui qui a reçu envers celle qui a donné.

Quatre nouveaux docteurs honoris causa à l'université Louis-Pasteur



Le professeur Marques pendant son discours. Au second plan, de gauche à droite les trois autres docteurs honoris causa : les professeurs Lissouba, Zeemann et Rubin.

PHOTO DN

Posse na Academia Pernambucana de Medicina Patrono Malaquias Antônio Gonçalves- 1974

J á foi dito e comentado: a História não fala de médicos. Lembra sim, feitos memoráveis de exploradores, religiosos, políticos e artistas. Guerreiros e belicosos são constantemente exaltados. Napoleão encobre Larrey, Luiz XIV ofusca Fagon.

O médico é um eterno esquecido. Enquanto jovem, profissional capaz, é todo grandeza. Marcado pela idade ou doença vê os louvores sumirem, a confiança diminuir e a importância minguar. Em torno dele se vai formando um círculo de silêncio que se fecha afinal num completo esquecimento. O reconhecimento e as homenagens surgem, por vezes, e se fixam no nome de uma rua, de uma avenida (quase nunca), de uma travessa e até mesmo de um beco sem saída.

Malaquias Gonçalves foi assim reverenciado. Aquele trecho de macadame que liga a estrada de Casa Amarela a de Casa Forte passando no oitão da atual Academia Pernambucana de Letras tem o seu nome e foi resultado de um gesto afetivo do seu sogro o Barão Rodrigues Mendes.

Malaquias Antonio Gonçalves, filho de Domingos José Gonçalves e Torquata da Cunha e Silva Gonçalves, nasceu a 11 de dezembro de 1874, na fazenda dos seus pais, na cidade do Brejo, Estado do Maranhão. De sua infância, nenhuma revelação. Vamos surpreendê-lo, aos 16 anos, no Rio de Janeiro, cursando a Faculdade de Medicina.

Criada em 1832, sofria a Faculdade, em 1854, a sua primeira reforma, conhecida como reforma do Visconde Bom Retiro. Tudo se limitou ao aumento do número das “cadeiras”. No tempo da fundação eram 14. Com a reforma chegaram a 18. Mas há um fato a assinalar de importante significação: a estrutura do corpo docente. De início dispunha a Faculdade de lentes e substitutos. Com a reforma Bom Retiro, havia lentes, mas surgiam os opositores e preparadores. Lycurgo Santos Filho nos fala do papel valioso que os opositores representaram no desenvolvimento do

ensino médico: Opositores e médicos estranhos à Faculdade realizaram com desusada freqüência de ouvintes, cursos livres de especializações. Hilário de Gouvêa e Pires Ferreira ensinaram oftalmologia Cláudio Filho da Mota Maia, então opositor deu em 1873 um curso particular de Medicina Operatória. José Pereira Guimarães, também opositor, lecionou anatomia topográfica e descritiva.

Não sendo modelar, o ensino médico melhorava de nível e o papel destacado dos opositores, os estudantes fundaram sociedades acadêmicas, algumas com revista própria onde debatiam assuntos úteis e valiosos, num interesse imenso de renovação dos conhecimentos.

Malaquias Gonçalves, cheio de coragem inteligente e responsável fundou a Sociedade Médico-Cirúrgica de Observações e entrou para o corpo redacional da revista *Ateneu Acadêmico*. Interno de cirurgia e depois de clínica médica, numa atividade surpreendentemente soberba, Malaquias Gonçalves espalhava as suas energias, escrevendo nas revistas acadêmicas, nos misteres dos internatos, numa vontade incontida de revelar os mistérios da arte médica.

Formado em 1868, escolheu para tese inaugural e estudou com “apurado gosto e erudição” *Diagnóstico e Tratamento das Moléstias dos Orifícios esquerdos do Coração*. Isso deu motivo a críticas pouco lícitas, com as quais se procurava negar as suas qualidades de cirurgião.

Malaquias Gonçalves era um erudito. Quando do famoso debate que manteve com o genial Tobias Barreto mostrou-se profundo conhecedor da fisiologia, valendo-se de argumentos dos melhores autores da época, para sustentar tranqüila e sabiamente os seus pontos de vista.

Da Anatomia Patológica, bacteriologia e ciências afins – diz Arnóbio Marques – ele sabia o que razoavelmente se pode exigir de um Clínico. A Patologia tropical não lhe era estranha, discorreu com entusiasmo sobre Beribéri, Filariose, Febre Amarela. Sobre essa última enfermidade praticou necropsias para estudo comparativo com pesquisas alheias. Discutiu Higiene e Medicina Legal sob vários aspectos. Batalhou denodadamente pela extinção da varíola e “contra o que chamou anti-científico sistema de aterro dos pântanos do Recife”. Compreendia a

Medicina sob um único ângulo, a medicina integral, completa, una, como os mestres do seu tempo. Bouglé e Cavasse. Em cirurgia a sua predileção era pelos autores ingleses. Lia e citava continuamente Marsh, Butlin e o seu inseparável TREVES.

Censuravam-no por ter publicada pouco. Quase nada deixou escrito. Malaquias não se perdia nas palavras. Era na verdade o “homo faber”.

Escreve Arnóbio Marques: A perquirição dos arquivos do H, Pedro II e Português dá certeza que as suas operações contam-se por milhares... quem há que o visse recuar ante uma operação bem indicada? Em frente a casos difíceis, quando a vida do doente estava, por assim dizer, em suas mãos, ele era calmo. Calmo e seguro no seu valor e no seu saber.

Conta-nos ainda Arnóbio Marques: “quando após longa laparotomia, vencendo grandes aderências viscerais nos sentíamos fatigados e de ânimo a desfalecer, pois o doente quase agonizava, ele (Malaquias) corajoso e Sábio: “nada de hesitações: o caso é péssimo; impõe-se a ressecção intestinal, é fazê-la...”E assim se fez e assim se conseguiu a cura.

Participando assiduamente nas nossas sociedades científicas, não só apresentava os seus próprios casos como também aqueles, dos colegas, nos quais descobria interesse, discutindo-os e comentando-os e na sua nobreza de proceder, analisava sucessos e insucessos. Posso afirmar, diz Arnóbio Marques, que se outro fora o meio em que viveu, os seus discípulos poderiam reunir em volumes suas lições orais e descrevê-las:

Ferimentos da articulação escapuloumeral com arrancamento do braço.

Ligadura dos grossos vasos

Diagnóstico dos aneurismas externos

Ressecção do maxilar superior

Tumores parotidianos

Operação de Estandler

Desarticulação escapulo-umeral (Arquivo médico)

Osteossarcoma do maxilar superior direito (Gazeta Médica da Bahia)

Uretrotomia externa

Talhas parineais

Talhas Hipogástricas.

No domínio da oftalmologia praticou enucleações, operou cataratas, realizou tarssorraffias. Atuou em otorinolaringologia, trepanando mastóides, procedendo rinoplastias. Praticou suturas nervosas.

Participou do 1º Congresso Médico Brasileiro onde discutiu com brilhantismo os temas Histerectomias e Calculose Vesical no Brasil. Por mais de uma vez teve destacada atuação na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Otávio de Freitas nos conta da movimentada ação de Malaquias Gonçalves em concurso de Clínica Cirúrgica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Competindo com homens como Oscar Bulhões, Crissiuna e Monat, Malaquias soube se portar à altura, revelando largos conhecimentos da especialidade e defendendo com veemência a sua brilhante tese intitulada “Influência dos traumatismos da uretra sobre o organismo”

Desanimado de conseguir uma cátedra naquela Faculdade, regressou a Pernambuco que se julgou com a sua preterição, pois não fosse ela, perderia a sua classe médica um dos maiores ornamentos, um dos seus mais valentes operadores. A sua confiança no estudo e na observação não arrefeceu absolutamente com aquele fato, antes veio ele contribuir para maior desenvolvimento do seu temperamento cirúrgico. Não foi mestre na faculdade carioca, mas tornou-se o mestre querido da cirurgia recifense (Otávio de Freitas.)

A cirurgia era o “leit-motiv” de sua vida. Viajou a Europa. De volta, seu primeiro cuidado foi a tentativa de modificar os nossos costumes hospitalares. Quando seu sogro o Barão Rodrigues Mendes foi eleito provedor do Real Hospital Português, Malaquias, então chefe de Clínica Cirúrgica começou as modificações possíveis e aplicáveis naquele tempo, na intenção magnífica de transformar a velha casa de Beneficência em hospital modelar.

A política não o absorveu. Não se deixou empolgar, como aconteceu a Maciel Monteiro que resoluto e nobre deixou a profissão médica enveredando pelos caminhos das musas e da política onde ousadamente luziu. Malaquias nunca esqueceu a cirurgia. Quando passou do cenário político estadual – aqui desempenhou mandatos na Câmara Municipal e na

Câmara e Senado Estaduais) – para o federal, aproveitava o estudo no Rio para visitas freqüentes às grandes livrarias, trazendo para Recife as últimas aquisições da arte cirúrgica e da medicina em geral, no propósito de enriquecer a sua excelente biblioteca a qual doou a Sociedade de Medicina de Pernambuco.

A morte o surpreendeu a 17 de agosto de 1908, no Rio. Ali estava representando Pernambuco, como deputado federal pelo 2º distrito. Liberal da velha escola, Malaquias foi sempre admirado pelos seus pares, pela competência científica e retidão de caráter.

Há poucos dias, Manoel Caetano de Barros, o proficiente professor de neurologia e neuro-cirurgia da nossa faculdade, perguntava-me se eu havia conhecido Malaquias Gonçalves e alegava que eu falava tanto e com tantas minúcias sobre ele como se tratasse de um íntimo.

Não. Não o conheci. Desde menino, porém comeci a ouvir comentários e críticas sobre esse grande médico. Conversas em nossa casa; Curio, Alfredo Costa, Chacon, Amorim.... A princípio entendia as coisas entre curioso e divertido, depois com simpatia e afinal com grande admiração. Assim, quando ainda professor da 3ª Clínica Cirúrgica, inaugurei o retrato do velho Malaquias ao lado do Prof. Arnóbio Marques, na enfermaria de S. Francisco, do Hospital Pedro II onde fora Chefe. Foi uma homenagem simples. Falando o Professor Oscar Coutinho sobre aquele homem barbudo, estatura mediana, olhos claros e olhar penetrante, fala enérgica, mas não agressiva e coração puro. A figura desse homem ficou na minha admiração. Porque Malaquias Antonio Gonçalves foi um médico notável e um homem de bem.



Discurso de Agradecimento ao Prof. Adonis de Carvalho pela homenagem aos 50 anos de formatura do Prof. Romero Marques - 1974

Nossos agradecimentos ao Prof. Adonis e seus colaboradores pelo gesto elegante desta homenagem. Agradecimentos sinceros e comovidos.

Após mais de meio século de atividades profissionais, quando mais nada se aspira, e a vida apenas continua, sensibiliza uma tal distinção. Muito mais uma festa do que uma vida apenas contínua, sensibiliza uma tal distinção. Muito mais uma festa do que uma homenagem. Homenagem revela acatamento, reverência, respeito. Festa traduz alegria, júbilo, contentamento e todos nós nos sentimos excessivamente jubilosos, conseguindo, à força do tempo, esta singular honraria.

Saber envelhecer não é fácil. Adaptar-se a uma filosofia da velhice é não digo desalentador, mas algo de muito difícil. Os novos evangelistas da arte médica – gerontólogos e geriatras – anunciam medidas e regras seguras para preservar a saúde daqueles que se adiantam na idade.

Terceira idade, quarta idade são eufemismos que em nada modificam o sentido natural do envelhecimento. Mas, os mensageiros da nova especialidade apregoam fundamentos e princípios que atraem, seduzem e até iludem. Na realidade, o velho não é mais tomado dentro daquela imagem grotesca, descrita sarcasticamente por Juvenal nas sátiras. Diz ele: Nos velhos, a presença é sempre a mesma em todos. Feio rosto encrespado, faces caídas, fronte escavada, voz tremente, ouvidos moucos, só capazes de escutar trombetas; nem as delícias da mesa; nem os prazeres do amor... etc.

Se a medicalização da vida é apenas um aspecto da dominação destruidora que o desenvolvimento industrial exerce sobre a nossa

sociedade (ILLICH), não se pode negar que, hoje em dia, os velhos são olhados de maneira mais humana. Será mesmo assim ou será mais uma nova faceta da atual sociedade de consumo?

Sem dúvida, existe uma nova filosofia de vida, procurando reintegrar o velho na sociedade. Há as universidades da 3ª idade, clubes e organismos especializados que retiram os velhos da inércia e da solidão, dando-lhes uma certa atividade, valorizando a sua pessoa. Nem só uma filosofia de vida é tudo na vida do ancião. Há um outro fator que é preciso contar e seriamente: o socio-econômico.

Dizia Tennyson: a velhice tem suas alegrias e suas dores; a morte apaga tudo, mas antes de partir os velhos têm o direito de viver nobremente.

Do gerontólogo e francês, Philibert (Grenoble) cito os conselhos seguintes:

- a) Evitar os inconvenientes físicos e morais da esclerose e ancilose;
- b) Lutar contra o isolamento;
- c) Transmudar os inconvenientes do envelhecimento, assumindo-os e separando-os, afastando-os, conservando apenas o essencial e abandonando o supérfluo;
- d) Não se comprazer no passado, viver o presente e fixar um futuro;
- e) Cultivar o senso do humor.

Será esse o caminho que nos leva à nobreza de que nos fala Tennyson?

1918. Era o fim daquele período sangrento começado em 1914. Terminava a primeira guerra mundial. Iniciava-se a “nossa atualidade histórica e com ela a atualidade médica”. Fatores vários contribuíram para uma nova ordem no mundo. O político com o surgimento dos três mundos e suas consequências socio-econômicas; o social caracterizado pela aceleração do crescimento populacional, a princípio, e em seguida a “explosão demográfica” e, enfim, os governos técnicos. E esses fatores nortearam por tal forma a vida social e histórica do mundo que Entralgo afirma: “o segundo conflito mundial (1939-1945) mais sangrento e mais

extenso pode ter modificado o seguimento dos fatos, mas o essencial do processo de 1918, subsiste”.

Nesse período de modificações radicais, inquietações e angústias, nós, os velhos médicos de hoje, convergíamos para a Faculdade de Medicina. Uns para Bahia, alguns para Bahia depois Rio e outros diretamente para o Rio. Todos alegres, com as seduções próprias da idade, carregados de entusiasmo, mas alheios aos graves problemas que avassalavam o mundo.

O curso médico correu calmo, tranquilo, pontilhado de alguns alvoroços próprios da estudantada da época. Algumas pequenas reformas; desmembramento, supressão e criação de cátedras. O famigerado relatório Flexner corria em comentários e críticas. A ênfase era dada ao ensino clínico, bastando lembrar os pronunciamentos de Aloysio de Castro e Miguel Couto em 1918. Os alunos interessados corriam ao Hospital. Era lá que se aprendia medicina. Alguns, porém, perseguiram apenas o título, o diploma, o “canudo”. O ambiente convidava à “doutorice”. Do “trote” jocoso à importância da tese para o doutorado.

A medicina que passou era simples. Não havia equipes e o homem não era a espécie de “animal industrial de hoje”. Surgia entre o médico e o doente um pacto moral. A confiança levava o enfermo a buscar o seu médico com quem estabelecia o seu colóquio singular no dizer de Duhamel. Da confiança á confidência até a consciência da ação médica. Era um tempo de inteligência e coração dentro das regras tradicionais da ética.

Hoje domina o sentido da mensuração. A gama sofisticada de aparelhos e máquinas procura tudo resolver. A soma de conhecimentos cresceu, mas diminuiu a escala da compreensão. Com números, quadros, tabelas, a escolha e indicações, avaliações continuam um trabalho de inteligência e sensibilidade. A não ser que se recorra a “randomização”, que procura suprimir a intervenção da inteligência e do coração, despojando a nossa escolha de todo argumento pessoal ou sentimental. Uma medicina distante das nossas tradições. Enfim, é o hoje. Que não tarde o amanhã (L. Leger).

Receba Prof. Adonis, como os seus colaboradores a expressão do



nosso reconhecimento pela grandeza de afeto tida para com essa geração que passou.

Muito obrigado



João Afonso Cid dos Santos Exaltação à Memória Homenagem Póstuma - 1976

João Afonso Cid dos Santos, homem de ação e homem de inteligência, viverá sempre em nós pela beleza da mensagem que nos legou encerrada na grandeza das suas ações e na força do seu pensamento.

João Afonso Cid dos Santos, Homo Faber, Homo Loquens, = Homo Socialis era sua deliciosa arte de pensar que procurava o sentido do universal no belo e no verdadeiro, viverá para sempre em todos nós pela beleza da mensagem que nos legou inscrita na sua vida e na sua morte = grandeza das ações e força do pensamento.

Esta reunião quase se ajusta à data do 1º aniversário do desaparecimento de Cid dos Santos, que será no próximo 4 de novembro e os que aqui estão, seus discípulos e seus amigos, acham-se possuídos do mesmo sentimento do dia da sua morte.

João Afonso Cid dos Santos, filho de Reynaldo dos Santos e Suzanne Cid dos Santos, nasceu no dia 5 de agosto de 1907 e faleceu a 4 de novembro de 1975, em Lisboa.

Foi um homem encantador, pelo brilho da inteligência e virtudes do coração. Era simples; o seu espírito privilegiado tornava as coisas acessíveis e fáceis. A bondade adornava-lhe a alma. Bondade que não escolhia ocasião. Uma bondade interior que extravasa no quotidiano : num conselho que dava, numa dúvida que dirimia, numa orientação feita. Sempre compreensivo e paciente. “Causeur” admirável, não encontrava segredos na difícil arte de conversar. A tonalidade da fala, a propriedade das palavras, a sutileza no humor,, a finura na ironia, e sobretudo a soma de conhecimentos que possuía, traduziam o homem singular que era. Na literatura, deleitava-se com os clássicos gregos e latinos. A história lhe era

familiar, como a filosofia e artes em geral. Musicólogo sério e perfeito executante de piano, amava falar sobre Beethoven.

Não foi um político. Longe das manhosas competições, participou na política. E, 1953, tornou-se membro do Parlamento para dedicar-se – e só para isso – a problemas concernentes à profissão médica. Durante quatro anos trabalhou, intensa e inteligentemente, sacrificando suas atividades clínicas e científicas. Planos, programas, propostas, tudo desprezado, porque não quiseram entender a sua mensagem. Após a cansaça de quatro anos deixa o parlamento. Engrandecido e enobrecido.

Essa questão de ensino médico – na Faculdade e no Hospital – ele a expôs em “Oliveiras de Sócrates e Platanos de Hipócrates” e também na mesma ordem de idéias na “Medicina a última profissão romântica do mundo”. Dois ensaios magníficos, sobre problemas de educação. Elegantemente escritos, não se sabe o que mais admirar neles, se o apuro do estilo ou o seu conteúdo humanístico.

Cid dos Santos foi um completo humanista. Humanista modernizado: “ligado historicamente ao Renascimento, mas apoiando-se através do tempo na sua conceituação...” humanismo que por sua vez reclama uma renovação da cultura e uma forte integração de pensamentos novos na cultura tradicional”.

Em 1944, recebeu, João Cid dos Santos, o título de Doutor em Medicina e Cirurgia pela Universidade de Lisboa. Patologia Geral das Isquemias foi a sua tese. Na época, livro único, estudando e apreciando os fenômenos vaso-motores à luz do simpático. Nessa ocasião, cria uma nova via de abordagem da cadeia simpática lombar. A via anterior. Cinco anos depois – 1949 – já o encontramos professor de cirurgia e afinal diretor do Centro para Estudos Angiológicos – Reynaldio dos Santos – do Instituto de Alta Cultura (1958.)

Como cirurgião geral alcançou quase todos os setores da cirurgia, deixando em todos eles a marca do seu genial poder criador. Assim em ginecologia, com a histerectomia subtotal, totalizada, com a gastrocistostomia, nos pseudos cistos do pâncreas; em urologia foi dos primeiros a realizar a neo-bexiga ilial, a prostatectomia transperitoneal e

desenvolveu a ressecção endoscópica da próstata com guilhotina sob a visão direta (Punch) “Enfim a orientação das duas escolas em que me formei, de Reynaldo dos Santos e Leriche e depois o interesse próprio fizeram com que me interessasse pelos problemas aqui focados”. (Problemas fisiopatológicos e terapêuticos das embolias arteriais das extremidades à luz do fator vaso-motor” – Cid dos Santos - 1938). Assim abria-se para o jovem cirurgião o campo da angiocirurgia. A ele deve a angiocirurgia conquistas primorosas que a fizeram largamente progredir. Escreveu e trabalhou muito sobre os mais variados temas da especialidade dentro da sua lógica habitual. Cid era um verdadeiro pesquisador. Nas investigações, escolhia o caminho a percorrer, pois sabia o que devia procurar e o que devia evitar.

Não era um homem acomodado aos resultados iniciais obtidos. Questionava sempre. Vivía numa contínua indagação dos fatos, encarando-os na sua profundidade. Há ainda muito o que verificar –precisamos rever o assunto era frase de todas as horas - um leit motiv!

Em 1938, a flebografia surge pelas mãos de Cid dos Santos como um método semiológico definido, na sua concepção, nas bases técnicas e nos resultados.

O seu “desenvolvimento não foi simples, como não foi fácil a sua aceitação. De início duas técnicas surgiram: a flebografia direta em circulação livre a flebografia retrógrada. Daí em diante as pesquisas se multiplicaram, no afã do ideal e cerca de 80 técnicas foram ensaiadas.

Pois bem, quinze anos após, o método estava amadurecido pela precisão de novas técnicas e Cid ao ler seu relatório sobre a flebografia (Sevilha 1953) comentou : “ É (a flebografia) um problema difícil. Não me refiro à dificuldade sempre inerente à interpretação e realização de qualquer método, seja ele qual for. Refiro-me à dificuldade intrínseca da flebografia comparada ao método irmão, a arteriografia...A flebografia é difícil e apesar da utilidade das indicações que já forneceu, o seu problema está longe de ser resolvido.

A última vez que visitei seu serviço – 1973 – tive a oportunidade magnífica de analisar com ele e seu simpático colaborador Salvador

Marques um número a incalculável de angiografias. “Flebo” de preferência. Falou-me então de um livro sobre veias que iria publicar, sempre retardado pelas constantes modificações que era obrigado a fazer em face a frequentes novos achados. A flebografia vertical direta descendente da poplítea (Ferreira et al 1950), a flebografia vertical direta ascendente descendente da poplítea (Coito, 1955). Muitos exames com a mesma finalidade. Então, Cid dos Santos, em 1959, reúne os três exames já mencionados em um só, criando a Prova da Poplítea.

A estereografia era o complemento. Só através desse artifício se poderia ter a situação exata das veias. Numerosos trabalhos seus e da sua escola traduzem a sua excelente contribuição nesse domínio da angiologia, equacionando problemas mais complexos. E no fim desse encontro magnífico, ante o meu entusiasmo sincero, disse-me em voz pausada e clara: ainda há muito que rever neste assunto!

A sua maior contribuição a angiocirurgia foi sem dúvida a endarterectomia. Em 1946, realizou pela primeira vez esse tipo de intervenção. Tratava-se de um caso grave. A permeabilidade arterial permaneceu até a morte do paciente.

Outros casos vieram. Os bons resultados surgiram e os seguidores chegaram. Começava uma nova era na história da cirurgia vascular. Não se contentou com a resolução do problema mecânico. “De fato a verdade que está contida na endarterectomia envolve a destruição de um mito... o mito era integridade da íntima, tido como fator de sucesso nas operações arteriais diretas. Toda essa bela história da endarterectomia pode ser lida em “Da Embolectomia a Endarterectomia ou a queda de um Mito”. Leriche Memorial Lecture (XII Congresso Interamericano Cardiovascular. Setembro 1975).

Por várias vezes ele voltou a considerar sobre essa sua notável criação.

Em Amsterdam, junho 1966, em uma mesa redonda sobre endarterectomia, ele fez uma revista crítica sobre o problema e após impressões gerais, terminologia, técnica, histologia e outros pontos chegou às conclusões. Duas conclusões definitivas somente podem ser tiradas após essa mesa redonda e são as seguintes.

Da primeira, falava do alcance da endarterectomia, seu valor clínico e terapêutico.

As indicações precisas - nível de segurança alcançado - 2ª Temos ainda muita coisa a pensar sobre esse assunto.

Recebeu homenagens de todas as partes do mundo:

- a) Dr. Honoris Causa da Universidade de Dublin
- b) Dr. Honoris Causa da Universidade de Sta. Maria R. G. do Sul
- c) Dr. Honoris Causa da Universidade de Aix – Marselha – França

Sócio honorário de cerca de 20 sociedades científicas.

Prof. Visitante da Universidade de Lyon (Prof. Wertheimer)

Prof. Visitante da Universidade de Edinburgh (Prof. James Learmouth)

Conquistou entre outros os prêmios seguintes:

Prêmio Leriche (Sociedade Internacional de Cirurgia)

Medalha da Sociedade Lyon de Cirurgia

Prêmio Guibernat – Associação de Cirurgia de Barcelona

Condecorado com a Légion d'Honneur – França

Aí está uma ligeira impressão da vida e da obra de João Cid dos Santos. Homem de ação, homem de inteligência e que será sempre lembrado pela grande mensagem que nos legou, traduzida pela grandeza de suas ações e pela força do seu pensamento.



Capítulo II

Discurso do Dr. Gil de Campos em Homenagem ao Aniversário de 50 anos do Prof. Romero Marques

Romero,

Quiseram os seus assistentes e alunos que eu, antigo condiscípulo do mestre, viesse trazer a você os votos de felicidades pelo seu aniversário.

Argüiram que um velho amigo tocaria mais facilmente as cordas do seu coração.

Inutilmente eu lhes disse que você era muito mais de seus alunos do que dos seus amigos.

Aos velhos amigos dá-lhes sempre a veneta de recordar transformando simples travessuras em romances de capa e espada, trotes desenxabidos em batalhas campais com seu cortejo de gestos cavalheirescos, entrechoques de armaduras e o trovejante rolar de grandes carros de guerra

É a arte sutil da História mudando fracassos em retiradas geniais elogiando a timidez, condecorando o medo. Mas, recordar é também reabrir a velha ferida dos sonhos não realizados. É revolver a antiga lareira, desencadeando faíscas fulgurantes, mas efêmeras, para depois, como na definição cínica do amor “Sortir toujours un peu triste.”

Relembrar a Bahia, onde a nossa mocidade dourava tudo, onde o povo era tão bom e o estudante era um príncipe, está acima de minhas pobres letras.

Contam que Otávio Mangabeira perguntou a Antônio Maria, o conhecido homem de rádio e imprensa, se ele era baiano. Respondeu-lhe o pernambucano com estas duas palavras “não mereci”.

Depois desse poema de gratidão àquela terra e àquela gente, não nos resta mais nada para dizer.

Nesta enfermaria estudamos durante as férias. Nesta enfermaria operamos, muitas vezes, noite alta. Nesta enfermaria de S. Francisco Xavier, recebemos lições de Dr. Arnóbio, seu ilustre pai.

Você continuou cirurgião e hoje, cercado de alunos, pode de consciência tranqüila desejar que seus discípulos se tornem maiores que o Mestre.

14.06.1953.

Discurso do Dr. Ângelo de Abreu e Lima em Homenagem aos 50 anos do Prof. Romero Marques

Estamos reunidos numa festa de espírito. De espírito e sobretudo de coração.

Todos nós sentimos a satisfação de brindar a Romero Marques e sei que qualquer um de vós modelaria com mais beleza esta designada saudação.

Mas posso assegurar que ninguém teria mais orgulho e exultaria mais de alegria em traduzir nesta hora a homenagem do nosso afeto, do que quem vos fala.

Romero,

Somente a condição de “velhinho”, de o decano do nosso grupo é que me trouxe o privilégio de falar nesta hora, e isto por delegação dos companheiros, tão gentis como “imprudentes” em confiar tamanha obra a tão pobre artífice...

Felizmente, pena reduzindo pecado teremos um pouco, Gil Campos, esse filósofo da vida, esse artista sensível e delicado, querido e admirado, que trará a nota máxima desta solenidade, com a sua palavra – fluente e cheia de fé.

Será ele, em realidade, o nosso intérprete...

Quando recebi a incumbência de dizer algumas palavras nesta reunião, tive ímpetos de recusar. Não sou orador... Não tenho a “verve” do nosso colega que “não vai à praia sem levar o calção”...

Mas, depois pensei:

Não seria difícil a tarefa se eu não a quisesse desempenhar acima das minhas forças. Dar-lhe forma mais bela, brilho mais intenso, vigor mais

acentuado do que eu mesmo sou capaz de fazer. Bastava uma coisa: Abrir meu coração. Ser sincero. Dizer o que sinto... E assim achei a coisa mais fácil.

Lembrei-me de recordar alguma coisa de sua vida. É sempre grato recordar... Vida que há tantos anos acompanho e acompanho de perto... Vibrando nas horas alegres e de vitórias que têm sido tantas para você e participando das amarguras que felizmente com a bênção de Deus têm sido raras...

Parece que ontem, e já se vão longos 25 anos, entrei em S. Francisco pelas mãos de Pessoa, o nosso Pessoa, e desde então não mais nos apartamos.

Estão na minha retina as lidas da enfermaria, pelo seu progresso, pela sua eficiência, que desde aquela época têm tido em você o seu maior baluarte.

Naquele velho 1928, já seu sábio e venerando Pai, o Prof. Arnóbio, vencido mais por implacável cegueira do que pelo tempo, se achava ao ocaso de sua atividade. Preparava-se para a retirada e a sua querida enfermaria mudava de Chefe.

Eustáquio, o bom Eustáquio, assumia a chefia do tempo. Mas aquele velho bom, folgazão, inerente e justo, já viu em você, bem jovem ainda, as qualidades magníficas de cirurgião e de chefe que mais tarde se afirmaram brilhantemente. E assim “o serviço é de Roméro”, “Roméro é quem decide”, “Roméro é o chefe” eram palavras freqüentes de Eustáquio. E assim começou a renovação de S. Francisco.

Melhorias materiais, higienização da sala, conversão do velho “quarto de curativos” numa pequena sala de operações onde tantas e tantas intervenções foram realizadas...

Trabalho muito. Quantas operações... Quantos infelizes se beneficiaram dessa atividade...

Anestesia – Clorofórmio – pinga-pinga- depois, éter Ombredane. E que boas anestésias!

Auxiliares? – Pessoa era o único médico. Os outros, Mário Valença, Abreu etc... estudantes, e dos primeiros anos... Mas, o livro de registro das

operações está aí como testemunha.

Já então sua personalidade se impunha como a de um autêntico Mestre. Já você ensinava cirurgia. E como lhe agradaram os primeiros – êxitos que seus “pupilos” alcançavam na “profissão”. Não esqueceremos jamais o almoço da Helvética, pago com o primeiro dinheiro ganho em cirurgia por dois dos seus auxiliares. Em pouco, já você congregava por uma irresistível força de atração, em torno de você um maior número de colaboradores.

Passava-se o tempo, você continuava a subir em nosso conceito e então não mais somente no nosso. Seu nome transpunha os limites dos umbrais desta enfermaria, do hospital, da cidade, do Estado... Aí, estão os Paulinos, Mota Maia, Bastos e Montenegro, seus admiradores.

Mas vai além, Leriche, o grande Leriche bem o atesta...

Quanto de lutas isto representa! Não houve nunca publicidade encomendada. Nem mesmo juro publicitários...

Houve sim trabalho, trabalho honesto, estudo, concursos... Livre docência e depois cátedra.

E com que vigor você levou ao canto da parede dois ilustres opositores do quilate dos que lhe oprimiam. Com que coragem você enfrentou e venceu em magníficas provas, valoroso concorrente!

O velho Eustáquio já se achava aposentado por força de lei, e legalmente você já era o chefe.

Já havia crescido o número dos seus colaboradores e entre eles, o nosso saudoso Figueira, Casado e Caetano, Paulo David, Noel, Bonaldo e tantos outros...

Já vejo você firmado e amadurecido embora precocemente, pois você, pelo seu excepcional valor, atingiu o generalato muito jovem ainda. Mas não parou aí. Não dormiu nos louros da vitória e até hoje você é pode-se dizer o mais jovem da Enfermaria.

Seus arrojados irrefletidos seu entusiasmo se volta sempre para o progresso. Não o seu progresso pessoal apenas, porém, o progresso do serviço.

O progresso pessoal dos seus colaboradores...

Este estímulo que você impõe aos seus auxiliares que chega a ter aspectos paternais:

“Caetano, vai à Europa!...

Casado, vai aprender cirurgia cardiovascular...

Luís, estuda anestesia

Abreu, faz docência etc”

Não se pode parar, sob as suas vistas.

Caminha-se sempre e sempre para a frente.

E onde repousa esta força que aglutina um grupo, em certos aspectos tão heterogêneos, em torno de você?

Na pose? Na vaidade? Na imposição? Não... Pelo contrário. Em suas reuniões jamais foi invocada a qualidade de chefe para se impor qualquer determinação.

Nunca sentimos, nenhum de nós a sua qualidade de titular, senão pelos ensinamentos, pelos conselhos, pelos esclarecimentos muitas vezes até disfarçados para não ferir susceptibilidades menos avisadas de algum de nós.

Romero:

Pretendi falar pouco de você, já estou me alongando, para a ocasião. E falei quase que só do serviço. Não faz mal...

O serviço é uma célula cujo núcleo é você. Ele é parte de sua vida e esta do seu coração. Você sente assim e assim nós, Casado, Caetano, Mussa, Edvaldo, Anita, Lola, Perseu, Bráulio, enfim todos nós pensamos.

O seu cinquentenário lhe encontra quase tão jovem como eu lhe encontrei há 25 anos. Apenas mais experiente, mais sábio, credor de maiores gratidões...

Que a força desagregadora do tempo continue a lhe poupar para que outras pessoas possam também se beneficiar de sua cirurgia, dos seus ensinamentos, enfim ter a ventura de lhe admirar, e para que você tenha sempre como recompensa a sua felicidade pessoal que sempre emane de fazer o bem pelo próprio bem.

**Frei Romeu Peréa – Ord. Carm.
Ciência e Humanidade do
Prof. Romero Marques - 1962**

A ciência é um meio para conseguir um fim que é a caridade. Como a técnica é um instrumento de que a caridade apela, tanto maior serão os benefícios que a caridade poderá levar ao homem através do homem. A técnica em particular, explica Jaspers, é só um meio, em si nem bom nem mau. Tudo depende de que o homem saiba pô-la ao seu serviço, das condições a que acerte a submetê-la. A questão está se saber que classe de homem deve apoderar-se dela e que modo de ser do homem termina por fazer-se mediante ela patentes. (Citado por Rof Carvalho, em Técnica y Humanismo em Medicina, Madrid MCMLII, pág. 126). Diga-se outro tanto da ciência que, no campo das aplicações práticas sobretudo, deu usar-se como o instrumento mais indicado, agora de preferência, para procurar ao homem todo gênero de bens, pois é ao seu serviço que deve estar a colocar-se, se na realidade quer conservar-se dentro de seu verdadeiro fim.

É pois, sempre motivo de júbilo verificar, como como por vezes verificamos, num homem, o emprego da ciência e da técnica com desinteresse e altruísmo em benefício de seu próximo, tornando-se benemérito da cidade, do Estado ou da própria Nação. Está neste caso o ilustre Prof. Romero Marques que, recentemente, foi distinguido com a Grã-Cruz do Mérito Médico e hoje celebra o seu vigésimo quinto aniversário de Professorado na velha Faculdade de Medicina. A sua ciência especializada, dentro de um vasta e selecionada cultura, que tem para adorná-la o conhecimento de várias línguas modernas, juntamente com a sua técnica e perícia na arte de operar que o coloca entre os maiores cirurgiões que temos, constituem precisamente os dois maiores e mais eficientes auxiliares que o seu grande coração encontra para beneficiar os

homens, sem distinção de raça, de sangue ou de cor, sem preocupar-se com a sua nacionalidade ou com a sua posição social. O que interessa ao Prof. Romero Marques é o homem, e este paciente, a necessitar de seu auxílio, da sua dedicação ou até de seu heroísmo. É sobre a pessoa que ele se curva quando está ameaçada de morte num leito de agonia, ou está a necessitar de uma intervenção numa mesa de operações. Eu próprio posso dar o meu depoimento, pois não foram uma ou duas vezes que a ele recorri para internar, tratar ou operar seres mais humildes ou menos favorecidos pela fortuna que ele recebia e tratava, tratava e operava como se ricos ou poderosos fossem. Grande cérebro e grande coração. Tem mais a seu favor, o ilustre mestre, uma qualidade que está desaparecendo, precisamente, em parte pela ausência de cultivo das letras humanas, e em parte também, pela preferência a favor de uma formação especialista reduzida. Essa outra qualidade é a sua fina e aprimorada educação, constituindo-se sempre a sua conversa numa verdadeira obra prima, quando no recinto de seu lar recebe seus amigos para com eles conversar sobre as grandes obras da literatura e da ciência. O Prof. Romero Marques é um autêntico exemplo da união das ciências com as humanidades o que, ao menos para mim, constitui o ideal no progresso da educação. E não é que ele confunda a qualidade de “humano” ou de “humanista”, pois uma e outra ele tem, mas sem confundir uma e outra com uma certa bondade ou uma simpatia no trato com os amigos, ou mesmo com os enfermos. Nem sempre o sentimental na bondade é o mais humano no homem. Um epidemiólogo que por considerações sentimentais não cumprisse, rigidamente, sua missão de estabelecer um cordão sanitário ante um caso de grave epidemia, poderia dar lugar a sua maior difusão e, por conseguinte, pela sua debilidade como homem, a um número maior de vítimas. Pelo seu sentimentalismo humano, faltaria ao seu dever técnico, por não se ajustar, implacavelmente, a sua técnica, acarretaria a morte de muitas pessoas. Neste caso, a técnica com a sua imuna frialdade, é mais humana que o médico com todo o seu sentimentalismo. (El médico y su Ejercicio profesional em nuestro tiempo, Madrid, 1952, p. 105). Outro tanto, com os amigos, pois ninguém pode ser verdadeiramente amigo do

homem se primeiro não é amigo da verdade que liberta, e da liberdade que salva, única que dá a paz que compensa, inclusive a sinceridade e até rudeza que vez por outra, é necessário usar com os verdadeiros amigos, a quem amamos e, por isso mesmo, queremos servir com todos os meios honestos e permitidos, inclusive com o próprio “bisturi da verdade”, cortando neles aquilo que a vaidade, o egoísmo ou o interesse nesses colocou. Com este sentido de amizade, e com aquele conceito elevado da sua profissão é que vive e ensina, beneficiando a todos nós o Prof. Romero Marques – aos amigos, aos alunos, aos doentes, ou na sua casa, ou na sua cátedra ou na sua sala de operações.



Abertura do X Congresso Brasileiro de Angiologia Sob a Presidência do Prof. Romero Marques - 1963

Prof. Eduardo Wanderley Filho

Aqui não caberia — Srs. Delegados, Srs. Congressistas— aqui não caberia falar-vos do que melhor sabeis. Por que dizer dos avanços desta especialidade que vos congrega? Os seus rumos novos, as suas pesquisas, seus pormenores técnicos e seus êxitos terapêuticos são vossa vivência diária. A visualização minuciosa de vasos sanguíneos e linfáticos, as desobstruções endovasculares e as próteses anastomóticas, o uso dos tecidos plásticos e a melhor valia da reparação dos segmentos coarctados, a utilização progressiva das perfusões segmentares e dos desvios permanentes da circulação por intermédio dos transplantes longos — vós sabeis melhor.

Aqui não cabe dizer-vos senão votos de acolhida, palavras que devem ter a força e o vigor de vos deixar tranquilos, neste à vontade dos que se encontram em casa. De abertos braços e de franquias amplas, de espalmadas mãos e com sensíveis gestos — aqui vos recebemos.

Vede: nesta cidade e neste Estado que têm um Governador do povo, na mais legítima forma de democracia (do povo, para o povo e pelo povo) vive-se uma fase de reforma e revolução.

Vede: aqui o sol cáustico com a inclemência de verdades nuas. Aqui os ventos adormecem as noites e logo as enfeitam de estrelas quietas.

Vede: aqui a vida, que se processa áspera, nas duras penas de estruturas velhas, aqui a vida se alimenta sempre com a esperança de melhores tempos.

Mas nesta luta e no sem rumo de soluções espúrias, alguns oásis nos povoam os dias, algumas brisas nos amenizam as noites. E são os rios. E são as pontes. E é o povo, o indomável povo desta cidade heróica. Esta gente do Recife, que sofre, e já não canta. Que já não pede, mas agora exige e se

dispõe a obter lutando o que se pretende lhe negar mentindo.

Faz alguns anos. Foi no IV Congresso da Sociedade Brasileira de Angiologia, que naquela época se reunia fraterna com os cardiologistas.

Dizia-vos, então, que não vos iria contar os segredos desta cidade do Recife, que exige a persistência de uma afeição contínua, que reclama a constância de um namorado leal, que impõe a minudência da atenções solícitas. E que dificilmente e só pouco a pouco se entrega, em recatos da moça tímida, em sobressaltos de assustada donzela. Se vos falei então dos rios e das suas águas, sem angústia correndo nas margens amplas, e deslizando num acariciar tão manso, que mais parece um gesto longo e meigo de afago...Se vos falei então dos rios, e do compromisso poético que está sempre ligado às águas do Capibaribe e Beberibe, de certo vos falei dos rios que passando as pontes orgulhosamente formam o Oceano Atlântico.

E então vos disse: ao viajante é que cabe descobri-la, a esta cidade do Recife, esta menina e moça cheia de enfeites velhos e arranjos novos, esta romântica menina-moça, com seus poetas, seus tocadores de violão, e a magia de dias nascendo multicores, quando se olha de Olinda o istmo e a planície longa. Olinda, “do alto do mosteiro uma frade a vê”, como quis Carlos Pena Filho:

“De limpeza e claridade
é a paisagem defronte.
Tão limpa que se dissolve
a linha do horizonte.
Olinda é só para os olhos,
não se apalpa é só deseja.
Não se diz é lá que eu moro.
Diz somente; é lá que eu vejo.”

Dizia que ao visitante é que cabe enquadra-la nas suas próprias dimensões, vestindo o seu corredor de emoções e abrindo para qualquer dos pontos cardeais a sua rosa dos ventos, a sua janela de observação e descoberta.

Mas não vos disse que esta cidade é também a história das suas lutas

libertárias, das suas tradições mantidas, da sua sangrenta manutenção da unidade nacional, expulsando invasores, inconformada pelas dominações impostas, sempre revolucionária, sempre lançando os primeiros brados de revolta, sempre na vanguarda dos protestos contra a injustiça e contra a coerção.

Nem vos disse então que suas ruas velhas, vigiadas pelas igrejas, pelos sobrados magros, levando às pontes numa planura igual, apenas nos morros se elevam aos poucos para dar aos pobres aquela vista amena, que atenua as existências árduas.

Nem vos disse então destas ruas líricas, de evocativos e sonoros nomes, como os engenhos do poeta Ascenso: rua da Aurora, do Sossego e da Saudade, ruas de condes e de princesas, rua do Sol e do Rosário, ruas de santos. Ruas do povo.

Nem vos disse de recantos, de praças e de praias. Ma agora vos digo: visitai estas igrejas e estes conventos de altares dourados, de azulejos de 300 anos e de jacarandás lavrados e esculpido em sobriedade escura. Andai nestas ruas estreitas do bairro de São José, que Nassau traçou com desvelos de amante. Ide a Olinda para ver o sol se por, naquele recanto dos namorados, quando as freiras cantam em coro o *Ângelus* do cair da tarde. Olhai o mar verde, os coqueiros e as igrejas em elevada dominação, os pequenos sobrados coloniais antigos com as suas varandas que mais parecem rendas, aquele típico beco das Cortesias, o ar translúcido, diáfano, revigorante. Nos Montes Guararapes, enterrados vultos da insurreição pernambucana, naquela igreja dedicada à Senhora Nossa dos Prazeres, a vegetação é queimada pelo inclemente sol. Mas todos os anos o milagre se renova. Na festa da padroeira, pela madrugada, o sangue heróico e generosamente derramado naqueles montes históricos faz de súbito que tudo se torne de repente verde pela seiva nova sempre renascente.

E há este teatro de Sta. Isabel, que o engenheiro Vauthier planejou e construiu em arroubos de ternura e no equilíbrio sóbrio e no bom gosto do seu espírito francês.

Aquí, senhores, neste teatro, se venceu a Campanha da Abolição, e deste proscênio a figura grega de Joaquim Nabuco, na oratória nobre e no eloqüente gesto, mais parece um oportuno orador de hoje.

Outras lutas aqui se consagram Choraram-se ídolos. Combateram-se idéias. Imprecou-se aos céus pela liberdade. Contaram-se histórias de todos os povos, representaram-se os conflitos humanos intermináveis. Sempre ressoaram vezes clamando contra a violência, pedindo a liberdade, exigindo o respeito aos direitos sagrados do homem. São de arte ou de fé, mas sobretudo de amor pelo ser humano — os ecos que aqui se escutam. Sempre a palavra, escrita ou falada, cantada ou musicada, sempre a palavra na sua força imperecível — é este, meus senhores, um templo de voz humana.

Eis o que vos pode oferecer, em lírica peregrinação e em manso roteiro romântico, esta cidade do Recife. São dádivas de pobre e oferendas simples de quem apenas vos pode dizer, com emoção: sede bem-vindos, meus fraternos e permanentes amigos.

Prof. Sidney Arruda - Presidente da Sociedade Brasileira de Angiologia - 1ª Jornada Brasileira de Angiologia de Blumenau, na homenagem ao Prof. Romero Marques, pela outorga do título de Sócio Benemérito da Sociedade Brasileira de Angiologia.

Exmo Sr. Felix Theis
D.D. Prefeito Municipal de Blumenau
Esmo. Sr. Dr. Henrique Prisco Paraíso
D.D. Secretário de Saúde do Estado e Representante do
Exmo Sr. Governador do Estado de Santa Catarina
Ilmo.Sr. Dr. Walmor Erwin Belz
Presidente da 1ª Jornada de Angiologia em Blumenau
Autoridades presentes
Minhas senhoras – Meus senhores

Senhor Professor Romero da Gama Marques

Na efemeridade do posto que ora ocupamos na Sociedade Brasileira de Angiologia, quis a fortuna premiar-nos com a elevada honra a de saudar o Professor Romero Marques, no momento em que passamos as suas mãos, os documentos relativos à outorga do Título de Sócio Benemérito, que tão justamente lhe foi conferido.

A oportunidade que se nos depara, assume, além do mais, um caráter singular – porque traz das terras gloriosas dos Guararapes – símbolo da nacionalidade – a uma cidade sulina – a formosa e progressista Blumenau - uma das maiores figuras da medicina, cuja atividade científica, profundamente atuante no nordeste brasileiro, reflete-se em todo país e repercute, de modo marcante, além de nossas fronteiras.

No âmbito da nacionalidade, as cidades de Blumenau e do Recife assim se completam e neste momento o cenário que nos envolve a todos, tão significativamente, é o das comemorações da semana da Pátria, a do sesquicentenário da Imigração Alemã, e o desta 1ª Jornada Brasileira de Angiologia, que ora se inicia tão auspiciosamente.

Por tudo isso, é muito grande nossa satisfação e maior ainda o orgulho da Sociedade Brasileira de Angiologia, ao perfilar-se respeitosa e comovida perante o Mestre Insigne.

Não nos é possível historiar aqui, em toda plenitude, sua longa carreira, os estudos, as atividades médicas assistenciais, as científicas, as universitárias, as culturais – que vão desde os bancos escolares de D. Maria Luiza, no Recife, passando pela Faculdade de Medicina da Bahia – Primaz do Brasil – onde formou-se em 1924, com o título de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas, a ascensão à Cátedra de Clínica Propedêutica Cirúrgica da Faculdade de Medicina do Recife, em 1937, até os anos em que esteve à frente da atual 3ª Clínica Cirúrgica Vascular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, cuja estruturação é obra sua.

Nas atividades relacionadas com a organização e a administração hospitalar e universitária, destacou-se o Prof. Romero Marques na Chefia da Clínica Cirúrgica do Hospital Pedro II – centenário nosocômio recifense, símbolo da medicina pernambucana – e na Chefia do Serviço de Cirurgia do Hospital Português – instituição pia fundada na cidade do Recife nos idos de 1885. Fundou e dirigiu a Casa de Saúde Sta. Inês, o Instituto de Angiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, foi diretor do Hospital do Pronto Socorro do Recife, e Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco.

Como cirurgião, prestou relevantes serviços em inúmeras instituições hospitalares, sendo ainda médico do Consulado da França, no Recife.

Exerceu as mais variadas atividades didáticas e universitárias, como Assistente, Docente-Livre e Professor, ocupando inclusive, interinamente, as cadeiras de Anatomia Humana, Clínica Ginecológica e Clínica Cirúrgica, antes de ascender por concurso, a Professor Titular da 3ª Clínica Cirúrgica

Vascular, na Universidade Federal de Pernambuco.

Colaborou também na formação cultural da mocidade de sua cidade natal, como professor da Escola Normal Pinto Júnior, além de outros estabelecimentos de educação secundária.

Não obstante as numerosas e profícuas atividades que exercia em diferentes ramos da cirurgia, o Prof. Romero Marques inclinava-se, sobretudo, para a Angiologia.

A vocação para a cirurgia vascular era, por assim dizer, atávica; a ela não poderia fugir, embora, ao deixar a vida acadêmica o campo da Angiologia, clínica e cirúrgica apenas despontava. Neste, foi pioneiro entre nós, exercendo profunda influência no conhecimento e na difusão da especialidade; foi perseverante no estudo, incansável no ensino, formando respeitável escola angiológica no nordeste, fez doutoramento, em 1921, com um trabalho sobre ancilose do cotovelo, aprovado com distinção. Já três anos depois, em 1927, a tese para a Docência Livre versava sobre “Simpatectomia – Peri-femural”, e a que o alçou à cátedra, sobre “Exploração arteriográfica dos Membros”, trabalho notável pelo valor e pioneirismo.

Isto nos faz voltar o pensamento para outra figura do homem bom e simples, modelo de virtude humana e hipocrática, que foi Arnóbio Marques, pai do nosso homenageado, professor eminente, fundador – com Otávio de Freitas- da Faculdade de Medicina do Recife. Personalidade marcante de cirurgião e professor, sua atuação se fez sentir profundamente, desde os fins do século passado, até 1940, quando faleceu. Formou diversas gerações de cirurgiões, criando uma sólida escola.

O Professor Arnóbio Marques, entre outros trabalhos importantes foi pioneiro no estudo dos cálculos vesicais e na prática das talhas hipogástricas), publicou, em 1902, no nº 7 da “Gazeta Médica” da Bahia, estudo sobre “Aneurismas Carotidianos”, apresentando três casos observados em seu serviço: “O primeiro (escreve textualmente) de um aneurisma traumático arterio-venoso, jugulo-caarotidiano; o segundo, aneurisma, também traumático, carotidiano, situado quase na origem do vaso; o terceiro, principalmente, aneurisma espontâneo situado em um dos

pontos de eleição”. Outro importante trabalho, com ilustrações, aparece na Presse Médicale (Nº 66, de 1903) – ‘Traitement de l’elephantiasis du scrotum”. Sua formação médica era predominantemente francesa.

Vemos, nestes antecedentes, as fontes de inspiração de nosso insigne homenageado - a inclinação para a Cirurgia Vasculuar e o gosto pela linfologia, ramo da angiologia que tão bem soube desenvolver e engrandecer e no qual é mestre inconfundível e universalmente reconhecido.

A influência paterna se fez também sentir em sua vinculação à intelectualidade médica européia, particularmente a francesa, que até hoje mantém, juntamente com seus discípulos mais chegados. O elevado estágio atual da ciência médica no Velho Continente é prova do acerto do Mestre, na fidelidade a uma cultura imorredoura.

Neste particular, convém mencionar os estágios feitos nos serviços dos professores Leriche e D’Allaines, em Paris; Fontaine, em Strasbourg; Schwiger em Heidelberg, e as numerosas viagens de estudos e visitas a centros e instituições médicas e universitárias, inclusive por convite governamental.

Na vida associativa, ressalte-se que foi presidente da Sociedade de Cirurgia de Pernambuco e da Sociedade Brasileira de Angiologia, sendo que é membro destas e das Sociedades de Medicina de Pernambuco e Franco-Brasileira de Medicina; da Academia Pernambucana de Medicina; do Colégio Brasileiro de Cirurgiões; da Academia Brasileira de Medicina Militar; da Société Française d’Angéiologie et Histo-Pathologie; do Collège de Pathologie Vasculaire; da Société Française de Phlébologie; da Société de Chirurgie de Lyon; da Société Internationale de Chirurgie, de Bruxelles; da International Hospital Federation, de Londres; do International College of Angiology, de N.York, do International College of Surgeons, de Chicago e da International Cardiovascular Society.

Ministrou cursos sobre matérias de várias disciplinas, destacando-se os da especialidade angiológica. A muitos outros, prestou valiosa colaboração.

Participou de numerosos Congressos e Jornadas, nacionais e internacionais, e sua presença nesses conclave foi sempre marcante, pelo valor de seus trabalhos e pela força da sua personalidade. Tem sido chamado para julgar, em Concursos de Livre Docência, Teses de Doutorado e Preenchimento de Cátedras, desempenhando-se, invariavelmente, com ponderação e elevado espírito de justiça.

Sua intensa e fecunda atividade científica consubstancia-se ainda em inúmeros escritos, muitos dos quais publicados no exterior. Dentre eles, vale ressaltar os que se relacionam com a angiologia, abordando assuntos de patologia arterial, venosa e muito particularmente, linfática. Neste capítulo é assinalada sua contribuição, notadamente no que toca à linfografia, cujos segredos penetrou profundamente, quer em relação às técnicas, quer sobretudo, no que diz respeito à correlação dos achados desses exames com os quadros clínicos e patológicos. Neste aspecto, ao entusiasmo manifestado por muitos especialistas, que viam no método recurso infalível para o diagnóstico e o tratamento de muitas linfopatas, contrapôs o bom senso, demarcando seus limites e mostrando o seu justo valor, calcado em sólida experiência.

“La Lymphographie” – Lyon Chirurgicale; “linfografia de los linfáticos profundos de la pierna y de los muslos” – Angiologia; “Aspetto linfográfico em la filariosis” – Angiologia; “linfografia – Análise das Técnicas” – Angiopatas; Deep Lymphangiography of the thigh “ – Journal of Cardiovascular Surgery; “Reflexions sur la Lymphographie” – Journées Médicales de Dakar; “Sobre Cirurgia dos Linfoedemas” – XI International Congress of the International Cardiovascular Society – Barcelona; “O Linfoedema dos membros inferiores – Considerações Fisiopatológicas, linfográficas e terapêuticas” – Jornal Brasileiro de Medicina, são alguns exemplos de sua profícua produção literária.

Os escritos refletem o espírito – na propriedade e na concisão, na aversão à prolixidade estéril. Perdoe-me o Lemos Cordeiro a inconfidência, ao furtar-lhe de uma carta que lhe escreveu o Mestre, algumas passagens que nos parecem ajustadas a este traço de sua personalidade: diz ele: “os

homens tanto se perdem no falar e no escrever, que nada lhes sobra para a ação. Isso me lembra os velhos trens do Recife (o único meio de transporte da época): apitavam tanto que nisso perdiam a força e pela falta de energia, não conseguiam subir as pontes”.

A contribuição de Romero Marques à medicina e à sociedade não passou despercebida às autoridades de nosso país, que houverem por bem outorgar-lhe a Gran Cruz da Ordem do Mérito Médico, tendo ainda recebido homenagem da Câmara Estadual de Pernambuco, no “Livro de Prata”. Fez jus à Medalha do Mérito Maciel Monteiro, da Sociedade de Medicina de Pernambuco e recebeu o Diploma de Membro Honorário da Academia Brasileira de Medicina Militar. Sua inestimável contribuição ao intercâmbio cultural e científico com a França, foi reconhecida, e honrosas condecorações lhe foram conferidas: Chevalier des Palmes Académiques, em 1958 e Croix d’Officier dans l’Ordre Nationale du Mérite, em 1973.

Em outubro próximo, o antigo e aplicado discípulo da Universidade de Strasbourg, hoje mestre reconhecido e respeitado, irá receber o Título de Doutor Honoris Causa daquela Instituição.

Tão altas distinções e honorarias, o valor e o sucesso, a justa exaltação dos colegas e dos amigos, não modificaram por um só momento, no curso de sua vida e de sua carreira, o homem simples, sereno e equilibrado. A modéstia, nele, não encobre deficiências. Sua autenticidade é imanente e permanente. Jamais o vimos de outra maneira. Não como o Theodoro, de Eça de Queiroz, que se vestia de chinês, e pelas misteriosas correlações com que o vestuário influencia o caráter, passava logo a sentir as idéias e os instintos chineses”.

D. Sonia, a esposa amantíssima, e os filhos... três de cada sexo, a atestar, ainda aqui, o equilíbrio do varão... todos unidos e diletos, são as razões profundas, e o segredo, da harmonia deste espírito elevado.

Na prole masculina, todos médicos, vê-se assegurada a continuidade da obra do Mestre.

Senhor Professor Romero Marques: a Sociedade Brasileira de Angiologia vos agradece por tê-lo em seu seio, e por intermédio de seu Presidente, em nome de seus associados e dos angiologistas brasileiros, roga

que aceites esta homenagem como nosso reconhecimento a que, a cada passo, a honrou e engrandeceu.

Que a lembrança da justa homenagem fique gravada nesta Placa, e neste Diploma de Sócio Benemérito, que vos são entregues, neste momento.

Blumenau 05.09.74



Conselho da Ordem e Sindicato dos Médicos do Haut-Rhin, e da Moselle L'Expansion Editor - Elogios às Personalidades de Honra pela Universidade Louis-Pasteur Cerimônias - 1974

O Professor Romero Marques é um velho amigo da França. Nunca a palavra amigo teve tanto peso no sentido. Educado numa família brasileira pelo pai, fervoroso admirador de nossa cultura, os filhos e os netos se voltaram para França. Quer seja em medicina, cirurgia, letras, direito, arquitetura, sempre e durante várias gerações, os passos da família Marques se dirigiram para nosso país onde sopram o “espírito e o gênio”. Este amor pela França nunca se desmentiu mesmo nas horas mais sombrias de nossa história quando nosso solo estava ocupado e nosso povo sem voz assistia à extinção progressiva dos núcleos de irradiação da nossa cultura submersa pela avalanche tecnológica depois pela lingüística anglo-saxônica.

O serviço René Leriche do Professor Romero Marques no Hospital Universitário Pedro II é um raro exemplo na América do Sul do impacto que pode ter o ensino de um grande mestre. Através do Professor Romero Marques estavam todos os métodos, as técnicas e os ensinamentos da Escola de cirurgia de Strasbourg que ilustraram os Professores René Leriche e René Fontaine, que eram implantados e adaptados aos países tropicais cuja patologia muito rica toca o sistema linfático. Espírito curioso, amando apaixonadamente seu país e sua profissão, o Professor Romero Marques não podia ficar alheio a este problema ao qual ele consagrou desde 1945 toda sua energia e todo o seu tempo.

Seus trabalhos tiveram uma audiência mundial e foram publicados nos jornais científicos de seu país assim como nas revistas especializadas francesas, inglesas, espanholas. Operador talentoso, organizador experimentado, universitário apreciado, suas qualidades o conduzem aos mais altos cargos. Cirurgião-chefe do Hospital Pronto Socorro em 1935,

em 1937, ele era titular da cadeira de Clínica Propedêutica Cirúrgica da Faculdade de Medicina do Recife. De 1962 a 1965, é Diretor da Faculdade de Medicina de Recife, e, desde 1962, é Diretor do Instituto de Angiologia.

A incansável dedicação do Professor Romero Marques pela causa da cultura francesa devia encontrar sua justa recompensa pelas distinções que ele recebeu de nosso país. Cavaleiro das Palmas Acadêmicas em 1958, recebeu, em 1973, a Cruz de Oficial na Ordem Nacional do Mérito. Ligado por uma longa tradição à Faculdade de Medicina, ele soube articular com nossa Universidade os laços de uma colaboração cultural que resistiu às provas do tempo e do espaço uma vez que em outro hemisfério, a dez mil quilômetros de Strasbourg, um pouco de nossa Alsácia está, de viés, uma amizade fiel, sempre presente.

René Fontaine na apresentação da candidatura ao Título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Strasbourg-Louis Pasteur.

Artigos Originais

Jornal de Medicina de Strasbourg

A França conta com numerosos amigos no corpo médico dos países sul-americanos. Mas entre os mais antigos, o mais profundamente e o mais solidamente ligado se coloca, em primeiro lugar, o Professor Romero Marques. Ela fez longos estágios em nosso país: em Lyon, primeiro, junto do nosso saudoso Mestre René Leriche, em seguida, na Clínica Cirúrgica A de Strasbourg. Seus três filhos, todos cirurgiões, assim como todos seus colaboradores, têm, cada um por sua vez, passado um ou vários anos em nosso país. Graças ao Professor Marques, a Clínica Cirúrgica de Recife está, há muito tempo, impregnada da cultura francesa.

Brilhante cirurgião, clínico avisado, pesquisador de qualidade, o Professor MARQUES trabalha nesta região do nordeste do Brasil, onde a filariose é ainda muito disseminada. Ela o conduz a se interessar apaixonadamente pela linfologia, assunto sobre o qual, rapidamente, adquiriu uma sólida reputação.

Eu o agradeço sinceramente de ter aceito oferecer aos leitores do Jornal de Medicina de Strasbourg o privilégio de conhecer, através dele mesmo, uma pequena parte de suas pesquisas. Elas são de qualidade.

René Fontaine

Apresentação do Artigo Manifestações clínicas da filariose

3º Ano Mensal nº 1, janeiro 1972

Jornal de Medicina de Strasbourg



Benedito de Abreu e Lima Neto
Homenagem aos 80 anos do Prof. Romero
Marques - Solenidade Sociedade de Medicina de
Pernambuco 17 de junho de 1983

Senhores,

Esta casa, catedral da medicina pernambucana, testemunha viva e participante da sua história, assinala hoje, uma homenagem que se inscreve entre as mais justas e merecidas. Estamos todos, discípulos, ex-alunos, companheiros, filhos e admiradores, reverenciando o octagésimo aniversário do Prof. Romero Marques. Cabe-me saudá-lo em nome de todos aqueles que na enfermaria São Francisco do velho Hospital D. Pedro II, nas salas de cirurgia e nos bancos universitários, tiveram a graça do seu convívio e colheram as dádivas do seu conhecimento. A bondade e o estímulo dos que me escolheram, não encurtam a distância entre a responsabilidade da tarefa que me foi confiada e a capacidade que disponho para executá-la. Ouso fazê-lo porque honrando-me, o privilégio de representá-los concede-me também a oportunidade de dirigir-me ao mestre. Trago, é certo, a humildade nas letras, a pobreza no estilo, a inexperiência no verbo, mas carrego em contrapartida o coração exultante na expressão da alegria pela passagem desta data.

Professor Romero

Há pouco menos de um mês, foi perguntando no noticiário da televisão a um poeta que completava 80 anos, o que ele achava daquela idade, se era bom, tanta experiência. Ele respondeu – “A experiência não vale para muita coisa – é como automóvel com os faróis virados para traz, só serve pra gente saber se o que fez, foi certo ou errado”. – Discordo um

pouco do poeta. A experiência orienta o futuro e pode ser transmitida. Ainda mais, para se saber o feito certo ou errado, é suficiente colher o fruto da árvore da vida. Então vamos sentir o gosto do que plantamos.

Hoje, ei-lo aqui, colhendo os frutos da consideração, do carinho e do amor.

E este caminho, na sua vida, começou muito cedo. Recebendo praticamente das mãos do velho Prof. Arnóbio Marques, o comando da Enfermaria São Francisco, o senhor soube firmar um conceito de eficiência e sobriedade que aglutinou os mais fiéis colaboradores. Estava formada a base da disciplina, do progresso científico, do desenvolvimento profissional que o levariam à chefia da Clínica, à livre docência e à cátedra. Na ânsia pela busca de novos louros, conduzia e orientava os companheiros mais chegados, não conformando-se apenas em acompanhar a evolução da medicina, mais que isto, oferecia um fértil campo para seu cultivo e desenvolvimento. Na Enfermaria, a indigência, mãe fecunda de todas as ciências da saúde, encontrou abrigo a glória. Tantos e quantos, ali gozaram os benefícios de uma medicina do mais alto padrão técnico e científico, somente limitados, pela carência material e econômica.

Sob sua liderança se consagrou toda uma geração de médicos cuja doutrina nunca desmereceu a ciência pura, a medicina pelo homem e a prática da ética médica. E hoje, com a sorte que Deus só concede aos bons, o senhor pode testemunhar certamente com orgulho e com felicidade, aqueles que lhe seguiram e elegeram, discípulos na fé pela profissão, sublimados pelo mais íntegro exercício da arte de curar e de fazer o bem.

Sua sede de saber e a busca contínua pelos segredos da ciência médica não esgotaram-se nos corredores, no teatro cirúrgico e nas observações da enfermaria. Rompeu os horizontes, encurtou o infinito e buscou na Europa, no berço da civilização, nos umbrais da medicina, nos legados de Claude Bernard, Pasteur e Mme. Curie o aperfeiçoamento que lhe permitiria melhor escutar sua arte. Os franceses puderam então reconhecer este homem tal como o descreveu num quase poema o fiel historiador Dr. Veloso Costa – “Compleição robusta, lembrando graneiros dos velhos tempos; olhar fulgurante,, expressão de força interior, de vontade férrea e

autocrática, Voz clara, compassada, timbre forte, cortesia de gestos, humildade cristã nas palavras”.

Estas qualificações de um verdadeiro gentil-homem, tão ao gosto do povo gaulês, atraíu-lhe simpatia e admiração. Discípulo e amigo do lendário Leriche, despertou respeito de homens como Marion, Descotes e Dubost.

Conquistou a terra francesa e como o mais nobre dos fidalgos foi agraciado pela Academia Francesa de Medicina com a comenda “Palme Académiques” e mais tarde, pela Universidade de Strasbourg com a comenda “Docteur Honoris Causa” que vieram se juntar à “Grã Cruz da ordem do Mérito Médico”.

Todo este conagraçamento, abriu o caminho que mais tarde sob sua tutela, levaria tantos médicos pernambucanos diretamente do Hospital D. Pedro II para as salas de Cirurgia de Lyon, os bancos da Universidade de Strasbourg e as conferências médicas Paris.

Mas, não só pela França, sua vida foi marcada. Se é verdade que o destino de um homem está traçado por ditames do Senhor, bem-aventurados os que gozam da sua benevolência. E o senhor está entre eles. Sua existência, traçada por mão divina, não só teve a luz nas acertadas decisões pessoais, determinante vitoriosas. Mesmo quando permitindo-se decisões de um coração apaixonado, obteve o aval dos deuses. Foi assim que numa das encruzilhadas, encontrando permita-me professor falar sobre ela – Dona Sonia Escobar de Barros, tomou-a como esposa, companheira e mãe dos seus filhos. Mais que isto, como verdadeira musa e guia a orientá-lo e inspirá-lo, personalidade exuberante, inteligência aguçada e raciocínio ágil, não hesitava quando ação se impunha e sabia como ninguém acionar as peças mais adequadas para determinado objetivo. Como mãe, foi artífice de uma prole, que só lhes trouxe satisfações. Difícil para mim, falar sobre Severo, Helena, Soninha, Marta, Silvio e Bob sem parcialidade de um amigo incondicional. Fácil reconhecer entretanto, nos rapazes, dignos herdeiros de todo um legado das mais autênticas tradições médicas; nas moças, legítimas portadoras de uma refinada educação europeia, aliada à firmeza de caráter típica das suas raízes. Dona Sonia deixou em todos que a conheceram as mais dóceis lembranças.

Recordo-me de que um dia, saindo do Hospital Português, no tempo

em que se usava o portão da Av. Portugal, encontrei D. Sonia que também saía, a pé. – Parei o carro – Que é que há, minha madrinha? Prá onde vai? – E ela – Ah, meu filho não quero lhe atrapalhar, você deve estar apressado, mas, vai pra onde? – Eu vou aqui pra casa, perto do Sport -. Então ótimo, não vou lhe desviar do seu caminho, - entrando no carro – deixe-me ali no Boa-Vista. Olhou para mim e sorrimos juntos. Era Dona Sonia. Sem sombra de dúvida a mais sentida ausência nesta solenidade.

Mas, senhores, não seria justo, nesta hora de exaltação e reconhecimento, esquecermos um dos baluartes na trajetória do Prof. Romero. A sombra acolhedora na subida penosa, a ponderação nas decisões cirúrgicas, o conselho nas horas difíceis, o amigo, o companheiro, o irmão. Que a expressão do nosso aplauso se estenda com toda veemência ao Professor Silvio Marques.

Veja então, Professor, Romero, a espereza da missão que me impuseram, conseguir exprimir em toda amplitude e brilho os sentimentos daqueles que aqui represento. Depois, falar da Enfermaria São Francisco, onde, levado pela mão do meu pai, assimilei e estabeleci as bases da minha vida profissional. Falar da Enfermaria Santa Maria que o Prof. Ângelo de Abreu e Lima mantinha com o amor e a dedicação de um obstinado. Falar até, da mais tradicional comemoração de grupo médico em Pernambuco, o nosso almoço de 31 de dezembro realizado já há 40 anos.

Como lembrar tão belas páginas, sem compungir o coração no peito, sem embargar a voz no soluço da emoção e sem turbar a vista nas lágrimas da saudade?

Professor

Não nos fixemos no entanto em recordações por mais gratas que sejam. Hoje é dia de festa. Que a alegria desta hora seja completa, colorida, feérica, como devem ser as homenagens aos benfeitores da humanidade.

Há 30 anos, no seu cinquentenário meu pai lhe dirigiu algumas palavras que terminaram com este parágrafo que hoje lhe tomo emprestado – “Que a força desagregadora do tempo, continue a lhe poupar para que

outras pessoas possam também se beneficiar da sua cirurgia e dos seus ensinamentos; enfim, ter a ventura de lhe admirar e para que você tenha sempre como recompensa a sua felicidade pessoal que sempre emana de fazer o bem pelo próprio bem”.

Recife, 17 de junho de 1983.





Capítulo III

Textos Científicos





Limites e Alcances da Linfangiografia

Romero Marques

O complexo sistema linfático, sem homogeneidade histológica e sem constituir no conceito anatômico um todo contínuo (Fuentes) cresceu de interesse quando do aparecimento da linfangiografia.

Foram os fundadores da anatomia que deram a primeira ideia do método, injetando mercúrio nos vasos linfáticos. Sappey refere que Mascagni introduzia gelatina de mistura com azul da Prússia nas veias e gelatina com carmin nas artérias para assim fazer os linfáticos apreciáveis e injetá-los com mercúrio para as disseções convenientes

Parece, no dizer de Teneff e Stoppani, que foi Defrise, em 1931, quem primeiro realizou linfangiografias no cadáver, utilizando branco de prata dissolvido em óleo de vaselina e éter.

No mesmo ano, Seiko Funaoka, de Kioto, publicou os primeiros resultados dos seus estudos e de sua escola, tendo empregado o processo de visualização radiográfica dos linfáticos no vivo, com o fim de investigar a velocidade do fluxo linfático, seu mecanismo e formação de colaterais.

Em 1931, Ottaviani publicou suas pesquisas realizadas em cadáveres de animais e do homem, conseguindo belas imagens radiográficas dos linfáticos do intestino, da língua e órgãos genitais.

Teneff, no ano de 1931, obtêm radiografias dos gânglios axilares do homem vivo por meio de injeção de cinábrio na região peitoral.

Carvalho, Rrodrigues e Souza Pereira, empregando a técnica de Gerota, foram bem sucedidos em visualizar radiologicamente os vasos e nodos linfáticos das extremidades.

Seabra, em 1943, também obteve linfografia por punção de vesícula linfática em elefantíases.

Utilizando a mesma técnica Marques e de Barros, em 1943, comunicam seus resultados à Sociedade de Medicina de Pernambuco.

Cabe todavia a Kinmonth e colaboradores o mérito de estabelecer as bases técnicas e anatômicas da linfangiografia, firmá-la como verdadeiro método semiológico. Em consequência dos trabalhos de Kinmonth e sua Escola a generalização foi rápida e a linfangiografia tomou dimensão imprevista. Tomando tal desenvolvimento era natural que por vezes o exagero estivesse presente e os dados encontrados não fossem em correspondência com a realidade dos fatos. Se a linfangiografia pode fornecer informações úteis em certos e determinados casos, em muitos outros está sujeita à caução e por motivos que passaremos a examinar.

Ssouza Pereira, em excelente trabalho apresentado no XII Congresso Brasileiro de Angiologia, chamou a atenção para as diferenças existentes entre as linfangiografias superficiais dos membros inferiores do homem e os esquemas de disseções cadavéricas dos anatomistas, tais como Sappey e Rouvière. Para Souza Pereira, a disposição morfológica evidenciada pela linfangiografia é inversa da que descrevem os anatomistas clássicos. Convém acentuar que certos anatomistas (Bartels e Jossipov), os quais se tem ocupado especificamente do sistema linfático, dão uma outra orientação e nos mostram uma morfologia dos vasos linfáticos mais condizente com as linfangiografias no vivo.

Procedendo uma série de investigações anatômicas a fim de esclarecer certas dúvidas, encontramos a veracidade dos achados de Bartels e de Jossipov. Uma superposição das linfografias no vivo com os achados anatômicos mostra que a razão assiste a esses anatomistas, isto é, o aspecto morfológico dos vasos linfáticos superficiais corresponde ao representado no esquema anatômico. Um outro fato é o referente à individualização de dois grupos de linfáticos superficiais. Apesar da aparente separação desses dois grupos, em certas preparações dos linfáticos superficiais do membro inferior, onde o grupo externo foi contrastado com mercúrio metálico e o grupo interno com vinilite corado em azul, encontramos uma anastomose entre os mesmos no terço superior da perna. Convém assinalar ainda que os linfáticos do grupo externo ou posterior segundo Bartels e Jossipov seguem o trajeto da safena parva. Nas disseções cadavéricas há um cruzamento,

com frequência na face anterior do terço superior da perna, a fim de acompanhar os linfáticos superficiais do grupo interno, a partir do côndilo interno do fêmur).

Por tudo isso vemos as limitações impostas para uma interpretação segura das linfangiografias dos vasos linfáticos superficiais. Ora, vemos somente o grupo externo, outras vezes só o grupo interno. Mesmo que ambos sejam apreciados não podemos falar de linfáticos de modo total pois que restam os profundos que muito raramente são explorados. O grupo profundo requer técnica especial para ser devidamente evidenciado: Técnicas de Tossati e de Marques Pereira. Os estudos a eles pertinentes são escassos, pela exigência de técnicas especiais e pelos variados troncos a individualizar.

No membro superior temos a considerar os linfáticos satélites da artéria radial, os da artéria cubital e os satélites interósseos.

No membro inferior devemos encarar os vasos linfáticos pediosos e tibiais anteriores, os linfáticos plantares e tibiais posteriores e os peroneais. O tronco linfático satélite da safena parva está na dependência do plano superficial embora Mascagni o tenha tomado como profundo, alegando o seu trajeto sub-aponeurótico.

Investigando os linfáticos profundos do membro inferior, utilizamos um dos elementos linfáticos da tibial posterior, o que representa um aspecto parcial. Uma imagem global dos linfáticos profundos do membro inferior ou superior não seria de possível realização na prática comum. Revelamos linfáticos superficiais e profundo (linfático da tibial posterior). Trata-se de uma linfangiografia obtida no cadáver.

No estudo da linfonodografia é justo ressaltar a contribuição eficiente e pertinente da Escola Italiana, notadamente Goffrine, Braibanti, Ottaviani e colaboradores. Aqui também podemos verificar as diferenças morfológicas surgidas entre os achados anatômicos, bem mais precisos na sua circulação aferente e eferente do que nas imagens dos linfonodos no vivo. É certo que em determinadas circunstâncias o exame linfangionodográfico é pleno de boas informações, todavia certas dificuldades podem surgir impedindo uma conclusão diagnóstica segura.

Segundo Ottaviani os nodos linfáticos podem ser de três categorias: no seu aspecto normal os nodos de primeira categoria apresentam-se totalmente opacificados; nas duas outras, o enchimento pelo contraste nunca é completo. Assim a opacificação total ou parcial de um linfonodo depende antes de tudo de sua capacidade de receber o contraste.

Há, pois, nodos normais com falhas de opacificação. Além disso, as alterações morfológicas nas várias condições patológicas não são tão rígidas a ponto de autorizar uma verdadeira esquematização.

Aliás,, o conceito emitido por Ottaviani acha-se bem harmonizado com o esquema de Kling, sobre o desenvolvimento dos gânglios linfáticos e referido por Bartels.

Entre as afecções cirúrgicas dos linfáticos sobressai-se o chamado linfedema, edema crônico regional ou segmentar.

Os achados nessa condição patológica estão, segundo Delescluse, assim distribuídos:

- a) Dilatação;
- b) Riqueza anormal da rede linfática;
- c) Derivação e difusão extra-vascular;
- d) Derivação linfovenosa;
- e) Circulação anormal com regeneração linfática;
- f) Bloqueio.

Taylor refere como dado linfográfico no linfedema congênito: aplasia dos troncos linfáticos, hipoplasia e dilatação.

Kaindl e colaboradores referem a parada do contraste em portadores de elefantíase: o achado típico da obstrução alta dos grandes troncos linfáticos é a chamada “Retragade Lymphspaltenfullung”, respectivamente, “Dermal Back-flow, segundo Kinmonth.

Marques e Barros mostraram, à luz da linfografia pela técnica de Gerota a ausência de lesões obstrutivas em portadores de edemas crônicos regionais. As nossas verificações linfográficas nos edemas crônicos mostram os linfáticos ora com aparência varicosa, ora são eles tortuosos, fragmentados e de número muito aumentado. As manifestações filariósicas são caracterizadas pela abundância de vasos linfáticos, dilatados,

desordenados, mas permeáveis em todos os seus trajetos, permeabilidade traduzida pela evidência do canal torácico.

Nas quilúrias, manifestação comumente filariósica, a representação linfográfica é semelhante a relatado no período anterior. As fístulas linfopélicas entrevistadas por vários autores não foram por nós encontradas .

Nos adenolinfoceles a linfangiografia traduz bem a alteração do gânglio que se transforma em uma massa esponjosa. Habitualmente, existem varizes linfáticas associadas, o que facilita o diagnóstico.

Apesar da grande significação no estudo dos linfáticos, a linfangiografia não nos permite, atualmente, fazer uma segura apreciação do sistema linfoganglionar. Como já tivemos oportunidade de dizer, é possível que com um aprimoramento técnico e melhores conhecimentos morfo-dinâmicos possamos encarar com otimismo a utilização desse método para a investigação da fisiopatologia do sistema linfático. No momento, a visualização se faz em torno de determinados setores. Para os membros inferior e superior é quase sempre o grupo superficial. A rede profunda é pouco exploradora. Os meios propostos para tal não chegam a concretizar as suas pretensões. As técnicas necessitam ser melhoradas e ampliadas.

Por fim, julgamos que uma revisão de ordem anatômica deve constituir o ponto básico para a reavaliação desse método semiológico.



Limites e Alcances da Linfografia

Tradução de Sonia de Barros Marques

Voici les limitations qui s'imposent pour une interpretation sûre des lymphographies des vaisseaux lymphographiques superficiels.

Parfois on voit seulement le groupe externe, parfois on ne voit que le groupe interne. Bien que les deux soient appréciées nous ne pouvons pas parler de lymphatiques de façon générale puisqu'il reste encore les profonds qui sont très rarement exploités. Pour la visualisation de groupe profond, il faut une technique spéciale: technique de Tossati et de Marques. Les études sur les vaisseaux profonds sont très rares à cause de l'exigence de techniques spéciales, et des troncs variés à individualiser.

Dans le membre supérieur nous devons considérer les lymphatiques satellites de l'artère radiale, ceux de l'artère cubitale et ceux des satellites interosseux.

Dans le membre inférieur nous devons envisager les vaisseaux lymphatiques pédiens et tibiaux antérieurs, les lymphatiques postérieurs et les péroniers. Le tronc lymphatique satellite de la "saphena parva" est dans la dépendance du plan superficiel, bien que Mascagni l'ait pris comme profond, pretextant son trajet sous-aponevrotique.

Recherchant les lymphatiques profonds du membre inférieur nous utilisons un des éléments lymphatiques de la tibiale postérieure, ce qui représente un aspect partiel. Une image globale des lymphatiques profonds du membre inférieur ou supérieur ne serait pas d'une réalisation possible dans la pratique commune. La figure révèle les lymphatiques superficiels et profonds (lymphatique de la tibiale postérieure). Il s'agit d'une lymphangiographie obtenue du cadavre.

Dans l'étude de la lymphonodographie il est juste de faire ressortir la contribution efficace et pertinente de l'École Italienne, notamment Gofrini, Braibanti, Ottaviani et leurs collaborateurs.

Nous pouvons aussi vérifier les différences morphologiques qui ont surgi entre les découvertes anatomiques, bien plus précises sur la circulation afférent et éfferent que dans les images des lymphonodes au vif.

Il est certain que, en des circonstances déterminées l'examen lymphangéionodographique est plein de bonnes informations, toutefois certaines difficultés peuvent surgir empêchant une conclusion diagnostique sûre.

Selon Ottaviani les ganglions lymphatiques peuvent être de trois catégories: dans leur aspect normal les ganglions de première catégorie se présentent totalement opacifiés; dans les deux autres, le remplissage par le contraste n'est jamais complet, ainsi l'opacité totale ou partielle d'un ganglion lymphatique dépend avant tout de sa capacité à recevoir le contraste. Il y a donc des ganglions normaux avec des défauts d'opacité. En plus de cela, les altérations morphologiques dans les différentes conditions pathologiques ne sont pas si rigides au point d'autoriser une véritable schématisation.

D'ailleurs l'opinion émise par Ottaviani se trouve bien harmonisée avec le schéma de Kling, sur le développement des ganglions lymphatiques et signalés par Bartels.

Parmi les affections chirurgicales des lymphatiques ressort l'œdème chronique régional ou segmentaire.

Les découvertes dans cette condition pathologique sont selon Delescluse ainsi distribuées:

- a) Dilatation;
- b) Richesse anormale du réseau lymphatique;
- c) Dérivation et diffusion extra-canaulaire;
- d) Dérivation lymphoveineuse;
- e) Circulation anormale avec régénération lymphatique;
- f) Block.

Taylor cite comme donnée lymphographique dans le lymphoedème congénital: aplasie des troncs lymphatiques, hypoplasie et dilatation.

Voici les limitations qui s'imposent pour une interprétation sûre des lymphographies des vaisseaux lymphographiques superficiels.

Parfois on voit seulement le groupe externe, parfois on ne voit que le groupe interne. Bien que les deux soient appréciées nous ne pouvons pas parler de lymphatiques de façon générale puisqu'il reste encore les profonds qui sont très rarement exploités. Pour la visualisation de groupe profond, il faut une technique spéciale: technique de Tossati et de Marques. Les études sur les vaisseaux profonds sont très rares à cause de l'exigence de techniques spéciales, et des troncs variés à individualiser.

Dans le membre supérieur nous devons considérer les lymphatiques satellites de l'artère radiale, ceux de l'artère cubitale et ceux des satellites interosseux.

Dans le membre inférieur nous devons envisager les vaisseaux lymphatiques pédiens et tibiaux antérieurs, les lymphatiques postérieurs et les péroniers. Le tronc lymphatique satellite de la "saphena parva" est dans la dépendance du plan superficiel, bien que Mascagni l'ait pris comme profond, pretextant son trajet sous-aponévrotique.

Recherchant les lymphatiques profonds du membre inférieur nous utilisons un des éléments lymphatiques de la tibiale postérieure, ce qui représente un aspect partiel. Une image globale des lymphatiques profonds du membre inférieur ou supérieur ne serait pas d'une réalisation possible dans la pratique commune. La figure révèle les lymphatiques superficiels et profonds (lymphatique de la tibiale postérieure). Il s'agit d'une lymphangéiographie obtenue du cadavre.

Dans l'étude de la lymphonodographie il est juste de faire ressortir la contribution efficace et pertinente de l'École Italienne, notamment Gofrini, Braibanti, Ottaviani et leurs collaborateurs.

Nous pouvions aussi vérifier les différences morphologiques qui ont surgi entre les découvertes anatomiques, bien plus précises sur la circulation afférent et éfferent que dans les images des lymphonodes au vif.

Kaindl et ses collaborateurs se réfèrent à l'arrêt du contraste dans les porteurs d'éléphantiasis: la découverte typique de l'obstruction haute des grands troncs lymphatiques est appelée – "Retragade Lymphspaltenfullung", respectivement "Dermal-Back-Flow, selon Kinmonth.

Marques et de Barros montrèrent, à la lumière de la lymphographie par la technique de Gerota l'absence de lésions obstructives dans les porteurs d'oedèmes chroniques régionaux. Nos recherches lymphographiques des oedèmes chroniques démontrent les lymphatiques tantôt avec apparence variqueuse, tantôt ils sont tortueux, fragmentés et de nombre très augmenté. Les manifestations filariosiques sont caractérisées par l'abondance des vaisseaux lymphatiques, dilatés, desordonnés, mais perméables en tous leurs trajets, perméabilité traduite par l'évidence du canal thoracique.

Dans les chyluries, manifestation communément filariosiques, la présentation lymphographique est semblable à celle relatée dans la période antérieure. Ses fistules lymphopieliques entrevues par divers auteurs ne furent pas trouvées par nous.

Dans les adenolymphocèles la lymphographie traduit bien l'altération du ganglion qui se transforme en une masse spongieuse. Habituellement il existe des varices lymphatiques associées, ce qui facilite le diagnostic.

Malgré la grande signification dans l'étude des lymphatiques, la lymphagéiographie ne nous permet pas, actuellement de faire une appréciation sûre du système lymphoganglionnaire. Comme nous avons déjà eu l'occasion de le dire, il est possible que avec un perfectionnement technique et de meilleures connaissances morpho-dinamiques, nous puissions envisager avec optimisme l'utilisation de cette méthode pour l'investigation de la physiopathologie du système lymphatique. Actuellement la visualisation se fait autour de secteurs déterminés. Pour les membres inférieurs et supérieurs c'est presque toujours le groupe superficiel. Le réseau profond est peu vérifié. Les moyens proposés pour cela n'arrivent pas à concrétiser leurs prétentions. Les techniques ont besoin d'être améliorées et amplifiées.

Pour en finir nous jugeons qu'une révision d'ordre anatomique doit constituer le point basique pour la mise en valeur de cette méthode sémiologique.

Simpósio – Iatrogenia Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia Vascular-SBACV

Ao Dr. Fernando Luís Barroso os meus agradecimentos pela honra de presidir este simpósio: Iatrogenia em cirurgia vascular periférica.

Outrora o simposiarca, o presidente do simpósio, era o “ dono da festa”. Era ele e os seus convivas : os simposiastas. Da 1ª a 2ª parte do simpósio o simposiarca orientava, distribuía, solicitava. Da distribuição dos jogos à refeição final tudo lhe era atinente, podendo ou não distribuir tarefas aos seus convivas e selecionando-os.

Hoje – ah! O simposiarca, “ figura decorator”, hoje há moderador, secretário, “ et plus quam satis este”!!

Quando Sir Arthur Hurst criou a palavra iatrogenia, significando perturbações provocadas em seu paciente por auto-sugestão baseada no exame, tratamento e comentário do médico estava longe de pensar na extensão que lhe estava reservada. As palavras ganham estima por motivos vários, sendo a sua propriedade o menor deles. O modo sendo o maior. Mesmo quando não se sabe empregá-la convenientemente, nem pronunciá-la corretamente... Alienação, vivência, conotação, conscientização. Modismos? Fanfarronices ?

Iatrogenia tomou dimensão maior quando dos trabalhos de Illich. É que ao lado dos fatos clínicos, diretamente entre médicos e doentes, Illich alcançou outros fatos de gravidade maior, talvez, porque de âmbito coletivo. Assim, para Illich ao lado dessa iatrogenia clínica, existe uma iatrogenia social (séria) e mais uma iatrogenia estrutural, Discutido, contestado, Illich não pode ser recusado. Os médicos têm de encarar a dois novos aspectos da iatrogenia e penetrar na sua filosofia da “convivialidade” para um entendimento melhor.

Iatrogenia não é um vocábulo de boa essência. Já em 1962, nas XII Jornadas Argentina de Pediatria, houve um tema intitulado enfermidade iatrogênica, lembrando essa denominação. Frederica Ronnet no trigésimo quinto Congresso Argentino de Cirurgia, no Simpósio intitulado Iatrogenia em Cirurgia esclareceu que iatrogenia, pura e simplesmente referida, nada indica. Portanto, doença (subst) iatrogênica à maneira de adjetivo (qualificativo) tudo fica esclarecido – cirurgia iatrogênica, doença iatrogênica, flebite iatrogênica etc, etc, etc.

Considerações sobre o Linfedema dos Membros Inferiores

Romero Marques

Por várias vezes temos manifestado nosso modo de ver sobre certos aspectos das doenças da linfostase, sobretudo no que se refere ao linfedema dos membros, particularmente dos membros inferiores. Desde 1935 nos preocupamos com o problema, dada a sua frequência em nosso meio. Vimos várias centenas de pacientes portadores de linfedema crônico progressivo e tratamos muito mais de uma centena. Nunca os resultados foram animadores. Em certas ocasiões foram decepcionantes. O assunto continua intrincado e em certos momentos embaraçoso. Isso porque se a linfologia não é mais “ein Sitefkind der Medizin (Földi)” há no seu domínio – apesar das recentes contribuições experimentais e investigações clínicas – muito a esclarecer, destacando-se a linfotase e suas consequências teciduais.

O chamado fenômeno de Starling estabelece que as trocas líquidas transcilares, isto é, a saída dos líquidos pelos capilares e a sua volta ao compartimento vascular, estão subordinadas – de um lado à pressão capilar efetiva (a diferença entre a pressão sanguínea intracapilar e a pressão intersticial) e de outro a pressão coloido-osmótica (a diferença entre a pressão coloido-osmótica intracapilar e intersticial). A essa concepção que data de 1896. Földi juntou dois novos conceitos: o da carga linfática e o da capacidade de drenagem linfática. A carga linfática – carga obrigatória linfática (Lymphpflichtige Last) é representada pelas proteínas plasmáticas que se juntam ao filtrado capilar, no interstício e deve ser obrigatoriamente absorvida pelos vasos linfáticos. A capacidade de drenagem depende da superfície total do sistema linfático e das forças linfocinéticas, forças essas que se encarregam de mobilizar, transportar num determinado espaço de

tempo, a carga linfática.

Entre os fatores que intervêm na ação linfocinética encontra-se em primeiro lugar a bomba energética dos linfáticos iniciais: contração e relaxação da musculatura lisa dos linfáticos.

Seguem-se a função valvular, a permeabilidade da parede linfática, a ação muscular e outros. Levando em conta a presença desses dois novos fatores, o mecanismo da linfostase passa a ser entendido como um desequilíbrio entre a carga linfática e a capacidade de drenagem linfática; o edema aparecendo toda vez que a carga não pode ser mobilizada em tempo certo.

Logo se verificou que alguma coisa mais devia existir e que os dois fatores acima descritos não significavam tudo na formação da estase linfática. E o próprio Földi confessa: “até recentemente eu pensava que o estado fisiológico do “Panta Rhei” intersticial era unicamente determinado pelo equilíbrio desses dois fatores: a carga linfática e a capacidade de transporte da carga linfática. Mas desde as pesquisas nesses últimos anos, efetuadas parcialmente no nosso próprio laboratório e em parte por Casley-Smith eu mudei a minha opinião”. De fato sem desprezar os dois primeiros fatores, Földi põe em evidência um terceiro fator, com importância fundamental na gênese do linfedema. E esse fator é representado pela “degradação celular extra-plasmática, das proteínas plasmáticas”.

As proteínas em excesso no interstício necessitam ser coloidosmoticamente inativadas. Se isso não acontecer, as trocas líquidas ficam grandemente prejudicadas. São os histiócitos que agem sobre as proteínas retidas, mas a sua atividade deve variar em certas circunstâncias.

Experimentalmente verificou-se que a evolução de um edema linfático constituído (bloqueio) depende da degradação das proteínas pelos histiócitos. Procurando ora estimulá-los, dando-lhes maior poder de ação, ora diminuir-lhes o poder de trabalho ou mesmo inativá-los constatou-se no primeiro caso melhora do edema e no segundo agravamento da doença. (Földi)

Casley-Smith, estudando “os efeitos das benzopironas sobre o sistema sanguíneo, tecidual e linfático” chegou a conclusões valiosas.

Algumas tomando aspectos revolucionários pelo surpreendente do seu conteúdo. No seu minucioso relato, Casley-Smith estuda inicialmente o efeito da benzopirona sobre a permeabilidade dos capilares, mostrando que na realidade esta substância não abaixa a permeabilidade dos capilares sanguíneos e é justamente o inverso o que se observa. Um outro fato é o que se refere à ação sobre os linfáticos. No linfedema, não é pela ação sobre os linfáticos, exaltando-lhe a ação linfocinética que agem as benzopironas. O que acontece é a degradação proteolítica local, pelos histiócitos, das proteínas plasmáticas extravazadas. “Os fragmentos das proteínas plasmáticas, ácidos aminados são coloidosmoticamente inativados e podem ser eliminados pelos capilares venosos” “Thus they have no need of the lymphatic system at all”.

Holling diz que em presença de um paciente com linfedema devemos informá-lo e aos seus que a doença é incurável, mas que sua vida poderá ser proveitosa desde que queira seguir um esquema de tratamento de longa duração. Daintree e Pflug observam que o tratamento de linfedema é paliativo.

O Prof. Waldemy Silva – da 3ª Clínica Cirúrgica Vascular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco – seleccionou 100 pacientes tratados por linfedema numa série homogênea com apreciação minuciosa da evolução dos casos. Em cinquenta pacientes foi empregado o tratamento conservador, nos outros cinquenta o tratamento cirúrgico (operação de Charles). Examinamos esses dados e na nossa maneira de ver os resultados não são de entusiasmar.

Não há razão para se pôr em choque as duas maneiras de agir. Em face de um linfedema constituído impõe-se um tratamento médico, também chamado conservador. As intervenções cirúrgicas ficam reservadas aos linfedemas de grande proporções, membros deformados.

O tratamento médico resume-se assim: postura dos membros em elevação, massagens, compressão (nas suas variadas formas) e diuréticos. Esse esquema básico é quase sempre acrescido de uma série de medicamentos, de acordo com informes laboratoriais que devem ser minuciosos. Apesar dos resultados clínicos, às vezes, discretos, o Venalot

deve ser lembrado e utilizado. Quando o linfedema chega a certas dimensões o tratamento se torna cirúrgico. Apesar das multiplicidades de técnicas, as intervenções cirúrgicas empregadas são de duas ordens: operações de drenagens e operações de exérese. As operações de drenagens pretendem a derivação do líquido para uma região livre (Handley, Walter, Silver) ou da superfície para a profundidade (Lanz, Kondoleum, Payr, Sistrunk, N. Thompson). Os shunts linfovenosos (Niebulowicz – gânglio-veia) ou vaso linfático veia (Degni, K. Cordeiro) são novas formas de drenagem. Por fim as linfangiectomias (Charles e modificações). Citaremos como curiosidade a operação de Goldsmith – transplantação epiploica.

As nossas preferências são hoje, pelas linfangiectomias. As operações de drenagem são sem significado em face dos desatuais conceitos fisiopatológicos do linfedema. Como acentua Daintree e Pflug elas partem de uma falsa premissa, isto é, a existência de uma barreira mecânica para a excreção da água. Da água que sai dos capilares, só uma pequena porção serve para a formação da linfa, todo o restante volta ao plasma. É a retenção das proteínas que resulta a drenagem defeituosa da linfa. O que acontece é que a água do linfedema fica como que presa aos tecidos pela ação osmótica das proteínas e procurar uma nova via para a água correr é irrelevante e inútil. Como é decepcionante qualquer de drenar as proteínas nas vias acessórias (Daintree e Pflug).

Assim, a operação de Robert Charles, com variadas modificações, fica a intervenção de escolha para o tratamento do linfedema crônico progressivo. A princípio utilizávamos a técnica de Gibson-Tough.

Na procura de melhores resultados estéticos desenvolvemos, com a contribuição do Prof. Waldemy Silva, na 3ª Clínica Cirúrgica-Vascular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, uma nova técnica. Mas, apesar da presença de dois pedículos certas complicações apareciam. Essas complicações são de vários tipos, convindo destacar os focos de mortificação de difícil tratamento, às vezes, exigindo novas intervenções.

Recentemente, Daintree e Pflug, propõe um tipo de intervenção que

procura evitar tais complicações. O fundamental nessa técnica reside no preparo dos retalhos. Os retalhos terão uma espessura de 3 mm que irá aumentando de maneira a atingir 5 mm próximo à base.

Essas nossas considerações são para o momento. Elas refletem os ensinamentos tomados aos recentes e minuciosos trabalhos, aqui, amplamente, citados de Földi, Casley e Smith. Daintree e Pflug e outros e que nos levam a refletir e reconsiderar o problema da linfoestase e as suas repercussões teciduais.

REFERÊNCIAS

Casley-Smith JR. The actions of the benzo-pyrones on the blood tissue lymphsystem. *Folia Angiologia*. V. XXIV – 1/2/1976.

Daintree JH. Pflug J. *The Swollen leg*. London: William Heinemann Medical Books Ltda; 1975.

Földi M. *Erkrankungen des lymphsystems*. Brüssel: Verlag Gerhard Witzstrock GonBH. Baden-Baden; 1975.

Holling HE. *Peripheral vascular diseases* JB Lippmendt Company Philadelphia; 1972.

Marques R. Linfedema dos membros. In: *Manual de Angiologia para o clínico*, direção de Georges Charles de Lemos Cordeiro. São Paulo; 1974.



La Lymphographie dans les filarioses

LA LYMPHOGRAPHIE DANS LES FILARIOSES

R. MARQUES (*)

RÉSUMÉ. — Après un court rappel de l'histoire de la lymphographie, l'auteur traite de son emploi dans la filariose. Successivement, il étudie : l'aspect lymphographique des adénolymphocèles, du lymphoscrotum, des varices du cordon et de la chylurie avant de terminer par le lymphœdème chronique progressif. Chacun de ces tableaux cliniques est illustré par des lymphogrammes caractéristiques. L'auteur ne les estime cependant pas suffisants pour expliquer pleinement la pathogénie du lymphœdème chronique surtout dans sa forme la plus grave correspondant à l'éléphantiasis.

LA LYMPHOGRAPHIE DANS LES FILARIOSES

La lymphographie a donné un regain d'actualité au système lymphatique si complexe, dépourvu de continuité anatomique et d'homogénéité histologique. En fait, l'idée première de cet examen revient aux grands anatomistes. C'est ainsi que MASCAGNI (cité par SAPPEY) injectait le réseau veineux par de la gélatine teintée au bleu de Prusse, les artères par

de la gélatine-carmin et les lymphatiques par des solutions mercurielles. Selon TENEFF et STÖPPANI, DEFRISE, en 1881, aurait été le premier à réaliser sur le cadavre des lymphographies véritables grâce à des sels d'argent dissous dans un mélange d'huile de vaseline et d'éther. Dans la même année, Seigo FUMAOKA publia ses premiers résultats de lymphographies faites sur le vivant.

Cinquante ans plus tard, OTTAVIANI étudia grâce à cette méthode sur le cadavre la distribution des lymphatiques de l'intestin, de la langue et des organes génitaux. C'est également en 1931 que TENEFF au moyen d'une injection de cinable dans la région pectorale obtint chez l'homme la graphie des ganglions axillaires. CARVALHO, RODRIGUES et

(*) Professeur de la 3^e Clinique Chirurgicale, Faculté de Médecine de l'Université Fédérale de Pernambuco, Brésil.

MARQUES R. — La lymphographie dans les filarioses. *Journ. Méd. de Strasbourg*, 1972, 3, 1, 3-8.

PEREIRA, utilisant la technique de Gerota, visualisèrent les vaisseaux et les ganglions lymphatiques des extrémités.

En 1943, SEABRA, dans sa thèse intitulée « Lymphatografia », fait état d'injections du produit de contraste dans l'albuginée testiculaire avec d'excellents résultats. En 1943 également SERVELLE mit en évidence le réseau lymphatique périphérique dans les éléphantiasis en ponctionnant les vésicules lymphatiques ectasiées. Dans la même année, MARQUES et BARROS rapportèrent leurs résultats en ce domaine à la Société de Médecine de Pernambuco.

Toutefois, c'est à KINMONTH et à son Ecole que revient le mérite d'avoir définitivement établi les bases techniques et anatomiques de cette méthode d'exploration ; grâce à ces travaux, la lymphographie a pris l'essor qu'on lui connaît actuellement en clinique humaine.

L'on s'aperçut cependant, assez rapidement, de divergences entre les données de cet examen et les schémas anatomiques classiques. Dans son excellent rapport au 12^e Congrès brésilien d'angéiologie, Souza PEREIRA mit l'accent sur ces différences, particulièrement sensibles à la hauteur des lymphatiques superficiels des membres.

Dans le même ordre d'idée, nous procédâmes à une série de comparaisons entre les imageries lymphographiques et les injections postmortem du réseau lymphatique par du mercure métallique. De la sorte, deux groupes de collecteurs lymphatiques superficiels des membres furent individualisés : un groupe interne et un groupe externe ou postérieur. Généralement, les lymphographies n'opacifient que le réseau superficiel, et, presque exclusivement, les vaisseaux appartenant au groupe interne ou antérieur. Le plus souvent, les collecteurs profonds ne sont pas visibles et la lymphographie profonde reste, pour le moment, du domaine de l'expérimentation.

Il est donc clair que les conclusions que l'on peut tirer de l'analyse des lymphographies doivent être tempérées par ces quelques considérations.

LA LYMPHOGRAPHIE DANS LES FILARIOSES

Les filarioses sont fréquentes au Brésil, en particulier dans certaines régions et notamment à Recife. Leurs manifestations cliniques sont suffisamment connues pour que nous n'y revenions pas ici, nous contentant d'en analyser les aspects lympho-

graphiques obtenus à l'Institut d'Angéiologie de Recife. Notre travail fait suite à une nombreuse série de publications — parmi lesquelles nous citerons celles de MARQUES, de TURIAF et ARGUAY, de MARTINS DA ROCHA, de CARAYON, DE COURBIL et COLOMAR — et qui depuis 1943 étudièrent les modifications lymphatiques entraînées par l'infestation par la filaire *Wuchereria Bancrofti*.

LES ADÉNO-LYMPHOCÈLES

L'une des manifestations cliniques les plus courantes de la filariose est représentée par les adénolymphocèles que l'on peut rencontrer au niveau de n'importe quel territoire ganglionnaire, mais qui prédominent nettement à la hauteur des ganglions de l'aîne. La lymphographie selon la technique de Kinmonth montre, dans ces cas, une dilatation modérée des collecteurs lymphatiques superficiels de la cuisse dont le nombre reste normal. Les contours des ganglions augmentés de volume sont imprécis et généralement fusionnés en une masse volumineuse. Leurs afférents sont sinueux et la progression du produit de contraste à leur niveau se fait très lentement (fig. 1).

La technique de Gerota (ponction directe des ganglions) donne des images quelque peu différentes. L'on obtient ainsi un remplissage rétrograde des vaisseaux lymphatiques de la cuisse dilatés et tortueux car il existe le plus souvent une insuffisance valvulaire. En aval, les lymphatiques pelviens sont également injectés. Ces données se rapprochent beaucoup des constatations peropératoires (fig. 2).

Enfin, après lymphoadénectomie, l'on peut observer une néogénèse lymphatique importante comme le montre la figure numéro 3 réalisée deux ans et demi après l'intervention. Dans ce cas, les lymphatiques des bourses étaient également opacifiés démontrant ainsi le degré de cette régénération (fig. 3).

LYMPHO-SCROTUM

La plupart des malades atteints de lympho-scrotum présentent simultanément un œdème des bourses et du pénis. Très souvent, l'histoire clinique de ces œdèmes génitaux est émaillée de poussées de surinfection bactérienne à pyogènes banaux, qui semblent jouer un grand rôle dans la transformation des lymphoœdèmes en fibroœdèmes.

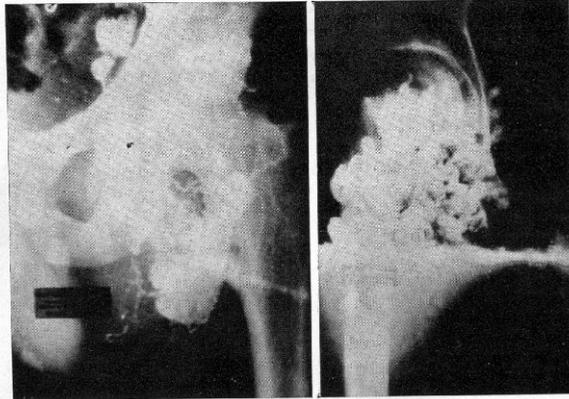


Fig. 1 et 2.

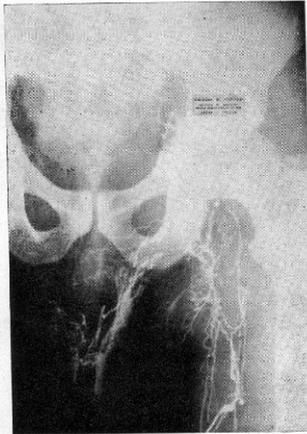


Fig. 3.

Dans ces cas, la lymphographie est facile à réaliser en ponctionnant directement les vésicules lymphatiques dilatées à la surface des bourses. Les images obtenues sont relativement stéréotypées et consistent essentiellement en la dilatation et la tortuosité des collecteurs lymphatiques au niveau des-

quels le produit de contraste chemine lentement pour se drainer dans les lymphatiques latéraux et externes de chaque bourse. Ils affectent alors une disposition arciforme jusqu'aux ganglions inguinaux dans lesquels ils se jettent (fig. 4).

VARICES DU CORDON

Les varices lymphatiques du cordon sont égale-

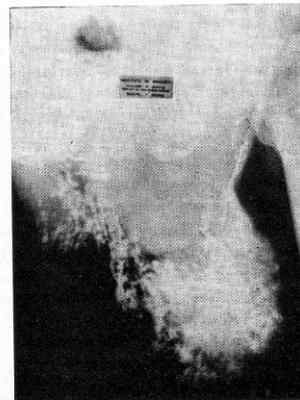


Fig. 4.

ment assez courantes et leur aspect lymphangiographique se passe de longs commentaires. Toutefois dans ces cas, l'on observe une opacification très précoce des lymphatiques pelviens et abdominaux ainsi que de la grande citerne (fig. 5).



FIG. 5.

CHYLURIE

La chylurie est fréquente au cours des filarioses. Dans ces observations, l'on peut trouver des filaires aussi bien dans le sang que dans les urines.

Les lymphographies objectivent une importante stase lymphatique à la hauteur du diaphragme. Il existe également une importante circulation collatérale rétrograde orientée vers les pédicules rénaux dont les vaisseaux lymphatiques sont dilatés. Sur les clichés tardifs, on constate l'opacification des cavités pyélocalicielles, mais jusqu'ici nous ne sommes jamais arrivé à visualiser directement ces fistules lymphocalicielles. Par ailleurs nous n'avons pas trouvé d'obstacle net, le canal thoracique en particulier ayant toujours été normal (fig. 6 et 7).

LYMPHÈDÈME CHRONIQUE PROGRESSIF

De toutes les manifestations des filarioses, le lymphoedème chronique progressif est, sans conteste,

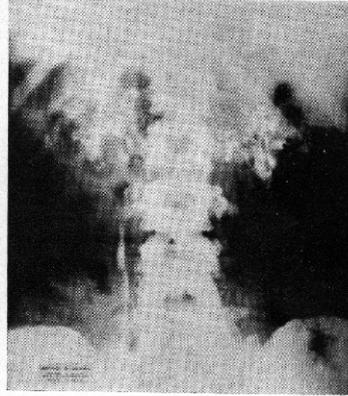


FIG. 6.

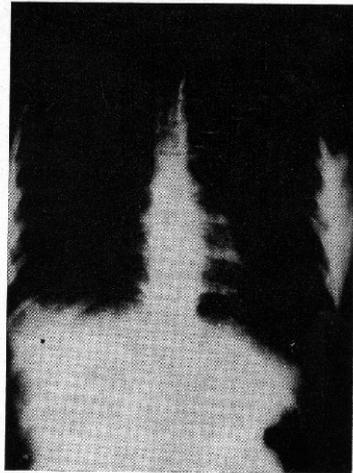


FIG. 7.

le plus fréquemment observé. Très souvent, les nombreuses poussées de lymphangite qui en émaillent l'évolution aboutissent à de véritables éléphantiasis connus sous le nom d'éléphantiasis tropicaux.

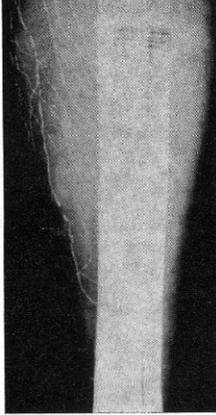
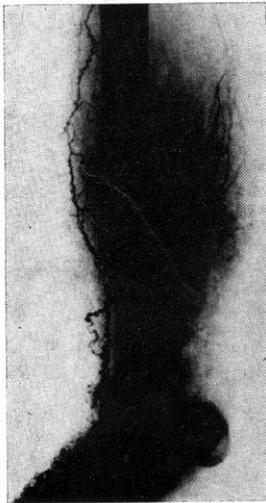


FIG. 8.

L'œdème est encore réversible, les lymphatiques superficiels sont nombreux et forment un réseau qui se draine aussi bien dans les collecteurs externes que dans les collecteurs internes. Parfois, l'on note un reflux dermique (dermal back-flow) (fig. 8).

Ce dernier est également bien mis en évidence par l'épreuve au bleu qui montre une diffusion très large et irrégulière du produit qui n'est pas pris en charge par les collecteurs lymphatiques. Dans certains cas, l'on peut avoir l'impression d'un arrêt, plus ou moins complet, au niveau d'un ou de plusieurs canaux lymphatiques superficiels. Toutefois cet aspect correspond à un artefact car, sur des clichés sériés, il n'est point constant. Enfin 24 heures après l'injection du produit de contraste, les ganglions inguinaux sont, à leur tour, opacifiés mais ils ne présentent qu'un minimum d'anomalies.



Le point de départ de ces lymphangites est souvent représenté par des infections interdigitales.

Les images lymphographiques données par la technique de Kimmonth sont variables et dépendent du stade évolutif de l'affection. Au début, lorsque

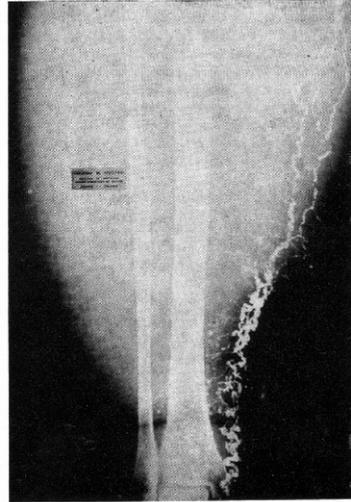


FIG. 10

Au stade de fibroœdème irréversible, les lymphatiques de la jambe restent anormalement nombreux et extrêmement dilatés ; par contre, les lymphatiques de la cuisse ne s'opacifient pas en règle générale (fig. 9 et 10).

CONCLUSIONS

Somme toute, les altérations lymphatiques chez les malades souffrant de filariose sont représentées avant tout par les lymphangiectasies et par l'avalvulation responsable du reflux et de la stase. La diminution ou, au contraire, l'augmentation du nombre des lymphatiques superficiels, mis en évidence par les techniques actuelles de lymphographie, la fibrose ganglionnaire et les images discutables de blocage lymphatique ne nous paraissent toutefois pas suffisants pour expliquer pleinement la pathogénie des lymphœdèmes et encore moins celle des éléphantiasis, stade terminal de leur évolution.

LYMPHOGRAPHY IN FILARIOSIS

by R. MARQUES

SUMMARY

After briefly recalling the history of lymphography, the author describes its use in filariasis. He studied successively : the lymphographic appearance of adenolymphocele, lymphoserotum, varicocele of the spermatic cord, chyluria and, finally, chronic progressive lymphoedema. Each of these clinical types was illustrated by characteristic lymphograms. The author does not, however, consider them sufficient to explain fully the pathogenesis of the chronic lymphoedema, especially in its most severe form, known as elephantiasis.

BIBLIOGRAPHIE

1. CARAYON A., COUBRIL L. J., COLOMAR R. — Progrès apportés par la lymphographie à la compréhension de la filariose de Bancroft.

Médecine d'Afrique Noire, 1968, 15 (1), 21-24.

2. CARVALHO, RODRIGUES, PEREIRA. — Sur la méthode radiographique de mise en évidence des lymphatiques chez le vivant. *J. Radiol. Elect. XVIII*, 1934, 4, 180-184.
3. DEJOU L., CHIOZA P., LASCEVE. — Lymphographie des varices filariennes du cordon spermatique. *J. Radiol. Elect.*, 1949, 30, 623-624.
4. FUENTES, ALFONSO de la. — Iniciacion a la clinica quirurgica. Marban editor, Madrid.
5. MARTINS da ROCHA R. — Linfangiografia no Estudo da Filariose Linfatica Dissertacao do Instituto de Medicina Tropical, Lisboa, 1964 (1964).
6. KINMONTH J. B. — Lymphangiography in man. *Clinical Science*, 1950, 11, 13-20.
7. OTTAVIANI. — (Citado em TENEFF et STOPPANI).
8. SEABRA J. — Thèse « Lymphatographie ». Salvador, Bahia-Brasil, 1943.
9. FUNAOKA S. — (in TENEFF et STOPPANI).
10. SERVELLE M. — (in FUENTES).
11. SAPPEY. — *Traité d'anatomie descriptive*, 1876 (tome deuxième).
12. TENEFF, STOPPANI. — A propos de la lymphographie. *J. Radiol. Elect.*, Tome XX, 1936, 74-77.
13. TURIAF J., ARVAY N., PICARD J. D., GENTILINI M. — Contribution de la lymphographie à l'identification des lésions lymphatiques abdomino-thoraciques et des fistules lympho-urinaires au cours de la chylurie filarienne. *Bull. Soc. Path. Exot.*, 1962, 5, 55.



Capítulo IV

Contribuição à Formação Universitária





Prof. Romero Marques e sua contribuição à formação Universitária

Formado em medicina em 1924 pela tradicional Faculdade de Medicina da Bahia, Romero Marques voltou ao Recife, atendendo às suas origens e sobretudo ao espírito acadêmico, vocacionando à vida universitária, ao ensino, à pesquisa, à forte orientação cirúrgica, particularidades que já trazia do berço, filho que era do renomado cirurgião pernambucano, Dr, Arnóbio Marques. Aliava ainda, - segundo o historiador Dr. Veloso Costa-, “uma vontade férrea, um diálogo fácil de palavras simples e a cortesia dos gestos. A delicadeza indispensável à prática das suas atividades, forjaram o gentleman. A fidalguia, a prestimosidade nas atitudes, os corações magnânimos que se sente numa alma e numa inteligência, a serviço de uma profissão nobre”.

Em 1927, conquistou a Livre Docência e em 1937, a Cátedra da Clínica Propedêutica Cirúrgica da Faculdade de Medicina do Recife. Sendo à época, o D. Pedro II, o hospital das Clínicas da Faculdade, ali estabeleceu-se nas enfermarias São Francisco e Sta. Helena. Ao lado da cirurgia geral, as enfermarias dedicavam-se também à cirurgia vascular, onde sob a orientação de Romero, realizavam-se cirurgias dos aneurismas, das elefantíases, das estenoses da válvula mitral. Em pouco tempo, formou uma equipe de médicos consagrados que com sucesso, colaboravam e desenvolviam a diversidade cirúrgica das enfermarias. Infelizmente, as condições do hospital, não atendiam aos anseios e projetos do Prof. Romero e sua equipe. A precariedade de material e pessoal especializado em anestesia, não permitia o atendimento à demanda das diversas clínicas cirúrgicas. Os próprios cirurgiões das equipes, até mesmo os simples auxiliares, se revezavam para suprir a exiguidade de anestestistas, realizando, eles mesmos, anestésias raquidianas, peridurais, bloqueios periféricos, com resultados às vezes duvidosos e ineficientes, normalmente quando se

impunha uma anestesia geral, sob máscara aberta, ou uma rudimentar máscara de Juillard ou o obsoleto aparelho de Ricard, ou a máscara de Ombredane, que exigiam cuidadoso e atento manuseio, para o uso de Éter ou Clorofórmio, agentes anestésicos, que o hospital podia oferecer, à época. Ora, as dificuldades com a escolha, a execução e o êxito das anestésias, preocupava toda a equipe, muitas vezes limitado suas atividades. Em tempos difíceis, não era do feito do Prof. Romero esperar que algo de bom viesse lhe socorrer. Juntou a equipe e decidiram pela ida de um colega a São Paulo com o objetivo de adquirir um moderno aparelho de anestesia. Missão cumprida. Compraram um Foregger, igual aos já existentes no sul do país, pronto para o uso do Éter e dos gases anestésicos, Ciclopropano e Protóxido de Azoto, todos eles com enriquecimento de Oxigênio. Certamente está entre os primeiros que chegaram ao Recife. Enquanto aguardavam o Foregger, o Professor ofereceu a um dos seus assistentes o posto de anestesista da equipe. Assim, Dr. Luiz Ribemboim partiu para São Paulo e voltou um ano e meio depois (1948) como especialista, pronto para usar o aparelho. Pouco depois, seguiu para os Estados Unidos para uma melhor especialização e a cadeira de Propedêutica Cirúrgica tornou-se a primeira a ter um aparelho e um anestesista próprios. Esse fato, estimulou o aparelhamento anestésicos de outras clínicas cirúrgicas e a chegada de vários anestesistas que se especializavam no Sul e voltavam para trabalhar no Pedro II.

Em janeiro de 1951, sob a responsabilidade, a Cadeira de Propedêutica Cirúrgica promoveu o primeiro Curso de anesthesiologia de Pernambuco, com a duração de seis meses e mais de vinte médicos inscritos. Durante o curso, foram feitas demonstrações do uso do aparelho foregger e de realização de bloqueios raquidianos e periduais.

Ora, praticamente resolvido o problema das anestésias da Cadeira, Romero, como homem de Universidade, evidentemente ampliou seu foco para o próprio hospital. Não era possível admitir que não houvesse dentro de um hospital de ensino um eficiente e organizado Departamento de Anestesia.



Serviço do Prof. Romero Marques em 1946. Sentados: Ângelo de Abreu e Lima, Romero Marques, Manoel Caetano de Barros e Luis Casado. De pé ao centro Dr. Luiz Ribemboim e na extrema esquerda Dr. Jorge Glasner

O diretor do hospital, Prof. Lalor Mota, havia tentado em vão definir um serviço que suprisse, sem maiores problemas, às necessidades anestésicas do Pedro II. Não conseguiu. Era difícil. Não dispunha de recursos financeiros e humanos. Lidava com uma crônica ineficiência de material e de gestão. Romero sentiu que precisava agir. Mais uma vez, apelou para conhecimentos e amizades. Com livre trânsito com Lalor Mota, com o Prof. Antonio Figueira, diretor da Faculdade de Medicina e Prof. Joaquim Amazonas, reitor da Universidade, propôs ousado plano para criar um Instituto de Anestesiologia, convidando uma pessoa de fora para organizá-lo. Plano aceito, Romero viajou à França, onde era respeitado e contava com muitos amigos e entrou em contato com o Instituto de Anestesiologia de Paris.

Dr. Contet, velho amigo, comprometeu-se a encontrar um anestesista que aceitasse ir ao Brasil. Estava difícil. As notícias que vinham de Paris, não entusiasmassem Romero. O Instituto de Paris não conseguia encontrar um anestesista com o currículo necessário para tal empreitada. No entanto, a sorte começou a se encaixar. Oficial do exército Francês, especialista em anestesia pelo Massachusetts General Hospital, nos Estados Unidos, Jean-Pierre Gauthier Lafaye fora transferido para as F.F.A localizados em Landau, Treves, Coblenz, Tubingen, Daunaeschingen e Berlin. Um vastíssimo programa. Ocorre que Lafaye tinha ligações com o Hospital Universitário de Estrasburgo que visitava frequentemente, e sobretudo Dr. Winis, velho amigo e assistente do Prof. Fontaine que era também o diretor da Faculdade de Medicina. Ora, em maio de 1958, Gauthier Lafaye foi chamado pelo Prof. Fontaine que lhe mostrou uma carta de um amigo brasileiro, Prof. Romero Marques, anexa a uma solicitação oficial do diretor da Faculdade de Medicina do Recife, solicitando que a França indicasse um anestesista para trabalhar no Hospital Universitário, formar médicos anestesistas e criar um Instituto de Anestesiologia. O Prof. Fontaine tinha sido encarregado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, para recrutar tal candidato. Distinguido pelo trabalho realizado na Alemanha, Fontaine decidiu indicar Gauthier Lafaye para o cargo. Seria deslocado do exército e nomeado assistente técnico do Ministério. Surpreendido pela proposta, pediu tempo para tratar do assunto com a família. Não houve muita discussão. Todos, inclusive as crianças, votaram a favor da viagem ao Brasil. País com certo exotismo, ensolarado, praias exuberantes e povo receptivo. O Exército não negou sua transferência momentânea para o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Em setembro de 2012, eu me encontrava na França e como hábito, não deixei de cumprir com uma visita a Gauthier Lafaye. Já o havia visitado em Biarritz, onde entrou na política e chegou a ser nomeado vice-prefeito da cidade. Já aos mais de 90 anos, procurou se distanciar um pouco do vento frio vindo do mar e fui então ao seu encontro num belo apartamento na cidade de Bayonne. Após o almoço, numa tarde feliz, em franca conversa, me falou sobre sua temporada no Brasil. Seria justo que agora, eu lhe passasse a palavra.

“A primeiro de outubro de 1958, eu estava em Orly, partindo para a grande aventura. Doris e as crianças me acompanharam ao embarque. O avião me pareceu enorme. Era um DC7 que certamente estava fadado a ceder seu espaço aos velozes jatos que iniciavam sua era. O trajeto Paris/Recife seria feito em 16 horas, com escala em Lisbôa para reabastecer a plenos tanques, afim de ultrapassar o Atlântico Sul. Finalmente, após um Vôo sem turbulências, chegamos ao Aeroporto dos Guararapes no Recife. A me esperar, um tipo moreno, forte, elegante, todo vestido de branco que se apresenta com um grande sorriso cheio de calor. Era o Prof. Romero Marques. Ele me levou ao hotel, era ainda bem cedo, o dia estava bonito, claro, e o mar se exibia espalhando seus reflexos sobre a cidade. Romero marcou para me encontrar às 8 horas e tomamos um café da manhã. Após um pequeno repouso e banho, desci ao hall do hotel e enquanto esperava, tomei meu primeiro “cafezinho”. Oh! Que café! Bastava o cafezinho para explicar porque o Brasil tinha que ser descoberto. Deduzi que em torno dele se decide tudo, se propaga tudo, se discute tudo, para ao fim, se comemorar com outro cafezinho. Portanto, à chegada de Romero, juntos, tomamos outro.

O Hospital D. Pedro II era construído em quadrilátero com um pátio no meio. Me pareceu muito antigo, malconservado. Vários médicos e estudantes circulando, todos de branco. Nos dirigimos às enfermarias de Romero, que eram no térreo. Na sala, nos aguardavam assistentes e auxiliares. Percebi que todos falavam francês ou inglês. Depois das apresentações e alguma conversa, saí junto com os jovens anestesistas do serviço para conhecer a sala de anestesia do Hospital. Romero preferiu não nos acompanhar. Acho que não queria presenciar meu espanto. Era uma sala razoavelmente espaçosa com uma grande mesa ao centro. Sobre ela, uma antiga máquina de fazer café. Não havia escalas de serviço ou uma programação das atividades. Poucas cadeiras, uma estante cheia de sapatos e outros objetos. Nada que caracterizasse um departamento de anestesia. Desgostoso e desolador ambiente.

Romero me levou para conhecer o diretor do hospital, Prof. Lalor Mota e mais tarde, o Diretor da Faculdade de Medicina, Prof. Antônio Figueira. Ambos se mostraram simpáticos e me acolheram calorosamente.

Seguimos então para Olinda, ver a casa de veraneio de Romero, onde eu deveria morar por um tempo, quando da iminente chegada da minha mulher e dos filhos.

Com Doris e as crianças instaladas, a sala dos anestesistas limpa e arrumada, iniciamos nosso trabalho. A primeira reunião e lembro-me bem dos que estavam presentes-Newbe, Ernani, Cadete, Ribemboin e os estudantes Antonieta, Aída e Netto. Conversamos sobre a maneira de conceber um Departamento de Anestesia, seu funcionamento, escalas, programação de ensino, uso, limpeza e estoque do material. Solicitei muito que me ajudassem porque ali estava o meu início e o deles. Considerei a possibilidade de enviar alguns à França, para estágio de especialização e para que tivessem a oportunidade de conhecer e trabalhar num hospital moderno e ao retorno, poder compreender minhas exigências. Claro que um vasto plano de trabalho e organização, não seria vitorioso sem a participação deles. Tínhamos que estabelecer um programa operatório diário, bem elaborado e respeitado. Uma vistoria pelas salas de cirurgia, revelou diversas dificuldades. Faltava gás anestésico e algumas vezes o próprio oxigênio, havia escasso material anestésico, aparelhos obsoletos e quebrados, falta de drogas anestésica, falta de equipamentos de limpeza e de esterilização. Procurei então marcar uma reunião com o “Magnífico Reitor” Prof. Joaquim Amazonas para expor minhas necessidades e uma audiência com a Embaixada da França, no Rio de Janeiro para pedir uma cooperação ao Departamento de Cultura e enviar à França três médicos anestesistas do Pedro II. Ao reitor, solicitei uma ajuda de dez mil dólares para aquisição de material e equipamento de anestesia. Romero me preveniu que certamente o Reitor liberaria uma soma bem inferior. Nesse tempo, por vários motivos, me tornei amigo do Prof. Luiz Tavares e por influência dele, que também se interessava por um serviço de anestesia bem equipado, consegui a liberação de uma certa soma, pela reitoria. Ernani, Newbe e Cadete já se encontravam na França, quando viajei a Paris para comprar material e tive o prazer de encontra-los foram comigo a Londres e me ajudaram na compra dos aparelhos de anestesia que enviamos de navio, para o Recife. Essa aparelhagem, me ajudou muito na recuperação do serviço de anestesia.

No Recife, passei três anos. Regressei à França em outubro de 1961. Apesar de todas as dificuldades, penso que deixei e trouxe do Brasil, muito

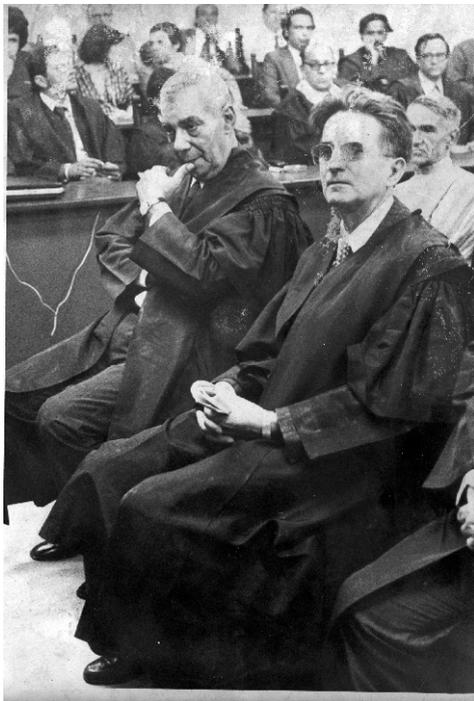
boas lembranças. Não sei como está hoje o Serviço de Anestesia do Novo Hospital Universitário, lá no Engenho do Meio e que era a grande esperança da Faculdade de Medicina do Recife mas no Pedro II, dentro do que me foi possível, com a ajuda fundamental do Prof. Romero, sei que fizemos um trabalho sério e inesquecível.

Eis aí, meu caro Netto, em poucas palavras, minha história no Recife. Das injúrias, das resistências à minha pessoa, preferi esquecer. Lembro-me apenas dos bons momentos, meus e da minha família. Dos amigos e da grande amizade, do irrestrito apoio e da confiança de Romero. Sem isso, não teria sido possível fazer tudo o que fizemos pela anestesia no Pedro II. Hoje, aos 94 anos, lembro-me com saudade do Brasil. Das belas praias com seus coqueirais. Mas gosto também de Bayonne. Venha cá, veja da minha janela. Posso admirar toda a beleza da confluência dos rios Nive e Adur.

Em março de 2016, recebi a notícia do falecimento de Gauthier Lafaye. Fez história na França e no Brasil. No Recife, juntou-se ao Prof. Romero Marques para desenvolver uma bela página da nossa anestesia. Ao regressar à França, assumiu a chefia dos serviços de anestesia do baixo Reno, sede em Estraburgo, e lá, continuou a receber vários anestesistas do Recife.

É verdade, Romero Marques não conseguiu realizar o sonho de criar um Instituto de Anestesia à feição dos Europeus, dentro do Hospital D. Pedro II, mas com sua dinâmica inovadora, habilidosa gestão, afincado na execução dos projetos, teve, talvez como maior êxito, o determinante apoio ao desenvolvimento da anestesia em Pernambuco pelo excelente trabalho de Gauthier Lafaye. Inegavelmente, o Prof. Romero Marques, firmou por atitudes e feitos, um nome a ser consagrado na história da nossa anesthesiologia e da medicina de Pernambuco.

Recife, novembro de 2016
Benedito de Abreu e Lima Netto



Prof. Romero Marques, Prof. Jean Pierre Gauthier - Lafaye e Frei Romeu Perea.

Bibliografias

Veloso Costa. Alguns aspectos históricos e médicos do Recife; 1971.

Prof. Romero Marques. Depoimento pessoal em junho de 1980.

Prof. Ângelo de Abreu e Lima. Depoimento pessoal em julho de 1980.

Dr. Luiz Ribemboim. Depoimento pessoal em julho de 1980.

Prof. JP Gauthier Lafaye. Depoimento pessoal em setembro de 2012 na cidade de Bayonne-França.

Ágape Prof. Romero Marques

Em 1937 foi realizado o primeiro almoço de confraternização pelo Dr. Romero Marques e seus assistentes e amigos da Clínica Cirúrgica que funcionava nas Enfermarias Sta. Helena e São Francisco do Hospital D. Pedro II. Naquela época alguns colaboradores do Dr. Romero Marques, entre os quais estava os Drs. Manoel Caetano de Barros, Luiz Casado e Ângelo de Abreu e Lima, escolheram o dia 31 de dezembro para realizarem confraternização com todos os membros do Serviço do Prof. Romero Marques como chefe do serviço e professor catedrático de Propedêutica Cirúrgica. A partir de então o almoço do dia 31 dezembro tem se realizado sem interrupção todos anos.

Em 1988, por sugestão do Prof. Manoel Caetano de Barros foi dado ao encontro o nome de Ágape Prof. Romero Marques e foram distribuídos diplomas a todos os participantes.

Em 1993, com 90 anos, o Prof. Romero Marques o Prof. Romero Marques compareceu pela última vez ao almoço que foi realizado no Mafuá do Malungo, próximo a sua residência na Capunga. Na ocasião reiterava o desejo de que os “agapeanos remanescentes” perpetuassem esta tradução legando aos mais jovens a missão de dar continuidade ao encontro. Durante 70 anos foi possível manter a tradição que nasceu com a conquista da cátedra em 1937.

Em 8 de novembro 2001 o Vice-Presidente da República Marco Antônio Maciel, no exercício do Cargo de Presidente, sancionou o projeto de lei do Deputado José Chaves denominando «Hospital Professor Romero Marques» o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.



Prof. Romero Marques e seu «Staff» em reunião festiva na Residência do Prof. Ângelo de Abreu e Lima

Nosso Último Mandarin

A morte do Prof. Romero Marques no dia 3 agosto de 1997, seria apenas uma data a mais a ser registrada, não tivesse sido ele uma personalidade marcante e influente na formação de escolas cirúrgicas em todo o país. Exerceu a medicina dos 22 aos 90 anos e foi professor de clínica cirúrgica de 1927 a 1973, na Faculdade de Medicina da UFPE, quando aos 70 anos aposentou-se compulsoriamente. Sua formação científica e cultural foi privilegiada. Nascido aos 14 dias do mês de junho de 1903, recebeu desde cedo influências intelectuais destacadas. Músicos, artistas e escritores frequentavam no início do século o casarão da Rua da Santa Cruz 190, onde cresceu o jovem Romero em meio as tertúlias literárias promovidas pelo pai, o ilustre prof. Arnóbio Marques, permitindo que garoto ainda pudesse se exprimir fluentemente em francês, Inglês se alemão.

Seus estudos secundários concluídos no Colégio Americano Recife levaram-no a uma a clássica modelada por latinistas e humanistas famosos com o prof. Alfredo Freyre. Na Faculdade de Medicina da Bahia, seguindo os passos do seu irmão Sylvio, realizou estudos superiores durante seis anos coloridos pela aventura e companheirismos, próprios da juventude. Formado em 1924, com apenas 21 anos retornou ao Recife para ganhar prestígio e glórias como médico.

Na época em que a cirurgia e a anestesia mostravam apenas suas potencialidades, destacou-se como cirurgião hábil e seguro, realizando intervenções cirúrgicas na própria casa do paciente. Em 1927 obteve através de concurso o Título de livre Docente da Faculdade de Medicina do Recife, defendendo a tese “Simpatectomia Peri-femoral”. Em 1937, aos 34 anos, após acirradíssima disputa, tornou-se professor catedrático de Clínica Propedêutica Cirúrgica, substituindo assim de forma definitiva o prof. Arnóbio Marques. A partir de então tornaria-se mestre de gerações e gerações. Os que dele se aproximaram puderam sorver ensinamento que iam da medicina à filosofia, da pintura à música, da botânica à literatura.

Recitava entre atos cirúrgicos. Verlaine, Baidelaire, Valéry e Rimbaud. Citava Hosmero e Virgílio. Solfejava Débussy, Berthoven e Mozart. Sua cultura sempre atualizada pela leitura sistemática, lhe proporcionou nas últimas semanas de vida a apreciação de Hans Kung e Saramago, preocupado que estava em discutir a Ética Mundial. Revisitava com frequência Camus e Anatole France de quem era admirador.

Entre os seus inúmeros méritos, entretanto, prevaleceu o de Professor Chefe de uma escola cirúrgica, mundialmente conhecida. A partir da década de 40 organizou seu serviço no Hospital Pedro II calcado no modelo francês. Estimulou permanentemente a formação de anestesistas e reanimadores, pois afirmava que não poderia crescer e fomentar as especialidades cirúrgicas sem o respaldo de médicos clínicos de alto nível.

Dividiu nos anos 50 as atividades de seu serviço em quatro ramos: cirurgia torácica, cirurgia ginecológica, neurocirurgia, e cirurgia geral, na qual englobava a cirurgia digestiva e vascular. Em 1954 após longa permanência em Strasbourg junto ao Prof. René Fontaine, que conhecera em 1949, quando trabalhava Prof. René Fontaine, deu à sua clínica cirúrgica orientação vascular.

Nesta especialidade destacou-se pelos estudos sobre a patologia linfática e pela sistematização dos atos médicos correlatos, como a radiologia vascular e os procedimentos terapêuticos. Em sintonia permanente com Strasbourg, onde mantinha um canal de comunicação aberto com o prof. Fontaine, promoveu a formação de mais 20 especialistas entre cirurgiões e anestesistas. Da Universidade Louis Pasteur recebeu em 1974 o título de Dputor Honoris Causa. Era um amigo da França, país com o qual manteve uma ligação profunda até seus últimos dias. Durante a 2ª guerra mundial foi um colaborador da resistência francesa, recebendo em sua casa vários expatriados por razões políticas. Socialista convicto, esteve presente em todos os movimentos pela democratização do nosso país. Em 1964, como diretor da Faculdade de Medicina empenhou-se em impedir injustiças e perseguições. Condecorado várias vezes pelo Goverso Francês e Brasileiro, impôs sua autoridade na defesa de professores e alunos.

Hoje, no silencia da sua biblioteca, cinco mil volumes guardam

secretamente os seus mistérios. Um comentário ao final da página, uma frase sublinhada, uma referência, revelam o perfil intelectual deste homem culto e elegante, em suas maneiras e atitudes.

Romero Marques recebeu em vida todas as homenagens e carinho que poderia desejar. O amor da mulher, presença decisiva em sua vida, dos filhos, netos e bisnetos. O reconhecimento e a gratidão da classe médica, a repercussão internacional dos seus trabalhos. Morto fica sobretudo o exemplo de quem enriqueceu a vida, de bondade, desprendimento, princípios éticos e consciência profissional.

Para nós, que tivemos o privilégio do seu longo convívio, é obrigatório preservar a memória viva e gravada daquele que foi sem dúvida, com muito charme e romantismo. “Nosso último mandarim”.

Silvio Romero de Barros Marques é Professor Titular do Departamento de Cirurgia da UFPE. Matéria reproduzida do Jornal do Commercio, setembro 1997.



Rio de Janeiro, 1987 -
Congresso Brasileiro de
Angiologia, Romero
Marques e Silvio
Romero Marques



O cirurgião do amor

Há muitas formas de se fazer justiça à memória de um homem. Com frequência analisa-se o conjunto de sua obra, produção científica ou literária e suas atividades profissionais. Quantas incorreções já foram assim cometidas? Particularmente no caso de Sylvio Gama Marques é impossível dissociar o médico do homem, que colocou o coração sempre a frente de suas atitudes e amou o seu próximo muito além de si mesmo.

Nascido a 2 de julho de 1902, em Recife, filho do também médico e professor da Faculdade de Medicina, Arnóbio Marques, muito cedo, estudante na Bahia, Sylvio Marques revelou-se um aluno exemplar. Disciplinado e aplicado foi brilhante na sua escolaridade, candidato ao laurel em sua turma de formandos em 1923. Sua tese de doutoramento “Contribuição ao Estudo da Calculose vesical infantil” mereceu desmedidos elogios da banca examinadora, sendo aprovada com distinção. No entanto, não era homem de se deixar levar por vaidades. Simples continuou em seu retorno ao Recife. Prudente, cuidadoso, talvez até tímido em suas indicações, revelou precocemente uma extraordinária consciência de sua responsabilidade profissional. Falava e escrevia corretamente a língua inglesa, tendo realizado versões simultâneas de conferências no início do século em nossa cidade. Para seus inúmeros amigos foi intérprete e tradutor de artigos e textos médicos. Latinista dos bons, mereceu citação especial do seu exigente professor Alfredo Freyre, em seu livro de memórias. Amante da boa música e da literatura, dominava os fundamentos musicais e conhecia em profundidade a obra de Eça de Queiroz. Na literatura brasileira apreciava Jorge Amado, pelas lembranças da Bahia e pelas preocupações sociais. Socialista convicto, em 1930 participou do movimento de tropas que, daqui do Norte, partiu para combater o governo de Washington Luís. Em 1964, foi denunciado como subversivo e respondeu inquérito. Mas nunca foi homem de abalos morais.

Certa feita, defendendo os interesses de seus colegas médicos do Hospital Pedro II, insurgiu-se contra nomeação indevida feita pela Santa Casa de Misericórdia. O hospital foi fechado, os médicos não aderentes ao movimento impedidos de circular e a Santa Casa recuou. A vitória do movimento não lhe trouxe vantagens pessoais mas, serviu naquela época em que apenas passava dos 20 anos, para mostrar a grandeza moral e o sentimento de justiça deste homem. E assim procedeu durante toda a sua vida. Capaz de doar-se totalmente a uma causa alheia desde que justa, em detrimento próprio. Era o seu modo de ser, muito mais tinha prazer em dar do que em receber. Convidado uma ocasião para acompanhar até a Bélgica paciente com fraturas graves dos membros inferiores, declinou do convite em favor do seu amigo e também cirurgião. José Henrique. Mais tarde, com satisfação, destacava o sucesso do colega em sua viagem.

Tímido por temperamento, incomodava-o aparecer em público. Muito jovem foi alvo de prêmios e homenagens dos seus pares, excusando-se de comparecer a quase todas. Sua vida universitária e acadêmica foi profícua e de alta qualificação. Embora tivesse um sentimento crítico em relação aos concursos públicos para provimento de cargos na faculdade, aquiesceu à vontade de seu ilustre pai Arnóbio, defendendo tese para Docente Livre da cadeira Clínica Cirúrgica Infantil e Ortopedia, com o trabalho “Operação de Robertson Lavallo-Contribuição ao estudo da fisiologia e terapêutica das tuberculoses osteoarticulares”, em 1928.

Sylvio Marques era sóbrio de atitudes, discreto de opiniões, sem dispensar a elegância. Sua colaboração leal e criativa junto ao Prof. Barros Lima influenciou de forma marcante a escola liderada por aquele mestre. Teve em suas mãos a cátedra de Ortopedia e Cirurgia Infantil da Faculdade de Medicina do Recife. Durante quase dois anos amigos, colaboradores e discípulos insistiram para que o “velho” Sylvio fizesse concurso. Mas sua simplicidade distanciava-o do exibicionismo que os concursos públicos exigiam em sua época, e que permanece até hoje. Feliz e contente consigo mesmo continuou seu trabalho junto a Barros Lima sem remorso e sem culpa.

Figura singular, Sylvio conhecia medicina como um todo. Era sólida a sua base teórica de anatomia, fisiologia, bioquímica e anatomia patológica. Inteligente, sabia aplicar os seus conhecimentos com eficiência. Sua dedicação ao paciente era absoluta, no exercício da profissão era um sacerdote. Homem de bem, honrado, de caráter, não inventava, não explorava, não enganava, o que lhe valeu uma imensa clientela de “amigos” onde a cobrança material perdia sentido. Era hábil como cirurgião revelando segurança e destreza. Privado da visão do olho esquerdo em consequência de acidente ainda jovem na Bahia, sua “visão” do campo operatório era completa e objetiva, não lhe diminuindo a perda visual, em nada, sua capacidade cirúrgica. Exímio desenhista foram muitos seus esboços de reconhecido valor artístico. Com Romero Marques, Ageu Magalhães, Barros Lima e outros fundou a Sociedade de Cirurgia do Recife, com reuniões aos domingos no Hospital Santo Amaro. Hospital este que muito antes ajudara a transformar, quando aí ainda funcionava asilo de mendicidade. Foi também figura de destaque na criação do Hospital Infantil Manoel de Almeida.

Em traumatologia era seguidor de Watson-Jones, de quem difundiu as ideias junto aos seus alunos da Faculdade de Ciências Médicas (hoje Universidade de Pernambuco) onde foi Titular da Disciplina de Traumatologia desde a sua fundação até aposentar-se compulsoriamente em 1972. Junto com o amigo Barros Lima foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia. Fiel e honrado, jamais deixou escapar qualquer tipo de ressentimento ou mágoa mesmo quando prejudicado em suas pretensões.

Sylvio Marques era um homem sofrido e que sabia sofrer. Além do acidente que lhe tirara a visão esquerda ainda estudante, em 1949 ao final de um longo padecimento por uma úlcera duodenal rebelde, foi submetido em São Paulo pelo companheiro Eurico Bastos a uma gastrectomia. Conheceu nesta época um período prolongado de convalescença e inatividade profissional. Em Olinda, na Avenida Beira Mar, 153, encontrava gáudio para seu firme espírito nas obras de James Hilton. Era capaz de recitar períodos inteiros de “Good bye Mr. Chips” ou “Last horizon” que conhecia nas versões originais.

Em silêncio, tinha forças para assumir as penas daqueles que o procuravam buscando conforto e ajuda. E de ajudar tantos, em bons e maus momentos, quase não teve tempo para si. Jamais empreendeu longas viagens. Sentia-se bem na convivência com seus incontáveis afilhados, para quem se mostrava sempre solícito e presente.

Praticou além da traumatologia, a cirurgia geral e digestiva com enorme sucesso. Seus conhecimentos teóricos de patologia geral permitiram-lhe participar de avanços significativos na cirurgia da hipertensão porta esquistossomótica e também dos primeiros transplantes renais em nosso estado. Como chefe da Clínica Cirúrgica do Hospital Português, em companhia do seu querido seguidor William Stamford, formou toda uma geração de cirurgiões da maior importância em nosso meio.

Amou muito, de forma plural e intensa tendo sido algumas vezes castigado pela perda de entes queridos. Em 1980 casou-se com Clarita Moreira. Em 1992 privou-nos definitivamente da sua carinhosa presença.

Filho querido, amado pelos seus irmãos, sobrinhos e sobrinhos netos, Sylvio Marques foi um homem feliz. Alegre, seu senso de humor não poupava os mais íntimos de brincadeiras e gozações. Indagado durante uma aula prática pelo Prof. Barros Lima sobre o odor característico da mão de uma criança com calculose vesical, verificou ter o garoto a mão ainda úmida de suco de frutas, não hesitou e respondeu com presença de espírito “Maracujá puro, seu Barros!”

Convivemos, eu e meus irmãos, longos e belos anos com esta maravilhosa criatura que foi o nosso Tio Sylvio. Dele recebemos exemplos de dignidade e altivez, até hoje registrados em nossas memórias. Nossa educação teve a sua participação constante e suas lições de vida são exemplos inesquecíveis.

Sylvio Marques foi uma das mais ricas figuras humanas da medicina pernambucana neste século que se finda. Um santo médico! Ou como gostava de afirmar o Prof. Hélio Mendonça: “...se os santos também amam..., Sylvio Marques é com certeza santo.”

Capítulo V

Romero Marques

Dados Pessoais

Nome: Roméro da Gama Marques

Data de Nascimento: 14/06/1903

Educação pré-médica

Curso primário: Escola particular – D. Maria Luiza Vilela do Rego – Boa Vista – Recife-Pernambuco.

Curso secundário: Colégio Americano Batista e Ginásio Pernambucano – Recife-Pernambuco

Curso superior: Colou grau de médico pela Faculdade de Medicina da Bahia 27 de dezembro de 1924. Obteve o título de doutor em Ciência Médico-Cirurgúrgicas defendendo tese de doutoramento “Da Resseção nas Anciloses do Cotovelo”, aprovada com distinção.

Serviço Militar: Reservista de 2ª categoria da 1ª linha do Exército ativo. Certificado pelo de Guerra da Faculdade de Medicina da Bahia, em 21/07/1922

Atividades Acadêmicas de Medicina

Trabalhou como acadêmico no Serviço do Prof. Caio Moura e foi “attaché” do Prof. Fernando Luz Bahia-1923.

Publicou no Jornal de Medicina de Pernambuco:

Acidentes do 914. Crises Nitritoides Fev. 1922 Sobre um curso de Osteosíntese – Jornal de Medicina de Pernambuco (em colaboração com Eurico Bastos) – maio de 1923.

Organização e Administração Hospitalar

Fundador e Diretor da “Casa de Saúde Sta. Inês”- 15/08/1942 a 1953.

Diretor do Hospital do Pronto Socorro do Recife – 1945.

Fundador e Diretor do Instituto de Angiologia da Faculdade de Medicina da UFPE- 1959 a 1972.

Diretor da Faculdade de Medicina do Recife – 1962 a 16/12/1965.

Presidente da Comissão de Investigação para a Construção do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco – 1972.

Diretor do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco – Antigo Pedro II.

Atividades Profissionais

1. Cirurgião da Companhia de Seguro Sul América (Acidentes Marítimos e Terrestres).
2. Cirurgião da Companhia Internacional de 1934 a 1964.
3. Cirurgião do Real Hospital Português de Beneficência – 1935.
4. Cirurgião do Hospital do Pronto Socorro do Recife – 1935.
5. Cirurgião do Instituto dos Bancários – 1936.
6. Cirurgião da Rede Ferroviária – 1937.
7. Cirurgião da Casa de Saúde Santa Inês – 1942.
8. Médico do Consulado da França em Pernambuco – 1954 a 1974.
9. Presidente da Sociedade Franco-Brasileira de Medicina Seção de Pernambuco-Recife – 1971-1974.
10. Presidente da Sociedade Brasileira de Angiologia.

Exerceu Atividades Cirúrgicas nos Serviços Privados:

11. Serviço de Angiologia e Cirurgia Vascular do Recife 1977 a 1981.

12. Clínica Vascular do Recife-Clivar 1981-1992.

O Professor Romero Marques praticou cirurgias de grande porte até os 82 anos de idade quando após cirurgia ocular (Catarata + Glaucoma) abandonou a cirurgia. Continuou atendendo no seu consultório do Hospital Português até 89 anos de idade.

Atividades Didáticas

Assistente de Clínicas Cirúrgica da Faculdade de Medicina do Recife – Serviço do Prof. Arnóbio Marques – 1925 a 1930.

Livre-docente (por concurso) de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina do Recife – 1927.

Prof. Interino da Cadeira de Anatomia Humana – 1930.

Prof. Interino de Clínica Ginecológica – 1931.

Prof. Interino de Clínica Cirúrgica em 1933 – 1935 – 1937.

Prof. Catedrático de Clínica Propedêutica (concurso de título e provas).

Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco – dezembro – 1962 a 1965.

Diretor do Instituto de Angiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco – 1962 a 1972.

Prof. Da 3ª Clínica Cirurgia Vascular – 1937 a 1973.

Cursos Ministrados

Curso de Anatomia Humana- Faculdade de Medicina do Recife – 1931.

Curso de Aperfeiçoamento de Propedêutica Cirúrgica – Faculdade de Medicina do Recife- 1932.

Curso Equiparado de Urologia (substituindo o docente-livre Dr. Alberto Costa Campos)- 1935.

Curso Equipado de Clínica Cirúrgica – Faculdade de Medicina – 1932 a 1937.

Curso de Aperfeiçoamento em angiologia (em colaboração com o Dr. Waldemy Silva e Dr. Luiz Negreiros) na Faculdade de medicina da Universidade de Natal-Rio Grande do Norte – 14 a 19 de outubro de 1963.

Curso sobre Cirurgia de Carótida (em colaboração com o Prof. M. Caetano de Barros) – Faculdade de Medicina – 1969.

Curso de Atualização em Angiologia – 3ª Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da UFPE. (em colaboração com o Prof. Jean Daniel Picard, Paris e o Prof. Mário Degni, São Paulo, sob os auspícios da Sociedade Franco – Brasileira de Medicina – Regional de Pernambuco – 1972.

Colaborador no Curso sobre Urgência Vasculares organizado pelo Prof. Mário Degni – São Paulo – 20 a 25 de novembro de 1972.

Curso de Angiologia Prática (em colaboração com o Prof. Christian Bourde (Marselha-França), Celso Figueroa (Bahia) Guilherme Deucher (São Paulo), Sevéro Marques (São Paulo) – Recife – 1973.

Colaboração no curso de Angiologia, organizado pelo Dr. Guilherme Deucher, na Gastro Clínica (São Paulo) - 1973.

Estágios no Exterior

Serviço do Prof. Leriche – Hospital Americano Paris – 1949.

Serviço do Prof. G. d'Allaines – Hospital Broussais – Paris – 1949.

Serviço do Prof. René Fontaine – Chir. A Strasboug – França – 1954

Serviço do Prof. Schwaiger – Nova Clínica de Heidelberg – Alemanha 1954.

Visitas

Serviço dos Prof. Mallet-Guy e P. Santy-Lyon-França – 1957.
Serviço do Prof. A. Bobbio – Parma – Itália – 1957.
Departamento de Anatomia do Prof. Ottaviani – Parma – Itália – 1957.
Serviço do Prof. Zenker – Munique – Alemanha – 1962.
Serviço do Prof. Ratschow – Darmstadt – Alemanha – 1962.
Serviço do Prof. Gutegemann – Bonn – Alemanha – 1962.
Serviço do Prof. Wertheimer- Lyon – França – 1962.
Serviço do Prof. Marion – Lyon – França 57/62/1965.
Serviço do Prof. Fontaine – Strasbourg – França – 57/62/65/1967.
Serviço do Prof. Lorthat Jacob-Hospital Beaujon – Paris – 1967.
Serviço do Prof. Goinard – Lyon – França – 1967.
Serviço do Prof. Descotes – Lyon – França – 1967-1973.
Após o estágio em Strasborg de 19554 voltou a visitar o serviço em 57/62/65/67/72.
Serviço do Prof. Claude Oliver – Paris-França – 1973.
Serviço do Prof. André Thevenet – Montpelher – França – 1974/1976.
Serviço do Prof. Gedeon – Toulouse- França - 1975.
Serviço do Prof. Bastide – Toulouse – França - 1977

Congresso e Jornadas Médicas

VII Congresso Brasileiro de Angiologia – SBA – Recife – 1957.
VIII Congresso Brasileiro de Angiologia – Belo Horizonte em 25/07/1961.
X Congresso Brasileiro de Angiologia – SBA – Recife – 1963.
Journées Médicales de Dakar – (Participante por convite) Sonegal – 1965.
XII Congresso Brasileiro de Angiologia – Rio – 19/07/1965.
XIII Congresso Brasileiro de Angiologia – SBA – Recife – 1966.
6º Congresso Internacional de Angiologia de Barcelona – Espanha – 1967.
XI Congresso Brasileiro de Angiologia – SBA – Belo Horizonte – 1968.
XVI Congresso Brasileiro de Angiologia – SBA – Rio Grande do Sul –

17 a 30/09/1969.

23ª Réunion du Congrès de la Société Internationale de Chirurgie -
Buenos Aires – Argentina – setembro de 1969.

2º Congress Cardio Vascular Society – Buenos Aires – Argentina – 1969.

XVII Congresso Brasileiro de Angiologia – SBA São Paulo 1970.

Congresso Latino-Americano de Angiologia – Montivideo – 1970.

XVIII Congresso Brasileiro de Angiologia – SBA – Olinda Pernambuco
- 1971

XIX Congresso Brasileiro de Angiologia – SBA – Rio – 1972.

XX Congresso Brasileiro de Angiologia – SBA – Salvador – Bahia.

XI Congresso Mundial da 1ª Sociedade Internacional Cardiovascular –
Barcelona – Espanha – 27 a 29 de setembro – 1973.

Trabalhos Científicos Publicados

Acidentes de 914. Crises nitritoides: *Jornal de Medicina de Pernambuco*
– Fevereiro – 1922.

Sobre um caso de osteossíntese (em colaboração com Eurico Bastos)
Jornal de Medicina – Pernambuco – Maio – 1923.

Da Ressecção nas Ancilosas do Cotovelo (Tese de Doutorado) aprovada
com distinção – Bahia – 1924.

Corpo estranho no reto (Comunicação à Associação Médica dos
Hospitais do Recife) – *Brasil Médico* – 1926.

Da Simpatectomia Peri-Femural (Tese para Livre Docência de Clínica
Cirúrgica na Faculdade de Medicina do Recife) – 1927.

Corpo estranho da bexiga: *Brasil Médico* – Pag. 841 – Agosto – 1927.

Do diagnóstico clínico das hérnias inguinais adquiridas: *Revista
Acadêmica – Recife- Abril – 1931.*

Traumatismo Cranianos e Síndrome de Hipotensão – *Revista Médica de
Pernambuco: Agosto – 1931.*

Anestesia geral administração retal de éter-óleo – (em colaboração com o
Dr. Pessoa de Campos) – *Revista Médica de Pernambuco* – outubro –
1931.

Sobre dois casos de esclera azul (em colaboração com o Dr. Rui do Rego

- Barros – Revista Médica de Pernambuco) – Novembro – 1931.
Infecção intra-cardíaca de adrenalina – Jornal de Medicina de Pernambuco – Junho – 1932.
Tratamento das varizes do membro inferior – Arquivos de Cirurgia e Ortopedia – setembro – 1933.
Considerações sobre aneurismas arteriais poplíteos – Arquivos de Cirurgia e Ortopedia – 1933.
Sobre um caso de adeno-lipoma axilar (Com a Sociedade de Cirurgia de Pernambuco) Arquivos de Cirurgia e Ortopedia: setembro – 1934.
Sobre dois casos de ligadura da artéria esplênica – Arquivos de Cirurgia e Ortopedia – tomo – Fascículo II Dezembro – 1934.
Colecistectomia sem drenagem – Arquivos de Cirurgia e Ortopedia – Tomo II – Fascículo II Dezembro – 1934.
Hérnias epigástricas dolorosas – Arquivos de Cirurgia e Ortopedia – pág. 335 – Tomo II – Fascículo III – Março – 1935.
Sobre um caso de exostose osteogênica – Arquivo de Cirurgia e Ortopedia – Tomo III – Fascículo I – Setembro – 1935.
Exploração arteriográfica da circulação dos membros – 1937.
Tese para Catedrático – Recife – 1937.
Cirurgia de Guerra – I vol. Recife – 1943.
Linfografia (nova prévia Rev. Med. Panamericana em colaboração com Manoel Caetano de Barros) Recife – Janeiro e Fevereiro – 1945.
Operação de Nicola nas luxações recidivantes do Ombro Congresso Brasileiro de Ortopedia e Traumatologia Salvador – Bahia 26/06 a 04/07 – 1948.
Tratamento dos aneurismas arteriais periférica – Congresso Brasileiro de Cardiologia e Angiologia – Recife – 1956.
Etiopatogênica das varizes dos membros inferiores – Congresso Brasileiro de Cardiologia e Angiologia – Recife – 1956.
Considerações histológicas dos gânglios simpáticos nas arteriopatias – Anais da Faculdade de Medicina de Recife – 1957.
Observações sobre e pigmentação das células de gânglios simpáticos – P. Contu e Roméro Marques – Anais da Faculdade de Medicina de Recife –

vol. 17 n° 2 - 1957.

Hypertension artérielle paraxystique para phéochromo – Rapport – d'um cas opere avec (em colaboração com R. Fontaine, A. Marques e outros) – Strasbourg – medical n° 10 – novembro - 1960.

La lymphographie – Lyon Chirurgicale – 56 801-805 – 1960.

Sobre cirurgia dos linfedemas Society - Bacerlona - outubro - 1973.

Aspectos linfográfico en la filariosis – Angiologia – Barcelona - 1961

Linfografia de los linfáticos profundos de 1ª pierna Y de los 13.51.55 – 1961.

Técnica da Linfografia superficial dos membros superiores – VIII Congresso Brasileiro de Angiologia – Belo Horizonte – Julho – 1961.

A propôs de la lymmphographic – 13-14-16 - 1961

Aspecto linfográfico en la linfangiectasia – Angiologia – Barcelona - 347-350 - 1961.

Linfografia – Análise das técnicas – Angiopatas 2.276 – 1962.

Linfografias profundas da cosa – Angiopatas – 2.276 – 1962.

Linfografia superficial del membro superior Angiologia 14.106.108 – 1962.

Adquisiciones linfográficas em la filariosis – Angiologia 15.175.161 – 1963.

Deep lym hangigraphy of the thigh. J. Cardiovas. Surgery - Fevereiro – 1963.

Estudo arterio-linfográfico de um caso de má formação congênita – Angiopatas – 4-113-118 – 1964.

Olinfedema dos membros inferiores – Considerações fisiopatológicas, linfográficas e terapêuticas – J.B.N.8 – 1067 – 1964.

Reflexions sur la lymphographic – Journées Médicales de Dakar – 1965.

Considerações sobre a linfangiografia do membro inferior – Gazeta Sanitária – n° 1-2 – 1968.

Limites e alcance da linfografia – Revista Brasileira Cardiovascular – vol. 6 – n° outubro, novembro, dezembro – 1970.

Cirurgia dos linfáticos em atualização cirúrgica – vol. IV – E. Johnson &

Johnson – 1971.

Lymphographic dans los filariosis – Journal de Medicine de Strasbourg – 3.1.3-8 – 1972.

Aspectos anatômicos linfoadenográficos de los linfáticos dos membros inferiores – XX Congresso Brasileiro de Angiologia – Salvador-Bahia – 1973.

Membro das Sociedade Médicas

Sociedade de Medicina de Pernambuco (Recife-Brasil)

Academia Pernambucana de Medicina (Recife-Brasil)

Sociedade Cirurgia de Pernambuco (Recife-Brasil)

Sociedade Franco-Brasileira de Medicina (Recife-Brasil)

Sociedade Brasileira de Angiologia (Rio de Janeiro - Brasil)

Colégio Brasileiro de Cirurgiões (Rio de Janeiro - Brasil)

Academia Brasileira de Medicina Militar (Rio de Janeiro-Brasil)

Société Française d'Angéiologie et Histo-Pathologie (Paris-France)

Collège de Pathologie Vasculaire (Paris-France)

Société Française de Phlebologie (Paris-France)

Société de Chirurgie de Lyon (Lyon-France)

Société Internationale de Chirurgie (Bruxelles – Belgique)

International Hospital Federation (London-England)

International College of Angiology (New York-USA)

International College of Surgeons (Chicago-USA)

Membro Emérito d do Colégio Brasileiro de Cirurgia

Insígnias e Condecorações

Eavaliador Palmes Académiques – France – 1958.

Grã Cruz de Ordem do Mérito Médico – Brasil – 1962.

Livro de Prata – Homenagem XIX C.M. Estadual Pernambuco 1970.

Medalha de Membro Honorário da Academia Brasileira de Medicina Militar – Brasil – 1971.

Groix d'Officier dans 1^a Ordre National di Mérite – 1973.

Medalha do Mérito “Maciel Monteiro” da Sociedade de Medicina de Pernambuco – Recife – 1973.

Medalha de Ouro do Mérito de São Lucas – Sindicato dos Médicos – Sociedade de Medicina e Conselho Regional de Medicina de Pernambuco – Recife x – 1974.

Plaquette dourada – Homenagem dos Angiologia – Blumenau – 05-09-1974.

Título de Doctor Honoris Causa da Universidade Louis Pasteur de Strasbourg – França 26-10-1974.

Participação em Bancas Examinadora

Membro da Comissão Julgadora de Tese de Doutorado na Faculdade de Medicina do Recife-1931

Membro da Comissão Julgadora do Concurso para livre-docente de Anatomia Humana – F.M.R. – 1932.

Membro da Comissão Julgadora do Concurso para Livre-docência de Medicina Legal – F.M.R. – 1933.

Membro da Comissão Julgadora do Concurso para Livre-docência de Clínica Urológica – F.M.R. – 1934.

Membro da Comissão Julgadora para Transferência de Cátedra na Faculdade de Medicina de Salvador – Bahia – 1942.

Membro da Comissão Julgadora do Concurso para a Cátedra de Propedêutica Cirúrgica na Faculdade de Medicina de Belém-Pará – 1953.

Membro da Comissão Julgadora do Concurso da Cátedra de Técnica Operatória da F.M.U. – Rio de Janeiro – 1955.

Membro da Comissão Julgadora do Concurso de Livre-docência de Clínica Cirúrgica da Faculdade de medicina de Belém – Pará – 1958.

Membro da Comissão Julgadora do Concurso para livre-docência de Técnica Operatória da Escola Paulista de Medicina – São Paulo – 1961.

Membro da Comissão Julgadora de Tese para o doutorado de Medicina – Faculdade de medicina da Universidade de Strasbourg-França – 1973.



Romero Marques

27/12/1924

Colação de Grau

Faculdade de Medicina

Universidade Federal da Bahia



Agradecimentos

A reprodução dos documentos aqui reunidos deve-se, em sua maior parte, a preocupação da senhora Sonia de Barros Marques, esposa do Professor Romero Marques, que cuidadosamente assumiu a responsabilidade de organizar e classificar os discursos e artigos desde 1937. Com o seu desaparecimento em 1975 não houve da parte dos familiares nenhuma iniciativa de tornar público este acervo. Assim só em 2006 iniciei a leitura dos diversos escritos selecionando os mais atuais e de interesse para a História da Medicina em Pernambuco. Desta forma são para Dona Sonia de Barros Marques os meus primeiros agradecimentos. Imagino como estaria feliz com a publicação deste volume. Assim estendo às Professoras Martha Marques, Helena Marques e Sonia Marques o meu reconhecimento pela ajuda dedicada na correção inicial dos diversos capítulos e pelas sugestões de estilo. Recebem ainda a minha gratidão Marcio Severo Marques e Arnóbio Marques, também professores, cujos detalhes sobre os variados eventos aqui referidos permitiram um sentido cronológico a distribuição dos momentos mais importantes aqui registrados.

Ao Professor Renato Dornelas Câmara Neto que idealizou a Coleção Cirurgiões Acadêmicos um especial cumprimento e gratidão pelo privilégio de me confiar a organização do primeiro volume.

Finalmente ao Dr. Benedito de Abreu e Lima Neto que aceitou a tarefa de sumarizar a contribuição do Professor Romero Marques ao desenvolvimento da anesthesiologia em Pernambuco, agradeço a antecipação de relatos que certamente constarão de uma próximo trabalho de sua autoria.

Encerro com um enorme apreço pelos meus colegas de trabalho na Reitoria e particularmente ao reitor Anísio Brasileiro pelo apoio à realização e publicação do livro Romero Marques, um pioneiro.



Anexos

PROJETO DE LEI Nº 3.782 DE 2000

CÂMARA DOS DEPUTADOS

AUTOR: (DO SR. JOSÉ CHAVES) **Nº DE ORIGEM:**

EMENTA:
Denomina "Hospital Professor Romero Marques" o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

DESCRIÇÃO:
2210200 - (S) COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO E DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO (ART. 54, ART. 24, II)

ENCAMINHAMENTO REGULAR:
À COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO, EM 13/01/01

REGIME DE TRAMITAÇÃO ORDINÁRIA		PRAZO DE EMENDAS		
COMISSÃO	DATA ENTRADA	COMISSÃO	INÍCIO	TERMINO
CECD	18/12/2000			
CCJR	22/12/00			

DISTRIBUIÇÃO / REDISTRIBUIÇÃO / VISTA

Alto S/ral. Deputado(s): *Joel de Hollanda* Presidente: *Joel de Hollanda*

Comissão de: *Assuntos Constitucionais e Direitos* Presidente: *Joel de Hollanda*

Alto S/ral. Deputado(s): *Nezary de Farias* Presidente: *Nezary de Farias*

Comissão de: *Constituição e Justiça e de Redação* Em: *25/05/2001*

Alto S/ral. Deputado(s): Presidente: Em: / /

CÂMARA DOS DEPUTADOS **BOLETIM DE AÇÃO LEGISLATIVA**

CD: **CECD** PL: **3.782/2000** DS: **03/03/2001** **Mauro**

- Distribuído ao Relator, Dep. Joel de Hollanda.

CD: **CECD** PL: **3.782/2000** DS: **03/03/2001** **Mauro**

- Fazer favorável do Relator, Dep. Joel de Hollanda, com apresentação de uma emenda.

CD: **CECD** PL: **3.782/2000** DS: **16/05/2001** **Mauro**

- Aprovação unânime de parecer favorável com apresentação de uma emenda do Relator, Dep. Joel de Hollanda.

- Aguarda remessa à CCJR.

CD: **CECD** PL: **3.782/2000** DS: **23/05/2001** **Mauro**

- Encaminhado à CCJR.

CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI Nº 3.782, DE 2000
(DO SR. JOSÉ CHAVES)

Denomina "Hospital Professor Romero Marques" o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

(ÀS COMISSÕES DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO, E DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO (ART. 54) - ART. 24, II)

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica denominado "Hospital Professor Romero Marques" o atual Hospital das Clínicas, da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, localizado no Recife, estado de Pernambuco.

Art. 2º Compete ao Ministério da Educação, através da UFPE, adotar as medidas indispensáveis à execução da presente lei.

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

"Tudo de sua qualidade de homem, deve de mente e sentido de paz e serviço ao país, de modo simples e não arrogante, de um povo com convicção e de grande coragem. Quem não sabe que de si mesmo de existência deve responder com o olhar morto, não tem mais a si do que todo homem". Menegoni, Mafalda. História. Tratamento cirúrgico das lesões aórticas e das artérias ilíacas. São Paulo: convênio da professora da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, 1985.

I. Origem e primeiros estudos do professor Romero da Gama Marques

Nascido no Recife, em 14 de julho de 1903, Romero da Gama Marques é um dos mais ilustres brasileiros deste século. Seus pais, **Arnóbio Marques** e **Maria do Carmo da Gama Marques**, lhe propiciaram todas as condições para o desenvolvimento de uma infância e juventude felizes, plenamente ajustadas às condições sociais e políticas do seu tempo.

CÂMARA DOS DEPUTADOS

Romero da Gama Marques fez os seus primeiros estudos, cursos primário e secundário, no bairro da Boa Vista, tendo sido destacado aluno do tradicional Colégio Americano Batista.

2. Graduação, doutorado, livre docência e cátedra

Em 1924, aos 21 anos, colou grau pela **Faculdade de Medicina da Bahia (FMB)**, em Salvador, onde foi interno dos professores **Caio Moura** e **Fernando Luz**, a quem admirava e que tiveram de exercer forte influência em sua brilhante carreira. Ainda estudante de medicina, publicou, em parceria, destacados trabalhos científicos, entre os quais *Acidentes com 914. Crises nitrídicas e Sobre um caso de osteonítese*. Dedicado pesquisador e dotado de inesgotável talento, ainda na FMB, Romero da Gama Marques obteve (1924), com distinção, o título de Doutor em Ciências Médicas-Cirurgias, defendendo a tese *Da ressecção nos aneurismos do catovelo. A Livre Docência* foi conquistada (1927), pela **Faculdade de Medicina do Recife (FMR)**, mediante a apresentação da tese *Symplectomia periarterial*. Em sua incansável luta na busca do aperfeiçoamento científico e profissional e através de concurso público de títulos e provas realizado na FMR, o professor Marques foi aprovado com louvor (1937) para a **Cátedra de Clínica Propedéutica Cirúrgica**, ocasião em que defendeu a tese *Exploração arteriográfica da circulação dos membros*.

3. Cargos ocupados na Faculdade de Medicina do Recife

Professor interino da Clínica de Ginecologia (1931); Professor interino de Clínica Cirúrgica (1933, 1935 e 1937); Diretor do **Hospital Pedro II** (1960); Diretor do **Hospital de Pronto Socorro do Recife** (1945); Diretor da **Faculdade de Medicina da Universidade da UFPE** (1962-65); Fundador e diretor do Instituto de Angiologia da **Faculdade de Medicina da UFPE** (1962-72); Presidente da **Sociedade de Medicina de Pernambuco** (1946); Presidente da **Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia Vascular** (três biênios: 1962-63, 1965-66 e 1970-71); Presidente da Comissão encarregada de conduzir a construção do **Hospital das Clínicas da UFPE** (1972); Primeiro Mestre do **Capítulo Pernambuco do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**; Primeiro Chefe do Departamento de Cirurgia do **Hospital das Clínicas da UFPE**, absorvendo à época o Serviço de Anestesiologia (1962).

3

CÂMARA DOS DEPUTADOS

4. Condecorações, homenagens recebidas e participação em sociedades médico-científicas

Em reconhecimento por sua extensa e qualificada obra científica, o professor Marques recebeu inúmeras homenagens e condecorações, entre as quais as seguintes: **Cavaleiro Des Palmes Académiques** (França, 1958); **Grã-Cruz da Ordem do Mérito Médico** (Brasil, 1962); **Livro de Prata**, homenagem do XIX Congresso Médico do Estado de Pernambuco (1970); **Medalha de Membro Honorário** da Academia Brasileira de Medicina Militar (1972); **Croix d'Officier dans L'Ordre National du Merite** (França, 1973); **Medalha do Mérito Maciel Monteiro**, da Sociedade de Medicina Pernambuco (1973); **Medalha do Ouro São Lucas**, do Sindicato dos Médicos, Sociedade de Medicina de Pernambuco CREMEPE (1974) e **Doutor Honoris Causa** da Universidade Louis Pasteur (Strasbourg, França, 1973).

O professor Marques também foi diversas vezes homenageado pelo Poder Legislativo de seu Estado. Merecem registro o voto de congratulações de 7 de junho de 1962, de autoria do deputado Orlando Parahim, aprovado por ocasião do recebimento da Ordem do Mérito Médico e ainda o requerimento à Câmara Municipal do Recife, do vereador Rivaldo Allain, em junho de 1975, em que ressaltava a concessão ao cientista pernambucano, pelo governo da França, da Medalha da Ordem Nacional daquele país.

Por outro lado, o emérito cientista pernambucano participou de um grande número de sociedades médico-científicas do Brasil e do Exterior, como as que são a seguir mencionadas: **Sociedade de Medicina de Pernambuco**; **Academia Pernambucana de Medicina**; **Sociedade Franco-Brasileira de Medicina**; **Sociedade Brasileira de Angiologia**; **Colégio Brasileiro de Cirurgiões**; **Academia Brasileira de Medicina Militar**; **Societé Francaise d'Angiologie et Histó Pathologie**, Paris; **College Français de Pathologie Vasculaire**, Paris; **Societé Française de Phlebologie**, Paris; **Societé de Chirurgie de Lyon**, Lyon, França; **Societé Internationale de Chirurgie**, Bruxelles, Bélgica; **International Hospital Federation**, Londres, Inglaterra; **International College of Angiology**, New York, USA e **International College of Surgeons**, Chicago, USA.

4

CÂMARA DOS DEPUTADOS

5. Atividades acadêmicas e curriculares

O professor Romero Marques foi um incansável homem de ciências, mantendo sempre acesa a chama da curiosidade e do interesse intelectual. Do Recife — sua base de realização de pesquisas e estudos em suas especialidades médicas — o professor Marques desenvolveu intensas atividades de intercâmbio científicas e curriculares com renomadas instituições universitárias do mundo inteiro, tendo-se notabilizado, então, como reconhecida autoridade em **cirurgia vascular**.

O programa de intercâmbio, iniciado em 1940, estendeu-se até os anos mais recentes, mesmo após a aposentadoria compulsória do professor Marques, ocorrida em 1973. Pode-se afirmar que o prestígio conquistado pelo médico brasileiro proporcionou a oportunidade para que dezenas de seus colaboradores diretos e de outras instituições de Pernambuco realizassem, sob a orientação de destacados pesquisadores, estágios em diversas e famosas escolas da França e de outros países da Europa. O acervo de conhecimentos acumulados durante os estágios, pelas inúmeras gerações de cientistas pernambucanos beneficiados com o intercâmbio, constitui um entre os muitos pilares que vieram transformar Pernambuco no maior polo médico do Nordeste. O professor Marques também realizou um número de sem-número de estágios em serviços dos mais destacados figuras médicas do mundo, valendo ressaltar os seguintes: **René Lérèche Hôpital Américain (Paris, 1949)**; **Hôpital Broussais (Paris, 1949)**; **René Fontaine (Strasbourg, França, 1954)** e **Selvaiger (Heidelberg, Alemanha, 1956)**.

As inúmeras visitas do professor Marques à França despertaram o interesse de pesquisadores e cientistas de outros centros de ensino daquela parte do mundo, todos querendo ouvir os ensinamentos do mestre brasileiro. Isto lhe valeu convites para proferir conferências e participar de debates, nos serviços dos seguintes especialistas europeus: **Malher-Cury (Lyon, França, 1957)**; **Paul Santy (Lyon, França, 1957)**; **A. Bobbio (Parma, Itália, 1957)**; **Zenquer (Munique, Alemanha, 1962)**; **Ratsehower (Alemanha, 1962)**; **Gutegemann (Alemanha, 1962)**; **Pierre Witschew (Lyon, França, 1962)**; **Pierre Marion (Lyon, França, 1957, 1962, 1965)**; **René Fontaine (Strasbourg, França, 1957, 1962, 1965, 1967, 1972 e 1973)**; **Lorhart-Jacob (Paris, França, 1967)**; **Goimard (Lyon, França, 1967)** e **Jacques Descotes (Lyon, França, 1967 e 1973)**.

5

CÂMARA DOS DEPUTADOS

Quando diretor do Hospital das Clínicas (então Hospital Pedro II), o professor Romero Marques trouxe a Pernambuco o **dr. Jean Pierre Gauthier Lafaye**, respeitado médico francês e renomado anesthesiologista.

Durante sua permanência no Recife (1958/1959/1960), o **dr. Gauthier**, apoiado pelo professor Marques, contribuiu decisivamente para a implantação de uma Escola de Anestésistas, ainda em plena atividade e prestando relevantes serviços médicos ao povo do Estado.

O professor Romero Marques ainda ministrou inúmeros cursos extracurriculares, no Brasil e Exterior, contando, nessas jornadas, com a parceria e colaboração de outras grandes figuras da medicina, a saber: de Pernambuco, **Manoel Caetano de Barros e Ângelo de Abreu e Lima** (seus primeiros discípulos), da Bahia, **Celso Figueroa**, de São Paulo, **Mário Degni**, de Paris, **Jean Daniel Picard** e de Marselise, **Christian Bourde**. Muitas vezes, o professor Marques acionava o seu próprio "staff", ocasião em que testava os conhecimentos de seus integrantes, além de prepará-lo para as duras batalhas do dia-a-dia.

6. Referências ao professor Romero Marques feitas por especialistas e instituições médicas

"A França conta com numerosos amigos no corpo médico dos países sulamericanos. Mas entre aqueles que são há mais longo tempo, mais profundamente e mais solidamente ligados, coloca-se em primeiro plano o professor Romero Marques.

"Brilhante cirurgião, étimo esclarecido, pesquisador de qualidade, o professor Marques exerce nas atividades no região Nordeste do Brasil, onde a filarmia, o ajuda muito difíceis...".

René Fontaine, in "Nouveaux Origines, Journal de Medecine, Strasbourg", 1.º janeiro 1962.

"O serviço René Lérèche do professor Romero Marques no Hospital Universitário Pedro II é um raro exemplo na América do Sul do impacto que pode ter o ensino de um grande mestre.

6

CÂMARA DOS DEPUTADOS

Através do **Dr. Romero Marques**, todos os métodos, técnicas e ensinamentos da Escola Cirúrgica de Strasbourg, que tornaram ilustres os professores **René Lérèche** e **René Fontaine**, foram adaptados e implantados nos países tropicais, cuja patologia muito rica se refere ao sistema linfático.

"Espírito curioso, amando apaixonadamente seu país e sua profissão, o professor Romero Marques não podia ficar alheio deste problema, ao qual assegurou, desde 1945, toda a sua energia e toda o seu tempo.

Seus trabalhos conquistaram uma audiência mundial e foram publicados nos jornais científicos de seu país, assim como em revistas especializadas francesas, inglesas, espanholas. "Cirurgia italiana, administrador aprovado, universitário apreciado, suas qualidades o conduziram aos mais altos cargos...".

"O incansável desvelamento do professor Romero Marques à causa da cultura francesa teve sua justa recompensa pela distinção que recebeu do nosso país."

Discurso do presidente honorário por 1.º Universitário, Paris, 01. setembro de 1970.

"O professor Romero Marques, cirurgião brasileiro especialista em cirurgia vascular, antigo Decano da Faculdade de Medicina do Recife, recebeu a insignia de Officier dans l'Ordre national du Mérite, dos mãos do professor Fontaine, Decano da Faculdade de Medicina de Strasbourg. Como este último, o professor Marques foi um aluno do professor René Lérèche. Ele é filho do fundador da Faculdade de Medicina do Recife e seus três filhos são igualmente cirurgiões."

In "Revue de Strasbourg, Revue Trimestrielle, vol 1973, pag. 8.

86.

"O mestre Romero Marques, no mês de junho, entrou, fúcido e aprumado, para o salão científico."

"E, esta é, sem dúvida, a sua grande glória: a glória de uma longa vida sempre a serviço dos semelhantes, pois, pela fúcido do espírito, pela verdade de do porte e pela grandiosa do coração é um privilegiado de Deus."

Editor de Jean Roche, Jornal do Commercio, Recife (PE), por ocasião das comemorações do 50.º aniversário do professor Marques.

CÂMARA DOS DEPUTADOS

7. Teses, livros e outros trabalhos publicados

Ao longo de sua existência, o **professor Romero Marques** publicou mais de uma centenas de trabalhos científicos, perene contribuição à pesquisa e ao conhecimento científico deste século. Citam-se, a seguir, algumas das obras do eminente brasileiro:

Tese de Doutorado: *Da Ressecção nas anciloses do cotovelo, Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1924*; Tese de Livre Docência: *Simplicíonnia periarterial, Faculdade de Medicina do Recife, 1927*; Tese para a obtenção da Cátedra de Clínica de Propedêutica Cirúrgica: *Exploração arteriográfica da circulação dos membros, Faculdade de Medicina do Recife, 1937*; *Cirurgia de guerra, Imprensa Industrial, Rua do Apolo, 82, Recife, 1943*; *Hypertension arterielle paroxystique par phléochromoclonia - rapport d'un cas opéré avec succès, (em colaboração com René Fontaine, Arnaldo Marques e outros, Strasbourg Medical), Strasbourg: De La Lymphographie, Lyon, França, 1960*; *Aspecto linfográfico en la filiarose, Barcelona, Espanha, 1961*; *Aspecto linfográfico en la linfangiectasia, Barcelona, Espanha, 1961*; *Linfografía - análise das técnicas, Angiopatas, BR, 1962*; *Linfografias profundas das coxas, Angiopatas, 1962*; *Adquisiciones linfográficas en la filiarosise, Angiologia, 1963*; *Deep lymphography of the thigh, Journal Cardiovascular, Surgery, 1963* e *Lymphographie dans la filiarose, Journal de Medicine, Strasbourg, França, 1972*.

8. Professor Romero Marques: traços da personalidade

O eminente homem de ciências **Romero Marques** era não só um homem metódico e disciplinado, inteligente e arguto pesquisador — atributos que lhe permitiram construir uma intensa obra científica, reconhecida internacionalmente. Era também amante dos esportes, tendo, quando de sua vida de estudante em Salvador, praticado o futebol e o remo. Sempre acompanhou com desusado interesse as notícias sobre os movimentos culturais, as artes plásticas e a pintura. Admirava os escritores brasileiros **Machado de Assis** e **Viana Moog**; e o português **Eça de Queirós**, cujas obras conhecia profundamente. Impregnado de **Flaubert**, **Anatole** e **Oswald Spengler**, profundo conhecedor de **Zola**, **Platão** e **Aristóteles**, era prazeroso leitor de **Homero** e **Virgílio**.

CÂMARA DOS DEPUTADOS

Homem do seu tempo, o **professor Romero Marques** impressionava por sua identidade com a velocidade das mudanças sociais, políticas, econômicas, científicas e tecnológicas do século que agora termina. Detalhista, perseguiu a perfeição do conhecimento nas nuances da especialidade médica a que dedicou toda a sua existência — a cirurgia vascular.

A obra deixada pelo **professor Romero Marques** constitui rica e impar conquista da comunidade científica mundial e, por muito tempo ainda, servirá de trilha e referência para as novas gerações de cientistas, tão argutos e talentosos quanto o eminente brasileiro.

Aos 94 anos, o **professor Romero Marques** faleceu na cidade do Recife, em 3 de agosto de 1997, deixando profundas marcas na sociedade brasileira e, em especial, na pernambucana. Sua maior herança, certamente, está representada pelos seis filhos: os três homens, médicos e da mesma especialidade do legendário pai; as três mulheres, uma arquiteta e, as demais, especialistas em línguas neolatinas e anglo-saxônicas, todos professores universitários, belos exemplos de cidadãos e de renomada grandeza intelectual.

Sala das Sessões, 21 de novembro de 2000

Deputado José Chaves
(PMDB-PE)

CÂMARA DOS DEPUTADOS

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTO

TERMO DE RECEBIMENTO DE EMENDAS

PROJETO DE LEI Nº 3.782/2000

Nos termos do art. 119, "caput", I e § 1º, do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, o Sr. Presidente determinou a abertura - e divulgação na Ordem do Dia das Comissões - de prazo para apresentação de emendas ao projeto, a partir de 03 de abril de 2001, por cinco sessões. Esgotado o prazo, não foram recebidas emendas ao Projeto.

Sala da Comissão, 10 de abril de 2001

Carla Rodrigues de Medeiros
Secretária

CÂMARA DOS DEPUTADOS

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTO

PROJETO DE LEI Nº 3.782, DE 2000

Denomina "Hospital Professor Romero Marques" o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

Autor: Deputado José Chaves
Relator: Deputado Joel de Holanda

I - RELATÓRIO

A proposição em epígrafe tem por objetivo dar ao Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco o nome de um dos mais ilustres brasileiros do século findo, o Professor Romero Marques.

No prazo regimental, não foram recebidas emendas.

Cabe a esta Comissão Permanente o exame do mérito, em caráter conclusivo.

É o relatório.

II - VOTO DO RELATOR

Não há qualquer dúvida quanto à procedência da homenagem póstuma que o nobre Deputado José Chaves pretende prestar ao Professor Romero da Gama Marques. Trata-se, na verdade, de acrescentar mais um item à já extensa lista de manifestações de reconhecimento por magistério.

14297

 CÂMARA DOS DEPUTADOS  2

por longos anos responsabilmente exercido, por obra científica pacientemente realizada, por prestígio internacional merecidamente conquistado, por trabalhos científicos publicados em períodos nacionais e estrangeiros e por uma personalidade que ainda impressiona pela disciplina, pelo método, pela cultura e pela curiosidade intelectual.

A denominação ora proposta honra e dignifica não só o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco, mas também engrandece a instituição de ensino como tal. Afinal, como justamente argumenta o Deputado José Chaves, "a obra deixada pelo Professor Romero Marques constitui rica e ímpar conquista da comunidade científica internacional e, por muito tempo ainda, servirá de trilha e referência para as novas gerações de cientistas, tão argutos e talentosos quanto o eminente brasileiro".

Pelo exposto, sou favorável à aprovação do Projeto de Lei nº 3.782, de 2000. Sugiro, apenas, que, por caracterizar invasão de área da competência privativa do Poder Executivo, seja suprimido o art. 2º. Daí a emenda em anexo.

Sala da Comissão, em 16 de maio de 2001.


Deputado Joel de Holanda
Relator

1030207-036

 CÂMARA DOS DEPUTADOS  3

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTO

PROJETO DE LEI Nº 3.782, DE 2000

Denomina "Hospital Professor Romero Marques" o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

EMENDA SUPRESSIVA

Suprima-se o art. 2º do projeto.

Sala da Comissão, em 16 de maio de 2001.


Deputado Joel de Holanda
Relator

 CÂMARA DOS DEPUTADOS 

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO CULTURA E ESPORTO

PROJETO DE LEI Nº 3.782, DE 2000

III - PARECER DA COMISSÃO

A Comissão de Educação, Cultura e Esporte, em reunião ordinária realizada hoje, aprovou, unanimemente, o Projeto de Lei nº 3.782/2000, com emenda, nos termos do parecer do Relator Deputado Joel de Holanda.

Estiveram presentes os Senhores Deputados Áttila Lira, Presidente em exercício; Celcita Pinheiro, Vice-Presidente; Agnelo Queiroz, Bonifácio de Andrada, Costa Ferreira, Eduardo Seabra, Esther Grossi, Flávio Ams, Gastão Vieira, Ivan Valente, João Matos, Marisa Serrano, Miriam Reid, Nelo Rodolfo, Nice Lobão, Osvaldo Biolchi, Paulo José Gouvêa, Professor Luizinho, Tânia Soares, Wolney Queiroz, Zezé Perrella e Jonival Lucas Junior.

Sala da Comissão, em 16 de maio de 2001


Deputado Áttila Lira
Presidente em exercício

 CÂMARA DOS DEPUTADOS 

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTO

PROJETO DE LEI Nº 3.782, DE 2000

Denomina "Hospital Professor Romero Marques" o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

EMENDA ADOTADA PELA COMISSÃO

Suprima-se o art. 2º do projeto.

Sala da Comissão, em 16 de maio de 2000


Deputado Áttila Lira
Presidente em exercício

CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI Nº 3.782-A, DE 2000
(DO SR. JOSÉ CHAVES)

Denomina "Hospital Professor Romero Marques" o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

AS COMISSÕES DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO; E DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO (ART. 54) - ART. 24, II)

SUMÁRIO

Projeto Inicial

Na Comissão de Educação, Cultura e Desporto:

- termo de recebimento de emendas
- parecer do relator
- emenda oferecida pelo relator
- parecer da Comissão
- emenda adotada pela Comissão

***PROJETO DE LEI Nº 3.782-A, DE 2000**
(DO SR. JOSÉ CHAVES)

Denomina "Hospital Professor Romero Marques" o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE; tendo parecer da Comissão de Educação, Cultura e Desporto, pela aprovação, com emenda, (relator: Dep. JOEL DE HOLLANDA).

(ÀS COMISSÕES DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO; E DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO (ART. 54) - ART. 24, II)

*Projeto inicial publicado no DCD de 24/11/00

PARECER DA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO

SUMÁRIO

- termo de recebimento de emendas
- parecer do relator
- emenda oferecida pelo relator
- parecer da Comissão
- emenda adotada pela Comissão

CÂMARA DOS DEPUTADOS

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO

PROJETO DE LEI Nº 3.782, DE 2000

Denomina Hospital Professor Romero Marques o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

Autor: Deputado JOSÉ CHAVES
Relator: Deputado RICARDO FILIZA

I - RELATÓRIO

1. O Projeto de Lei em apreço intenta dar ao Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, o nome do Professor Romero da Gama Marques, cujo *curriculum vitae* é transposto, com riqueza de detalhes, para a justificação da proposição.

2. O PL foi aprovado por unanimidade pela COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO, juntamente com a emenda do Relator, Deputado JOEL DE HOLLANDA, supressiva do art. 2º, que ordena ao Ministério da Educação, através da UFPE, adotar medidas para a implementação da lei. E o Relatório.

II - VOTO DO RELATOR

1. Cabe à COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO a análise dos aspectos de **constitucionalidade, legalidade, juridicidade, regimentalidade e técnica legislativa de projetos, emendas e**

CÂMARA DOS DEPUTADOS

substitutos submetidos à Câmara ou suas Comissões (art. 32, III a do Regimento Interno).

2. Sob esses enfoques nenhuma opção se apresenta à livre tramitação do PL, salvo no que se refere ao art. 2º, que mereceu emenda da Comissão da Educação, Cultura e Desporto, sanando a inconstitucionalidade consistente na violação do art. 2º da Lei Maior, que consagra a **separação dos Poderes**.

3. Assim sendo, o voto é pela aprovação do PL 3782, de 2000, e da emenda supressiva sanatória da inconstitucionalidade intransponível, adotada pela Comissão de Mérito.

Sala da Comissão, em 5 de novembro de 2001.

Deputado RICARDO FILIZA
Relator

**CÂMARA DOS DEPUTADOS**
Deputado RICARDO FIUZA

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO

PROJETO DE LEI Nº 3.782/2000

“Denomina Hospital Professor Romero Marques o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE”.

AUTOR: Deputado JOSÉ CHAVES
RELATOR: Deputado RICARDO FIUZA

PARECER REFORMULADO

Durante a discussão da matéria em epígrafe, em reunião ordinária realizada hoje, acatando sugestões dos Ilustres Membros desta Comissão, decidi reformular meu parecer, no sentido apresentar a emenda em anexo, para aperfeiçoar o texto da proposição.

Sala da Comissão, em 20 de junho de 2001.


Deputado RICARDO FIUZA
Relator

**CÂMARA DOS DEPUTADOS**

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO

PROJETO DE LEI Nº 3.782-A, DE 2000

EMENDA ADOTADA – CCJR

Dê-se ao art. 1º do projeto a seguinte redação:

“Art. 1º Fica denominado “Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco – Professor Romero Marques” o atual Hospital das Clínicas, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, localizado no Recife, Estado de Pernambuco.

Sala da Comissão, em 20 de junho de 2001


Deputado INALDO LEITÃO
Presidente

CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI Nº 3.782-B, DE 2000
(DO SR. JOSÉ CHAVES)

Denomina “Hospital Professor Romero Marques” o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE; tendo pareceres: da Comissão de Educação, Cultura e Desporto, pela aprovação, com emenda (relator: Deputado JOEL DE HOLLANDA); e da Comissão de Constituição e Justiça e de Redação, pela constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa deste e da Emenda da Comissão de Educação, Cultura e Desporto, com emenda (relator: Deputado RICARDO FIUZA).

(AS COMISSÕES DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO; E DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO (ART. 54) - ART. 24, II)

SUMÁRIO

I - Projeto Inicial

II - Na Comissão de Educação, Cultura e Desporto:

- termo de recebimento de emendas
- parecer do relator
- emenda oferecida pelo relator
- parecer da Comissão
- emenda adotada pela Comissão

III - Na Comissão de Constituição e Justiça e de Redação:

- termo de recebimento de emendas
- parecer do relator
- parecer reformulado
- emenda oferecida pelo relator
- parecer da Comissão
- emenda adotada pela Comissão

***PROJETO DE LEI Nº 3.782-B, DE 2000**
(DO SR. JOSÉ CHAVES)

Denomina “Hospital Professor Romero Marques” o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE; tendo pareceres: da Comissão de Educação, Cultura e Desporto, pela aprovação, com emenda (relator: Deputado JOEL DE HOLLANDA); e da Comissão de Constituição e Justiça e de Redação, pela constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa deste e da Emenda da Comissão de Educação, Cultura e Desporto, com emenda (relator: Deputado RICARDO FIUZA).

*Projeto inicial publicado no DCD de 24/11/00
parecer da Comissão de Educação, Cultura e Desporto publicado no DCD de 17/05/01

PARECER DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO

SUMÁRIO

- termo de recebimento de emendas
- parecer do relator
- parecer reformulado
- emenda oferecida pelo Relator
- parecer da Comissão
- emenda adotada pela Comissão

 CÂMARA DOS DEPUTADOS 

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO
 REDAÇÃO FINAL
 PROJETO DE LEI Nº 3.782-C, DE 2000

Denomina "Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - Professor Romero Marques" o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º Fica denominado "Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - Professor Romero Marques" o atual Hospital das Clínicas, da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, localizado no Recife, Estado de Pernambuco.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala da Comissão, *05.09.2001*


 Deputado INALDO LEITÃO
 Presidente


 Deputado LEO ALCÂNTARA
 Relator

 CÂMARA DOS DEPUTADOS 

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO

PROJETO DE LEI Nº 3.782-C, DE 2000

REDAÇÃO FINAL

A Comissão de Constituição e Justiça e de Redação, em reunião ordinária realizada hoje, aprovou unanimemente a Redação Final oferecida pelo Relator, Deputado Léo Alcântara, ao Projeto de Lei nº 3.782-B/00.

Participaram da votação os Senhores Deputados:

Inaldo Leitão - Presidente, Zenaldo Coutinho, Robson Tuma e Osmar Serraglio - Vice-Presidentes, Alcir Cabral, Alexandre Cardoso, André Benassi, Antônio Carlos Konder Reis, Bispo Rodrigues, Coriolano Sales, Custódio Mattos, Dr. Antonio Cruz, Eymar Moreira, Fernando Coruja, Fernando Gonçalves, Geraldo Magela, Gerson Peres, Ibrahim Abi-ackel, Jaime Martins, Jarbas Lima, José Antonio Almeida, José Genoíno, José Roberto Batochio, Luiz Eduardo Greenhalgh, Marcos Rolim, Moroni Torgan, Murilo Domingos, Nelson Marchezan, Nelson Trad, Ney Lopes, Páes Landim, Paulo Magalhães, Renato Vianna, Roland Lavigne, Sérgio Carvalho, Sérgio Miranda, Vicente Amada, Vilmar Rocha, Domiciano Cabral, Léo Alcântara, Nelo Rodolfo, Osvaldo Reis, Professor Luanzinho, Raimundo Santos, Ricardo Rique, Roberto Balestra, Themistocles Sampaio e Wilson Santos.

Sala da Comissão, em 5 de setembro de 2001


 Deputado INALDO LEITÃO
 Presidente

PS-GSE/423/01 Brasília, *24 de setembro* de 2001

Senhor Secretário,

Encaminho a Vossa Excelência, a fim de ser submetido à apreciação do Senado Federal, nos termos do art. 134 do Regimento Comum, o incluso Projeto de Lei nº 3.782, de 2000, da Câmara dos Deputados, que "Denomina 'Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - Professor Romero Marques' o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE", de acordo com o caput do art. 65 da Constituição Federal.

Atenciosamente,


 Deputado EVENDRO CAVALCANTI
 Primeiro-Secretário

A Sua Excelência o Senhor
 Senador CARLOS WILSON
 Primeiro-Secretário do Senado Federal
W E S T A
 Ofício PL da Câmara

Denomina "Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - Professor Romero Marques" o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º Fica denominado "Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - Professor Romero Marques" o atual Hospital das Clínicas, da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, localizado no Recife, Estado de Pernambuco.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

CÂMARA DOS DEPUTADOS, *20 de setembro* de 2001



CÂMARA DOS DEPUTADOS SEÇÃO DE EMENDAS	PROJETO DE LEI N.º 3.782 de 2000	AUTOR
EMENDA Denomina "Hospital Professor Romero Marques" o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.		JOSE CHAVES (PMDB/PE)
ANDAMENTO		Sancionado ou promulgado
<u>PLENÁRIO</u> 21.11.00 Apresentação e leitura do Projeto.		Publicado no Diário Oficial de
<u>MESA</u> 23.11.00 Despacho: As Comissões de Educação, Cultura e Desporto; e de Constituição e Justiça e de Redação (Art. 54) - Art. 24, II. OCD 24/11/00, pág. 6005 col. 02.		Vetado
<u>COORDENAÇÃO DE COMISSÕES PERMANENTES</u> 18.01.01 Encaminhado à Comissão de Educação, Cultura e Desporto.		Razões do voto-publicadas no
<u>COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO</u> 28.03.01 Distribuído ao relator, Dep. JOEL DE HOLLANDA.		
<u>COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO</u> 03.04.01 Prazo para apresentação de emendas: 05 sessões.		
<u>COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO</u> 10.04.01 Não foram apresentadas emendas.		
VIDE VERSO...		

PL Nº 3.782/00 (Verso de emenda)	
ANDAMENTO	
<u>COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO</u> 03.05.01 Parecer favorável do relator, Dep. JOEL DE HOLLANDA, com emenda.	
<u>COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO</u> 16.05.01 Aprovado unanimemente o parecer favorável do relator, Dep. JOEL DE HOLLANDA, com emenda. (Pl. 3.782-A/00).	
<u>COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO</u> 25.05.01 Distribuído ao relator, Dep. RICARDO FIUZA.	
<u>COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO</u> 30.05.01 Prazo para apresentação de emendas: 05 sessões.	
<u>COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO</u> 06.06.01 Não foram apresentadas emendas.	
<u>COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO</u> 20.06.01 Aprovado unanimemente o parecer ora reformulado, do relator, Dep. RICARDO FIUZA, pela constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa deste e da emenda da comissão de Educação, Cultura e Desporto, com emenda.	
<u>MESA (ARTIGO 25, INCISO II DO RI)</u> 07.08.01 É lido e vai a imprimir, tendo pareceres: da Comissão de Educação, Cultura e Desporto, pela aprovação, com emenda; e da Comissão de Constituição e Justiça e de Redação, pela constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa deste e da emenda da Comissão de Educação, Cultura e Desporto, com emenda. (Pl. 3.782-B/00).	
<u>MESA</u> 10.08.01 Prazo para apresentação de recurso artigo 132, § 2º do RI (05 sessões) de: 10 a 17.08.01.	
CONTINUA...	

CÂMARA DOS DEPUTADOS CEL - Seção de Relações		PROJETO Nº 3.782/00	Continuação (Folha nº 02)
ANDAMENTO			
20.08.01	MESA OF EGM-P 947/01, à CCJR, encaminhando este projeto para elaboração da redação final, nos termos do artigo 58, parágrafo quarto e artigo 24, II do RI.		
05.09.01	COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO Aprovação unânime da redação final, oferecida pelo relator, Dep. Léo Alcântara. (PL. 3782-C/00).		



CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI
Nº 3.782-B, DE 2000
(Do Sr. José Chaves)

Denomina "Hospital Professor Romero Marques" o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE; tendo pareceres: da Comissão de Educação, Cultura e Desporto, pela aprovação, com emenda (relator: Deputado JOEL DE HOLLANDA); e da Comissão de Constituição e Justiça e de Redação, pela constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa deste e da Emenda da Comissão de Educação, Cultura e Desporto, com emenda (relator: Deputado RICARDO FIUZA).

(ÀS COMISSÕES DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO; E DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO (ART. 54) - ART. 24, II)

SUMÁRIO

I - Projeto Inicial

II - Na Comissão de Educação, Cultura e Desporto:

- termo de recebimento de emendas
- parecer do relator
- emenda oferecida pelo relator
- parecer da Comissão
- emenda adotada pela Comissão

III - Na Comissão de Constituição e Justiça e de Redação:

- termo de recebimento de emendas
- parecer do relator
- parecer reformulado
- emenda oferecida pelo relator
- parecer da Comissão
- emenda adotada pela Comissão

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica denominado "Hospital Professor Romero Marques" o anual Hospital das Clínicas, da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, localizado no Recife, estado de Pernambuco.

Art. 2º Compete ao Ministério da Educação, através da UFPE, adotar as medidas indispensáveis à execução da presente lei.

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

"Dizer das suas qualidades de homem, disse de maneira e verdade de pai e sorredor sobre os meus livros e não soube falar pelo que convém não se fora justiça. Quero que todos que se a ruidar da existência deles conheçam que, se algum morto viver, que era, pelo e o que não vive." (Marques, Alfredo Araújo, in Tratamento cirurgico das artérias arterioscleróticas das artérias ilíacas. tese para concurso de professor da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, 1961).

I. Origem e primeiros estudos do professor Romero da Gama Marques

Nascido no Recife, em 14 de julho de 1903, Romero da Gama Marques é um dos mais ilustres brasileiros deste século. Seus pais, Arnóbio Marques e Maria do Carmo da Gama Marques, lhe propiciaram todas as condições para o desenvolvimento de uma infância e juventude felizes, plenamente ajustadas às condições sociais e políticas do seu tempo. Romero da Gama Marques fez os seus primeiros estudos, cursos primário e secundário, no bairro da Boa Vista, tendo sido destacado aluno do tradicional Colégio Americano Batista.

2. Graduação, doutorado, livre docência e cátedra

Em 1924, aos 21 anos, colou grau pela Faculdade de Medicina da Bahia (FMB), em Salvador, onde foi interno dos professores Caio Moura e Fernando Luz, a quem admirava e que haviam de exercer forte influência em sua brilhante carreira. Ainda estudante de medicina,

publicou, em parceria, destacados trabalhos científicos, entre os quais *Acidentes com 914: Crises nutritivas e Sobre um caso de osteosíntese*. Dedicado pesquisador e dotado de inesgotável talento, ainda na FMB, Romero da Gama Marques obteve (1924), com distinção, o título de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas, defendendo a tese *Da ressecção nas anclóses do cotovelo*. A *Livre Docência* foi conquistada (1927), pela Faculdade de Medicina do Recife (FMR), mediante a apresentação da tese *Simplicíoma periarterial*. Em sua incansável luta na busca do aperfeiçoamento científico e profissional e através de concurso público de títulos e provas realizado na FMR, o professor Marques foi aprovado com louvor (1937) para a *Cadeira de Clínica Propedéutica Cirúrgica*, ocasião em que defendeu a tese *Exploração arteriográfica da circulação dos membros*.

3. Cargos ocupados na Faculdade de Medicina do Recife

Professor interino da Clínica de Ginecologia (1931); Professor interino de Clínica Cirúrgica (1933, 1935 e 1937); Diretor do Hospital Pedro II (1960); Diretor do Hospital de Pronto Socorro do Recife (1945); Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade da UFPE (1962-65); Fundador e diretor do Instituto de Angiologia da Faculdade de Medicina da UFPE (1962-72); Presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco (1946); Presidente da Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia Vasculare (três biênios: 1962-63; 1965-66 e 1970-71); Presidente da Comissão encarregada de concluir a construção do Hospital das Clínicas da UFPE (1972); Primeiro Mestre do Capitulo Pernambuco do Colégio Brasileiro de Cirurgiões; Primeiro Chefe do Departamento de Cirurgia do Hospital das Clínicas da UFPE, absorvendo a época o Serviço de Anestesiologia (1962).

4. Condecorações, homenagens recebidas e participação em sociedades médico-científicas

Em reconhecimento por sua extensa e qualificada obra científica, o professor Marques recebeu inúmeras homenagens e condecorações, entre as quais as seguintes: *Chevalier Des Palmes Academiques* (França, 1958); *Grã-Cruz da Ordem do Mérito Médico* (Brasil, 1962); *Livro de Prata*, homenagem do XIX Congresso Médico do Estado de Pernambuco (1970); *Medalha de Membro Honorário* da Academia Brasileira de

O programa de intercâmbio, iniciado em 1940, estendeu-se até os anos mais recentes, mesmo após a aposentadoria compulsória do professor Marques, ocorrida em 1973. Pode-se afirmar que o prestígio conquistado pelo médico brasileiro proporcionou a oportunidade para que dezenas de seus colaboradores diretos e de outras instituições de Pernambuco realizassem, sob a orientação de destacados pesquisadores, estágios em diversas e famosas escolas da França e de outros países da Europa. O acervo de conhecimentos acumulados durante os estágios, pelas inúmeras gerações de cientistas pernambucanos beneficiados com o intercâmbio, constitui um entre os muitos pilares que viriam transformar Pernambuco no maior polo médico do Nordeste. O professor Marques também realizou na Europa um sem-número de estágios em serviços das mais destacadas figuras médicas do mundo, valendo ressaltar os seguintes: René Lériché, *Hôpital Américain* (Paris, 1949); *Hôpital Broussais* (Paris, 1949); René Fontaine (Strasbourg, França, 1954) e Selvaiger (Heidelberg, Alemanha, 1956).

As inúmeras visitas do professor Marques à França despertaram o interesse de pesquisadores e cientistas de outros centros de ensino daquela parte do mundo, todos querendo ouvir os ensinamentos do mestre brasileiro. Isto lhe valeu convites para proferir conferências e participar de debates, nos serviços dos seguintes especialistas europeus: Mallet-Guy (Lyon, França, 1957); Paul Santy (Lyon, França, 1957); A. Bobbio (Parma, Itália, 1957); Zenquer (Munique, Alemanha, 1962); Ratschow (Alemanha, 1962); Gutgemann (Alemanha, 1962); Pierre Wertheimer (Lyon, França, 1962); Pierre Marion (Lyon, França, 1957, 1962, 1965); René Fontaine (Strasbourg, França, 1957, 1962, 1965, 1967, 1972 e 1973); Lorthart Jacob (Paris, França, 1967); Goinard (Lyon, França, 1967) e Jacques Descotes (Lyon, França, 1967 e 1973).

Quando diretor do Hospital das Clínicas (então Hospital Pedro II), o professor Romero Marques trouxe a Pernambuco o dr. Jean Pierre Gauthier Lafaye, respeitado médico francês e renomado angiologista.

Durante sua permanência no Recife (1958/1959/1960), o dr. Gauthier, apoiado pelo professor Marques, contribuiu decisivamente para a implantação de uma Escola de Anestesiologia, ainda em plena atividade e prestando relevantes serviços médicos ao povo do Estado.

Medicina Militar (1972); *Croix d'Officier dans L'Ordre National du Merite* (França, 1973); *Medalha do Mérito Maciel Monteiro*, da Sociedade de Medicina Pernambuco (1973); *Medalha do Ouro São Lucas*, do Sindicato dos Médicos, Sociedade de Medicina de Pernambuco CREMEPE (1974) e *Doutor Honoris Causa* da Universidade Louis Pasteur (Strasbourg, França, 1973).

O professor Marques também foi diversas vezes homenageado pelo Poder Legislativo de seu Estado. Merecem registro o voto de congratulações de 7 de junho de 1962, de autoria do deputado Orlando Parahin, aprovado por ocasião do recebimento da Ordem do Mérito Médico e ainda o requerimento à Câmara Municipal do Recife, do vereador Rivaldo Allain, em junho de 1975, em que ressaltava a concessão ao cientista pernambucano, pelo governo da França, da Medalha da Ordem Nacional daquele país.

Por outro lado, o emérito cientista pernambucano participou de um grande número de sociedades médico-científicas do Brasil e do Exterior, como as que são a seguir mencionadas: Sociedade de Medicina de Pernambuco; Academia Pernambucana de Medicina; Sociedade Franco-Brasileira de Medicina; Sociedade Brasileira de Angiologia; Colégio Brasileiro de Cirurgiões; Academia Brasileira de Medicina Militar; Societé Francaise d'Angiologie et Histo Pathologie, Paris; Collee Francais de Pathologie Vasculaire, Paris; Societé Francaise de Phlebologie, Paris; Societé de Chirurgie de Lyon, Lyon, França; Societé Internationale de Chirurgie, Bruxelas, Bélgica; International Hospital Federation, Londres, Inglaterra; International College of Angiology, New York, USA e International College of Surgeons, Chicago, USA.

5. Atividades acadêmicas e curriculares

O professor Romero Marques foi um incansável homem de ciências, mantendo sempre acessa a chama da curiosidade e do interesse intelectual. Do Recife — sua base de realização de pesquisas e estudos em suas especialidades médicas — o professor Marques desenvolveu intensas atividades de intercâmbio científicas e curriculares com renomadas instituições universitárias do mundo inteiro, tendo-se notabilizado, então, como reconhecida autoridade em *cirurgia vascular*.

O professor Romero Marques ainda ministrou inúmeros cursos extracurriculares, no Brasil e Exterior, contando, nessas jornadas, com a parceria e colaboração de outras grandes figuras da medicina, a saber: de Pernambuco, Manoel Caetano de Barros e Ângelo de Abreu e Lima (seus primeiros discípulos); da Bahia, Celso Figueroa; de São Paulo, Mário Degni, de Paris, Jean Daniel Picard e de Marselle, Christian Bourde. Muitas vezes, o professor Marques acionava o seu próprio "staff", ocasião em que testava os conhecimentos de seus integrantes, além de prepará-lo para as duras batalhas do dia-a-dia.

6. Referências ao professor Romero Marques feitas por especialistas e instituições médicas

"A França conta com numerosos amigos no corpo médico dos países sulamericanos. Mas entre aqueles que são há mais longo tempo, mais profundamente e mais solidamente ligados, coloca-se em primeiro plano o professor Romero Marques."

"Brilhante cirurgião, clínico esclarecido, pesquisador de qualidade, o professor Marques exerce suas atividades na região Nordeste do Brasil, onde a filiarise é ainda muito difundida..."

René Fontaine, in "Mémories Originales, Journal de Médecine, Strasbourg, 4° 1, janvier 1952."

"...O serviço René Lériché do professor Romero Marques no Hospital Universitário Pedro II é um raro exemplo na América do Sul do império que pode ter o ensino de um grande mestre."

Através do Dr. Romero Marques, todas as métodos, técnicas e ensinamentos da Escola Cirúrgica de Strasbourg, que tornaram ilustres os professores René Lériché e René Fontaine, foram adaptadas e implantadas nos países tropicais, cuja patologia muito rica se refere ao sistema linfático."

Esprito curioso, amando apaixonadamente seu país e sua profissão, o professor Romero Marques não podia ficar ausente deste problema, ao qual assegurou, desde 1945, toda a sua energia e todo o seu tempo."

Seus trabalhos conquistaram uma audiência mundial e foram publicados nos jornais científicos de seu país, assim como em revistas especializadas francesas, inglesas, espanholas. Cirurgião talentoso, administrador aprovado, universitário apreciado, suas qualidades o conduziram aos mais altos cargos...".

"O incansável devotamento do professor Romero Marques à causa da cultura francesa teve sua justa recompensa pela distinção que recebeu do nosso país."

Elige dos personalistas honrantes por L'Universel Lantier - Framer 6 setembro de 24 de outubro 1974

"O professor Romero Marques, cirurgião brasileiro especialista em cirurgia vascular, antigo Decano da Faculdade de Medicina do Recife, recebeu a insígnia de Officier dans l'ordre national du Mérite, das mãos do professor Fontaine, Decano da Faculdade de Medicina de Strasbourg. Como este último, o professor Marques foi um aluno do professor René Leriche. Ele é filho do fundador da Faculdade de Medicina do Recife e seus três filhos são igualmente cirurgiões."

In Presence de Strasbourg, Service Trimestriel, em 1973, pag. 8.

"O mestre Romero Marques, no mês de junho, entrou, lúcido e apremado, para o rol dos ostentados..."

"E esta é, sem dúvida, a sua grande glória: a glória de uma longa vida sempre a serviço das semelhantes, pois, pela lucidez do espírito, pela verticalidade do porte e pela grandiosidade do coração é um privilegiado de Deus."

Lobato de - 1943 Italo, Jornal de 1 setembro Recife (PE), por ocasião das comemorações dos 80 anos do professor Italo

7. Teses, livros e outros trabalhos publicados

Ao longo de sua existência, o professor Romero Marques publicou mais de uma centena de trabalhos científicos, perene contribuição à pesquisa e ao conhecimento científico deste século. Citem-se, a seguir, algumas das obras do eminente brasileiro:

Tese de Doutorado: *Da Ressecção nas anquiloses do cotovelo, Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1924*; Tese de Livre Docência:

Sympatectomia periarterial, Faculdade de Medicina do Recife, 1927; Tese para a obtenção da Cátedra de Clínica de Propedêutica Cirúrgica; *Exploração arteriográfica da circulação dos membros, Faculdade de Medicina do Recife, 1937*; *Cirurgia de guerra, Imprensa Industrial, Rua do Apolo, 82, Recife, 1943*; *Hypertension arterielle paroxysmique par phéochromocytome - rapport d'un cas opéré avec succès*, (em colaboração com René Fontaine, Amaldo Marques e outros, Strasbourg Médical), Strasbourg; *De La Lymphographie, Lyon, França, 1960*; *Aspêcto linfográfico en la filariose, Barcelona, Espanha; Linfografía de los linfáticos profundos de la pierna e de los muslos, Barcelona, Espanha, 1961*; *La propos de la lymphografie, 1961*; *Aspêcto linfográfico en la linfangiectasia, Barcelona, Espanha, 1961*; *Linfografía - análise das técnicas, Angiopatias, BR, 1962*; *Linfografias profundas das coxas, Angiopatias, 1962*; *Adquisições linfográficas en la filaríose, Angiolojia, 1963*; *Deep lymphography of the thigh, Journal Cardiovascular, Surgery, 1963* e *Lymphografie dans la filariose, Journal de Medecine, Strasbourg, França, 1972*.

8. Professor Romero Marques: traços da personalidade

O eminente homem de ciências Romero Marques era não só um homem metódico e disciplinado, inteligente e arguto pesquisador — atributos que lhe permitiram construir uma intensa obra científica, reconhecida internacionalmente. Era também amante dos esportes, tendo, quando de sua vida de estudante em Salvador, praticado o futebol e o remo. Sempre acompanhou com desusado interesse as notícias sobre os movimentos culturais, as artes plásticas e a pintura. Admirava os escritores brasileiros Machado de Assis e Viana Moog, e o português Eça de Queirós, cujas obras conhecia profundamente. Impregnado de Flaubert, Anatole e Osvald Splenger, profundo conhecedor de Zola, Platão e Aristóteles, era prazeroso leitor de Homero e Virgílio.

Homem do seu tempo, o professor Romero Marques impressionava por sua identidade com a velocidade das mudanças sociais, políticas, econômicas, científicas e tecnológicas do século que agora termina. Detalhista, perseguia a perfeição do conhecimento nas nuances da especialidade médica a que dedicou toda a sua existência — a cirurgia vascular.

A obra deixada pelo professor Romero Marques constitui rica e ímpar conquista da comunidade científica mundial e, por muito tempo ainda, servirá de trilha e referência para as novas gerações de cientistas, tão argutos e talentosos quanto o eminente brasileiro.

Aos 94 anos, o professor Romero Marques faleceu na cidade do Recife, em 3 de agosto de 1997, deixando profundas marcas na sociedade brasileira e, em especial, na pernambucana. Sua maior herança, certamente, está representada pelos seis filhos: os três homens, médicos e da mesma especialidade do legendário pai; as três mulheres, uma arquiteta e, as demais, especialistas em línguas neolatinas e anglo-saxônicas, todos professores universitários, belos exemplos de cidadãos e de renomada grandeza intelectual.

Sala das Sessões, 21 de novembro de 2000

Deputado José Chaves (PMDB-PE)

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO

TERMO DE RECEBIMENTO DE EMENDAS

PROJETO DE LEI Nº 3.782/2000

Nos termos do art. 119, "caput", I e § 1º, do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, o Sr. Presidente

10

determinou a abertura - e divulgação na Ordem do Dia das Comissões - de prazo para apresentação de emendas ao projeto, a partir de 03 de abril de 2001, por cinco sessões. Esgotado o prazo, não foram recebidas emendas ao Projeto.

Sala da Comissão, 10 de abril de 2001

Carla Rodrigues de Medeiros
Secretária

I - RELATÓRIO

A proposição em epígrafe tem por objetivo dar ao Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco o nome de um dos mais ilustres brasileiros do século findo, o Professor Romero Marques.

No prazo regimental, não foram recebidas emendas.

Cabe a esta Comissão Permanente o exame do mérito, em caráter conclusivo.

É o relatório.

II - VOTO DO RELATOR

Não há qualquer dúvida quanto à procedência da homenagem póstuma que o nobre Deputado José Chaves pretende prestar ao Professor Romero da Gama Marques. Trata-se, na verdade, de acrescentar mais um item à já extensa lista de manifestações de reconhecimento por magistério por longos anos responsabilmente exercido, por obra científica pacientemente realizada, por prestígio internacional merecidamente conquistado, por trabalhos

científicos publicados em periódicos nacionais e estrangeiros e por uma personalidade que ainda impressiona pela disciplina, pelo método, pela cultura e pela curiosidade intelectual.

A denominação ora proposta honra e dignifica não só o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco, mas também engrandece a instituição de ensino como tal. Afinal, como justamente argumenta o Deputado José Chaves, "a obra deixada pelo Professor Romero Marques constitui rica e ímpar conquista da comunidade científica internacional e, por muito tempo ainda, servirá de trilha e referência para as novas gerações de cientistas, tão argutos e talentosos quanto o eminente brasileiro".

Pelo exposto, sou favorável à aprovação do Projeto de Lei nº 3.782, de 2000. Sugiro, apenas, que, por caracterizar invasão de área da competência privativa do Poder Executivo, seja suprimido o art. 2º. Dai a emenda em anexo.

Sala da Comissão, em 16 de maio de 2001.


Deputado Joel de Hollanda
Relator

EMENDA SUPRESSIVA

Suprima-se o art. 2º do projeto.

Sala da Comissão, em 16 de maio de 2001.


Deputado Joel de Hollanda
Relator

III - PARECER DA COMISSÃO

A Comissão de Educação, Cultura e Desporto, em reunião ordinária realizada hoje, aprovou, unanimemente, o Projeto de Lei nº 3.782/2000, com emenda, nos termos do parecer do Relator Deputado Joel de Hollanda.

Estiveram presentes os Senhores Deputados Átala Lira, Presidente em exercício; Calista Firmino, Vice-Presidente; Agnêio Queiroz, Bonifácio de Andrada, Costa Ferreira, Eduardo Seabra, Esther Grossi, Flávio Arns, Gastão Vieira, Ivan Valente, João Matos, Marisa Serrano, Miriam Reid, Nelo Rodolfo, Nice Lobão, Osvaldo Biolchi, Paulo José Gouvêa, Professor Luizinho, Tânia Soares, Wolney Queiroz, Zezé Perrella e Jonival Lucas Junior.

Sala da Comissão, em 16 de maio de 2001


Deputado Átala Lira
Presidente em exercício

EMENDA ADOTADA PELA COMISSÃO

Suprima-se o art. 2º do projeto.

Sala da Comissão, em 16 de maio de 2000


Deputado Átala Lira
Presidente em exercício

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO

TERMO DE RECEBIMENTO DE EMENDAS

PROJETO DE LEI Nº 3.782/2000

Nos termos do art. 119, caput e inciso I do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, alterado pelo art. 1º, I, da Resolução nº 10/91, o Senhor Presidente determinou a abertura e divulgação na Ordem do Dia das Comissões, prazo para recebimento de emendas a partir de 30/05/01, por cinco sessões. Esgotado o prazo, não foram apresentadas emendas ao projeto.

Sala da Comissão, em 05 de maio de 2001.


SÉRGIO SAMPAIO CONTREIRAS DE ALMEIDA
Secretário

I - RELATÓRIO

1. O Projeto de Lei em apreço intenta dar ao Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, o nome do Professor Romero da Gama Marques, cujo *curriculum vitae* é transposto, com riqueza de detalhes, para a justificação da proposição.

2. O PL foi aprovado por unanimidade pela COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO, juntamente com a emenda do Relator, Deputado JOEL DE HOLLANDA, supressiva do art. 2º, que ordena ao Ministério da Educação, através da UFPE, adotar medidas para a implementação da lei. É o Relatório.

II - VOTO DO RELATOR

1. Cabe à COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO a análise dos aspectos de **constitucionalidade**, **legalidade**, **juridicidade**, **regimentalidade** e **técnica legislativa de projetos, emendas e substitutivos** submetidos à Câmara ou suas Comissões (art. 32, III a do Regimento Interno).

2. Sob esses enfoques nenhuma óbice se apresenta à livre tramitação do PL, salvo no que se refere ao art. 2º, que mereceu emenda da Comissão da Educação, Cultura e Desporto, sanando a inconstitucionalidade consistente na violação do art. 2º da Lei Maior, que consagra a **separação dos Poderes**.

3. Assim sendo, o voto é pela aprovação do PL 3782, de 2000, e da emenda supressiva sanatória da inconstitucionalidade intranpositível, adotada pela Comissão de Mérito.

Sala da Comissão, em 5 de maio de 2001.


Deputado RICARDO FIUZA
Relator

PARECER REFORMULADO

Durante a discussão da matéria em epígrafe, em reunião ordinária realizada hoje, acatando sugestões dos Ilustres Membros desta Comissão,

decidi reformular meu parecer, no sentido apresentar a emenda em anexo, para aperfeiçoar o texto da proposição.

Sala da Comissão, em 20 de junho de 2001.


Deputado RICARDO FIÚZA
Relator

EMENDA DO RELATOR

Dê-se ao artigo 1º do projeto a seguinte redação:

Art. 1º Fica denominado "Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - Professor Romero Marques" o atual Hospital das Clínicas, da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, localizado no Recife, estado de Pernambuco.

Sala da Comissão, em 20 de junho de 2001.


Deputado RICARDO FIÚZA
Relator

III - PARECER DA COMISSÃO

A Comissão de Constituição e Justiça e de Redação, em reunião ordinária realizada hoje, opinou unanimemente pela constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, com emenda, do Projeto de Lei nº 3.782-A/00 e da Emenda da Comissão de Educação, Cultura e Desporto, nos termos do parecer reformulado do Relator, Deputado Ricardo Fiúza.

Estiveram presentes os Senhores Deputados:

Inaldo Leitão - Presidente, Robson Tuma e Osmar Serraglio - Vice-Presidentes, André Benassi, Custódio Mattos, Fernando Gonçalves, Murilo Domingos, Nelson Marchezan, Nelson Otosh, Ricardo Ferraço, Vicente Arruda, Zulaíá Cobra, Aldir Cabral, Antônio Carlos Konder Reis, Jaime Martins, Moroni Torgan, Paes Landim, Paulo Magalhães, Vilmar Rocha, Coriolano Sales, Geovan Freitas, José Priante, Mendes Ribeiro Filho, Renato Vianna, Roland Lavigne, Geraldo Magela, José Dirceu, José Genoíno, Luiz Eduardo Greenhalgh, Marcos Rolim, Augusto Farias, Edmar Moreira, Eurico Miranda, Gerson Peres, José Antônio Almeida, Sérgio Miranda, Fernando Coruja, José Roberto Batocchio, Bispo Rodrigues, Atila Lira, Odílio Balbinotti, Raimundo Santos, Vic Pires Franco, Osvaldo Reis, Themistocles Sampaio, Ary Kara, Jélio Rosa, Wolney Queiroz e Bispo Wanderval.

Sala da Comissão, em 20 de junho de 2001

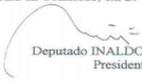

Deputado INALDO LEITÃO
Presidente

EMENDA ADOTADA - CCJR

Dê-se ao art. 1º do projeto a seguinte redação:

"Art. 1º Fica denominado "Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - Professor Romero Marques" o atual Hospital das Clínicas, da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, localizado no Recife, Estado de Pernambuco.

Sala da Comissão, em 20 de junho de 2001


Deputado INALDO LEITÃO
Presidente

Ofício nº 1428 (SF)

Brasília, em 20 de novembro de 2001.

Senhor Primeiro-Secretário,

Encaminho a Vossa Excelência, para os devidos fins, o incluso autógrafo do Projeto de Lei da Câmara nº 68, de 2001 (PL nº 3.782, de 2000, nessa Casa), sancionado pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República e transformado na Lei nº 10.307, de 8 de novembro de 2001, que "denomina 'Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - Professor Romero Marques' o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE".

Atenciosamente,


Senador Carlos Wilson
Primeiro Secretário

PRIMEIRA-SECRETARIA
Em 21 de novembro de 2001
De acordo com o teor da proposta
Caril de Uliato Filho ex-201224
Presidente
IARA ARAÚJO ALENCAR ANES
Chefe de Gabinete

ARQUIVE-SE
Em 21 de novembro de 2001
Secretaria-Chefe de Gabinete

A Sua Excelência o Senhor
Deputado Severino Cavalcanti
Primeiro-Secretário da Câmara dos Deputados
Ess/Pic01-068

Sanciona
8/11/2001



Denomina "Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - Professor Romero Marques" o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica denominado "Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - Professor Romero Marques" o atual Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, localizado no Recife, Estado de Pernambuco.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Senado Federal, em 8 de novembro de 2001.


Senador Ramez Tebet
Presidente do Senado Federal

Aviso nº 1.300 - C. Civil.

Em 8 de novembro de 2001.

Senhor Primeiro Secretário,

Encaminho a essa Secretaria Mensagem com a qual o Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente da República, no exercício do cargo de Presidente da República, restitui dois autógrafos do texto aprovado do Projeto de Lei nº 68, de 2001 (nº 3.782/00 na Câmara dos Deputados), que se converteu na Lei nº 10.307, de 8 de novembro de 2001.

Atenciosamente,


PEDRO PARENTE
Chefe da Casa Civil
da Presidência da República

A Sua Excelência o Senhor
Senador CARLOS WILSON
Primeiro Secretário do Senado Federal
BRASÍLIA-DF

Mensagem nº 1.248

Senhores Membros do Congresso Nacional,

Nos termos do artigo 66 da Constituição Federal, comunico a Vossas Excelências que acabo de sancionar o projeto de lei que "Denomina "Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - Professor Romero Marques" o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE". Para o arquivo do Congresso Nacional, restituo, nesta oportunidade, dois autógrafos do texto ora convertido na Lei nº 10.307, de 8 de novembro de 2001.

Brasília, 8 de novembro de 2001.



LEI Nº 10.307 , DE 8 DE NOVEMBRO DE 2001.

Denomina "Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - Professor Romero Marques" o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

O VICE - PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no exercício do cargo de PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica denominado "Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - Professor Romero Marques" o atual Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, localizado no Recife, Estado de Pernambuco.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 8 de novembro de 2001; 180ª da Independência e 113ª da República.





DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO

República Federativa do Brasil



SEÇÃO 1

Ano CXXXVIII Nº 215

Brasília - DF, sexta-feira, 9 de novembro de 2001 R\$ 1,49

Sumário

	PÁGINA
Atos do Poder Legislativo	1
Atos do Congresso Nacional	1
Atos do Senado Federal	3
Atos do Poder Executivo	3
Presidência da República	3
Ministério da Justiça	5
Ministério da Defesa	8
Ministério da Fazenda	14
Ministério dos Transportes	34
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento	34
Ministério da Educação	37
Ministério da Cultura	40
Ministério do Trabalho e Emprego	41
Ministério da Previdência e Assistência Social	41
Ministério da Saúde	43
Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior	103
Ministério de Minas e Energia	106
Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão	112
Ministério das Comunicações	112
Ministério da Ciência e Tecnologia	112
Ministério da Integração Nacional	112
Ministério Público da União	112
Tribunal de Contas da União	145
Entidades de Fiscalização do Exercício das Profissões Liberais	146
Poder Judiciário	146

Atos do Poder Legislativo

LEI Nº 10.900, DE 8 DE NOVEMBRO DE 2001

Adota a redação do art. 3º da Lei nº 9.311, de 24 de outubro de 1996, para tratar de Contribuição Provisória sobre Movimento ou Transmissão de Valores e de Créditos e Direitos de Natureza Financeira - CPMF - os beneficiários de privilégios e imunidades diplomáticas e consulares.

O VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA no exercício do cargo de PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 3º da Lei nº 9.311, de 24 de outubro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 3º"

VI - nos lançamentos - a débito nas contas-correntes de depósito cajo militares segun:

- missões diplomáticas;
- repatriações consulares de carreira;
- representações de organismos internacionais e zonas de caráter permanente, de que o Brasil seja membro;
- funcionários integrantes de missões diplomáticas ou representação consular;
- funcionários estrangeiros de organismo internacional que goze de privilégios ou imunidades tributárias em virtude de acordo firmado com o Brasil.

§ 1º O Banco Central do Brasil, no exercício de sua competência, poderá expedir normas para assegurar o cumprimento do disposto neste artigo, observando, inclusive por meio de documentação específica, a identificação dos lançamentos objeto da não incidência.

§ 2º O disposto nas alíneas d e e do inciso VI não se aplica aos funcionários estrangeiros que tenham residência permanente no Brasil.

§ 3º Os membros das famílias dos funcionários mencionados nas alíneas d e e do inciso VI, desde que com eles mantenham relação de dependência econômica e não tenham residência permanente no Brasil, gozarão do tratamento estabelecido neste artigo.

§ 4º O disposto no inciso VI não se aplica aos Conselheiros e Conselheiros honorários.

§ 5º Os Ministros de Estado da Fazenda e das Relações Exteriores poderão expedir, em conjunto, instruções para o cumprimento do disposto no inciso VI e nos §§ 2º e 3º (NR).

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 8 de novembro de 2001, 180ª da Independência e 113ª da República.

MARCO ANTONIO DE OLIVEIRA MACIEL
Pedro Malan

LEI Nº 10.307, DE 8 DE NOVEMBRO DE 2001

Denomina "Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - Professor Romero Marques" o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

O VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no exercício do cargo de PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica denominada "Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - Professor Romero Marques" o atual Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, localizada no Recife, Estado de Pernambuco.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 8 de novembro de 2001, 180ª da Independência e 113ª da República.

MARCO ANTONIO DE OLIVEIRA MACIEL
Paulo Renato Souza

Atos do Congresso Nacional

Faço saber que o Congresso Nacional aprovou, e eu, Ramo Tebet, Presidente do Senado Federal, nos termos do art. 48, item 2º do Regimento Interno, promulgo o seguinte:

DECRETO LEGISLATIVO Nº 435, DE 2001

Aprovo o ato que autoriza a FUNDAÇÃO ALBERTO GUERRA DE MACIEL a executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Curitiba, Estado do Paraná.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica aprovado o ato a que se refere a Portaria nº 111, de 3 de abril de 2000, que autoriza a Fundação Alberto Guerra de Maciel a executar, por três anos, sem direito de exclusividade, serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Curitiba, Estado do Paraná.

Art. 2º Este Decreto Legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

Senado Federal, em 8 de novembro de 2001.
Senador RAMEZ TEBET
Presidente do Senado Federal

Faço saber que o Congresso Nacional aprovou, e eu, Ramo Tebet, Presidente do Senado Federal, nos termos do art. 48, item 2º do Regimento Interno, promulgo o seguinte:

DECRETO LEGISLATIVO Nº 436, DE 2001

Aprovo o ato que autoriza a FUNDAÇÃO CENTRO DE APOIO SOCIAL DE CARACARÁ a executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Camaçari, Estado da Bahia.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica aprovado o ato a que se refere a Portaria nº 292, de 21 de junho de 2000, que autoriza a Fundação Centro de Apoio Social de Camaçari a executar, por três anos, sem direito de exclusividade, serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Camaçari, Estado da Bahia.

Art. 2º Este Decreto Legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

Senado Federal, em 8 de novembro de 2001.
Senador RAMEZ TEBET
Presidente do Senado Federal

ENVIO DE MATÉRIAS PARA PUBLICAÇÃO NOS JORNAIS OFICIAIS

Conheça as normas para publicação nos Jornais Oficiais e os procedimentos relativos ao Sistema de Envio Eletrônico de Matérias. Leia a Portaria nº 190 do Diretor-Geral da Imprensa Nacional, publicada na Seção 1 do Diário Oficial da União de 17 de outubro de 2001.

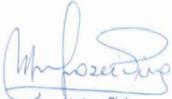
0800 61 9900

Ofício nº 1426 (SF) Brasília, em 01 de novembro de 2001

Senhor Primeiro-Secretário,

Comunico a Vossa Excelência que, aprovado sem alterações pelo Senado Federal, em revisão, foi encaminhado ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República, para os fins constantes do art. 66 da Constituição Federal, o Projeto de Lei da Câmara nº 68, de 2001 (PL nº 3.782, de 2000, nessa Casa), que "denomina 'Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - Professor Romero Marques' o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE".

Atenciosamente,


Senadora Marlucio Pinto
Segunda Sessente, no exercício
da Primeira Secretária


CÂMARA DOS DEPUTADOS

Ofício. n° 72/01- CECD
Publique-se.
Em. 06/08/01


AÉCIO NEVES
Presidente


CÂMARA DOS DEPUTADOS

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO

Ofício nº P- 72/2001 Brasília, 16 de maio de 2001

Senhor Presidente,

Comunico a Vossa Excelência, em cumprimento ao disposto no artigo 58 do Regimento Interno, a aprovação, com emenda, do PROJETO DE LEI Nº 3.782/2000, do Sr. José Chaves, que "denomina 'hospital professor romero marques' o hospital das clínicas da universidade federal de pernambuco - ufpe", para publicação da referida proposição e do parecer a ela oferecido.

Atenciosamente,


Deputado Átila Lira
Presidente em exercício


CÂMARA DOS DEPUTADOS

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO

TERMO DE RECEBIMENTO DE EMENDAS

PROJETO DE LEI Nº 3.782/00

Nos termos do art. 119, caput e inciso I do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, alterado pelo art. 1º, I, da Resolução nº 10/91, o Senhor Presidente determinou a abertura e divulgação na Ordem do Dia das Comissões, prazo para recebimento de emendas a partir de 30/05/01, por cinco sessões. Esgotado o prazo, não foram apresentadas emendas ao projeto.

Sala da Comissão, em 05 de maio de 2001.


SÉRGIO SAMPAIO CONTRERAS DE ALMEIDA
Secretário



